

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
MIRIAM VERRI GARCIA

LIBERDADE EM CLAUSURA:  
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E RELIGIOSAS DE MONJAS CARMELITAS DESCALÇAS.

SÃO PAULO  
2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
MIRIAM VERRI GARCIA

LIBERDADE EM CLAUSURA:  
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E RELIGIOSAS DE MONJAS CARMELITAS DESCALÇAS.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação da Profa. Doutora Maria José F. Rosado Nunes.

SÃO PAULO  
2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
MIRIAM VERRI GARCIA

LIBERDADE EM CLAUSURA:  
TRAJETÓRIAS PESSOAIS E RELIGIOSAS DE MONJAS CARMELITAS DESCALÇAS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José F. Rosado Nunes

BANCA EXAMINADORA:

---

---

---

Dedico esse trabalho às mulheres. Àquelas que optaram por viver a sua liberdade na clausura e àquelas que vivem, independente das grades, cerceadas na prática de seus direitos e expressão de seus sentimentos, impedidas de usufruírem de sua verdadeira liberdade.

Ao Celso, Lucas e Lia, pela alegria da vida em família, ainda que conturbada no período da realização deste trabalho.

“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta  
que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”

(Cecília Meireles)

## AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento a todos/as aqueles/as que, de alguma forma, participaram na realização deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, professora Maria José Rosado Nunes, pela acolhida, apoio e incentivo aos meus estudos. O meu reconhecimento pela sua orientação que, de forma ativa e questionadora, sempre estimulou reflexões sobre a importância das análises de gênero no dia-a-dia das mulheres e permitiu uma nova compreensão sobre o universo feminino. Agradeço ainda a contribuição das professoras Eliane Hojaij Gouveia e Maria Lúcia Carvalho da Silva, que, com seus conhecimentos e observações, enriqueceram e ampliaram a abordagem do presente estudo. Gostaria de registrar também a minha gratidão aos demais professores do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP que participaram da minha formação e contribuíram com seus ensinamentos.

Agradeço às irmãs “Flávia”, “Telma”, “Renata”, “Irene” e “Carina” do Carmelo CICMST, que me receberam e permitiram, através de seus depoimentos, o desenvolvimento do meu trabalho empírico. A minha gratidão ainda às demais religiosas de outros mosteiros que prontamente auxiliaram nas informações solicitadas: Irmãs Marlise, Teresa, Cecília, Theresinha e Maria José.

À Irmã Theresinha (*in memorium*) e à Irmã Maria do Carmo que, mesmo sem saber, motivaram a realização do meu trabalho.

Meu agradecimento especial ao Celso, Lucas e Lia, minha família, que com muito amor e paciência apoiaram e compartilharam desses momentos. Ao meu pai, Ulysses, minha mãe, Theresinha, minhas irmãs e irmãos, amigos e amigas que incentivaram e acompanharam de perto as ansiedades desse meu desafio.

À CAPES, meu agradecimento pelo apoio recebido através da bolsa que me permitiu a realização desse estudo.

## RESUMO

O presente estudo aborda a vida religiosa feminina em clausura no Brasil e procura identificar elementos que motivam, ainda hoje, mulheres a escolher esse estilo de vida.

Partindo do princípio que essas mulheres realizam livremente a opção de viver em clausura, analisa-se o contexto social atual onde as mesmas encontram-se inseridas, bem como os papéis e a identidade que lhe são atribuídos. Através da trajetória de vida dessas mulheres, observa-se alguns elementos que podem ser indicativos das motivações nessa escolha.

Com o intuito de obter dados sobre a temática, o trabalho empírico foi desenvolvido junto a um mosteiro de monjas da Ordem das Carmelitas Descalças, do interior do estado de São Paulo. Através da obtenção do relato da história de vida de cinco monjas e ainda da aplicação de questionário estruturado para a indicação do nível sócio-econômico da população do mosteiro, foi possível conhecer um pouco melhor o estilo de vida no convento.

Os resultados parecem indicar a significativa influência de fatores biográficos e da estrutura familiar, bem como uma possível ausência de perspectiva na vida dessas mulheres como elementos definidores em suas escolhas. Além disso, o estudo aponta para a necessidade de novas investigações que abordem os diferentes aspectos da vida em clausura e a relação dessas mulheres com a sociedade.

Palavras-chave: clausura, gênero, vida religiosa, feminismo, freiras enclausuradas.



## **ABSTRACT**

The main focus of this essay is religious women living in cloisters trying to identify the reasons why they have chosen this type of life.

Based on the premises that these women freely decide to live in cloisters, a deep analysis of the social context and the role they play in this context is done. Through these women's lives we can observe certain elements that may indicate the reasons for their choices.

The research work was developed in Ordem das Carmelitas Descalças monastery in São Paulo's countryside aiming at finding records about the essay's subject. Through the life report of five lady monks plus a questionnaire focusing on indications of the social-economic level of the monastery population it was possible to better understand the life style of the monastery.

The results seem to indicate important reasons related to their family biodata, as well as a possible lack of life perspectives of these women as fundamental elements of their choices. Besides that the essay leads to the need of further investigation focusing on different aspects of life in cloisters and its relationship with society.

Keywords: cloister, gender, religious life, feminism, sister cloister.

## SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	1
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>METODOLOGIA E PRIMEIROS CONTATOS .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1. SOCIEDADE, MULHER, CLAUSURA.....</b>	<b>13</b>
1.1. O CONTEXTO SOCIAL MODERNO E AS TRANSFORMAÇÕES NA VIDA DAS MULHERES .....	13
1.2. O SILÊNCIO SOBRE A CLAUSURA .....	19
1.2.1. Recolhimento, silêncio e oração – a vivência da clausura.....	21
1.2.2. Requisitos para o ingresso na VRC.....	25
1.2.3. Ordem Carmelitana Descalça.....	30
<b>CAPÍTULO 2. HISTÓRIA E COTIDIANO.....</b>	<b>34</b>
2.1. Fundação.....	34
2.2. A arquitetura do mosteiro .....	38
2.3. REGRAS E CONSTITUIÇÕES.....	42
2.4. Votos Religiosos.....	48
2.4.1. O Voto de Castidade .....	49
2.4.2. O Voto de Obediência .....	51
2.4.3. O Voto de Pobreza .....	54
2.5. Atividades Diárias.....	57
2.5.1. Relações com a sociedade.....	71
<b>CAPÍTULO 3: MOTIVOS PARA O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NA VRC.....</b>	<b>78</b>
3.1. AS MULHERES DO CLAUSTRO .....	78
3.1.1. A população do mosteiro .....	80
3.2. “EM NOME DO PAI...?” .....	84
3.3. Um sentido de liberdade.....	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
Anexo 1: MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO.....	111
Anexo 2: MODELO DE QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO .....	112
Anexo 3: DIVULGAÇÃO DO CURSO PARA RELIGIOSAS NA CRB.....	115
Anexo 4: DOCUMENTO: RELATO DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO .....	116
Anexo 5: O DIA A DIA NO CARMELO CICMST.....	120
Anexo 6: AS RELIGIOSAS DA O.C.D. ....	121

Anexo 7: A POPULAÇÃO DO MOSTEIRO .....	123
Anexo 8: GLOSSÁRIO .....	124
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é a Vida Religiosa Feminina em Clausura no Brasil, que se inicia no período colonial. No entanto, ainda hoje os conventos são locais procurados por mulheres de diferentes idades, estado civil, grau de instrução e nível sócio-econômico que desejam viver reclusas. Elas escolhem a contemplação, o silêncio e a oração como modo de vida. A atitude, em grande parte, é recebida com surpresa e resistência por parte de amigos e familiares. A “excentricidade” é tanta que pouco se fala sobre a representatividade dessa população ou sua importância, e pouco se conhece sobre o seu estilo de vida (como vivem, como se mantêm, porque optaram por viver assim).

Com o intuito de obter alguns dados sobre a temática, a investigação do presente trabalho será realizada junto a religiosas de um mosteiro da Ordem das Carmelitas Descalças (O.C.D.)<sup>1</sup> do interior do estado de São Paulo.

Meu primeiro contato com as religiosas dessa ordem ocorreu ainda na infância, quando da inauguração do Carmelo em minha cidade natal, no interior do Rio Grande do Sul. Meus pais foram convidados, pelo bispo local, a auxiliar no transporte das irmãs que fundariam o Carmelo.<sup>2</sup>

Dessa forma, acompanhei a chegada das primeiras monjas ao convento e, com admiração, tomei ciência do modo de vida dessas mulheres. Viviam fechadas, em uma casa de muro alto, sem sair do convento. Recebiam pessoas em horários determinados. Visitas pessoais eram possíveis, eventualmente, em uma sala onde as freiras ficavam separadas por grades. Usavam vestimentas do tipo uniforme.<sup>3</sup> Eram situações e comportamentos muito distintos de qualquer realidade que eu já havia presenciado. Com o tempo, compreendi que esse era o modo de vida que

---

<sup>1</sup> Carmelitas Descalças: ordem religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, formada por mosteiros masculinos e femininos. A reforma dos mosteiros femininos foi realizada por Santa Teresa de Ávila no séc. XVI.

<sup>2</sup> Carmelo: geograficamente é uma cadeia de colinas próxima à atual cidade de Haifa (antiga Porfíria), em Israel. É o nome da ordem religiosa que se formou a partir de um grupo de fiéis que se refugiaram no monte Carmelo. Hoje também são assim chamados os mosteiros da Ordem.

<sup>3</sup> Internamente nos conventos chamado de “hábito”.

essas mulheres haviam escolhido por livre e espontânea vontade, sem, contudo, entender realmente os seus motivos.

Via tudo isso como um ato de muita coragem e desprendimento dessas mulheres. Faziam valer suas vontades; abdicavam do papel de esposas e mães, imposto tradicionalmente às mulheres desde a política de povoamento e exploração do Brasil Colônia.<sup>4</sup> Renunciavam ao estudo, ao convívio e status social, à ascensão à carreira profissional, à independência financeira e à autonomia individual. Pelo contato que tive, essas religiosas passavam uma impressão de alegria e realização. Para mim, de certa forma, demonstravam praticar a sua liberdade no ato de escolher a vida em clausura. Uma hipótese que a princípio parece contraditória; entretanto, acredito merecer consideração no presente estudo sobre as motivações para a escolha da vida em clausura.

Com o passar dos anos, chegada de novas irmãs, a fundação de novos conventos Carmelitas, o ingresso de mulheres mais próximas do círculo social em que vivia - mais especificamente de uma amiga e colega de faculdade de minha irmã, com a qual tive um pouco de convivência - me fizeram voltar a refletir sobre a opção de vida em clausura.

A sociedade da qual são oriundas essas mulheres está em constante mudança, com exigências cada vez maiores quanto ao desempenho e realização de papéis socialmente relevantes; elas, entretanto, optam por uma vida reclusa, escolhem viver no silêncio e dedicam-se com exclusividade a Deus.

É perceptível a existência do contraste na sociedade contemporânea entre as mulheres seculares - não freiras - e as que optam pela vida em reclusão. A compreensão do estilo de vida dessas mulheres - reclusas -, pode contribuir para o entendimento dos valores e razões que as levam a essa escolha.

Dessa forma, pesquisar a Vida Religiosa em Clausura (VRC)<sup>5</sup> no âmbito das ciências sociais faz-se necessário e imperativo. Embora haja significativa bibliografia

---

<sup>4</sup> ALGRANTI, Leila. 1999, p. 64.

<sup>5</sup> VRC: abreviatura que será utilizada no corpo do trabalho para designar “vida religiosa de clausura”.

produzida no campo teológico, verifica-se um pequeno número de trabalhos científicos publicados. Encontram-se algumas obras principalmente no campo da História, das quais destacamos: AZZI, Riolando: *Vida religiosa feminina no Brasil Colonial* (Edições Paulinas, 1983), ALGRANTI, Leila Mezan: *Honradas e devotas: mulheres da Colônia* (Editora José Olympio, 1999) e, mais recentemente, GONÇALVES, Margareth de Almeida: *Império da Fé: andarilhas da alma na época barroca* (Editora Rocco, 2005). Duas pesquisas serão utilizadas como referência para o presente trabalho: no campo da Antropologia, a dissertação de mestrado de DINIZ, Débora: *O Reino da solidão: uma etnografia da vida em clausura das Monjas Carmelitas Descalças*, e o Relatório Final de Pesquisa de GROSSI, Miriam Pillar. *Casar-se com Cristo: Autonomia ou Submissão?*

No campo das ciências sociais, recente trabalho foi apresentado pelo argentino Gustavo Andrés Ludueña no evento “XIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina”, realizado de 27 a 30 de setembro de 2005 na PUC-RS, com o título *El género de las monjas reconstrucción de la feminidad en comunidades monásticas de Argentina*. Estudos sobre a vida religiosa ativa têm sido mais freqüentes no campo acadêmico. Esses trabalhos têm início com a obra de ROSADO-NUNES, Maria José F. *Vida Religiosa nos Meios Populares*. Petrópolis: Vozes, 1985. Citamos, também, os trabalhos de: REZENDE, Maria Valéria Vasconcelos. *A vida rompendo muros: carisma e instituição: as pequenas comunidades religiosas femininas inseridas no meio popular no nordeste*, dissertação de mestrado. Paraíba, João Pessoa: UFPb, 1999; FERNANDES, Silvia Regina Alves: *Ser padre para ser santo, Ser freira para servir: A construção social da vocação religiosa - uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro*, Tese de Doutorado, UERJ. Rio de Janeiro, 2004.

Pode-se considerar a abordagem do significado da vida em clausura no Brasil, praticamente inexistente, razão pela qual estaremos nos utilizando de alguns dados desses trabalhos, sobre a vida religiosa ativa, para compor a análise dos dados do presente estudo. Identificar os elementos que motivam o ingresso de mulheres na VRC e conhecer seu movimento social torna-se necessário para o melhor conhecimento desses grupos, seus comportamentos, atuações, influências no contexto em que se encontram inseridas.

O objeto da presente dissertação é a vida religiosa feminina em clausura, em um convento Carmelita do estado de São Paulo. Trata-se de investigar, numa perspectiva sociológica, a contradição entre os valores modernos de liberdade e da auto-realização dessas mulheres na escolha pela vida em clausura. Mulheres que abdicam da profissão, da família e do convívio em sociedade para dedicar-se às orações. Dada a contradição entre os valores buscados pelas mulheres na sociedade contemporânea e a escolha feita pelas mulheres que optam pela VRC, é possível supor que ambos os ambientes – a sociedade e o claustro – forneçam aceitação para as mulheres, mas de forma distinta: para a sociedade a constituição de novas famílias, a busca pela construção de um mundo melhor e o direito do livre exercício de ir e vir são de maior valor, ao passo que para as mulheres que escolhem viver no claustro o ambiente familiar do mosteiro, a oração, o silêncio e a vivência a um grupo restrito é um valor maior.

Para o desenvolvimento desse estudo, o trabalho apresenta-se estruturado em três capítulos. No primeiro, expõe-se a situação da mulher no contexto social moderno, assim como o contexto e a concepção de clausura. Aborda-se os requisitos para o ingresso na vida feminina de clausura, expressos na legislação reguladora – código canônico e constituição da congregação –, bem como se aponta outros critérios práticos aplicados pelas religiosas. Por fim, apresenta-se a O.C.D. envolvendo as etapas e os períodos de formação para a vida em seus mosteiros.

No segundo capítulo apresentamos a Fundação do Carmelo CICMST<sup>6</sup> e a importância da fundação de novos mosteiros; as Regras e Constituições adotadas pelos mosteiros. Posteriormente nos dedicamos a uma análise e exposição do significado dos votos religiosos professados por essas mulheres ao ingressarem na vida em clausura. Por fim, descreve-se a rotina das carmelitas abordando-se as restrições e imposições e a possibilidade de considerar-se a realização das funções diárias como uma expressão de liberdade e autonomia: orações; trabalhos; recreios; saídas e visitas.

---

<sup>6</sup> CICMST: abreviatura utilizada no corpo do trabalho para identificar o convento carmelita onde foram realizadas as entrevistas.

No terceiro capítulo aprecia-se, por meio dos depoimentos das religiosas, os elementos motivadores que impulsionam a escolha dessas mulheres pela clausura. Integram a análise alguns dados obtidos através da aplicação de questionário estruturado junto as religiosas do mosteiro CICMST e de dados encontrados em estudos anteriores sobre a vida religiosa ativa, no que se refere aos seguintes fatores: dinâmica familiar, perspectiva de vida e concepção de liberdade.



## METODOLOGIA E PRIMEIROS CONTATOS

Para adquirir os elementos necessários à realização desse trabalho, ou seja, identificar as motivações que levam mulheres a optar pela VRC, trabalhamos com roteiro para orientar as entrevistas e obter o relato da trajetória de vida dessas mulheres até o ingresso na VRC. O campo empírico é o mosteiro CICMST, pertencente à OCD, localizado no interior do Estado de São Paulo. Foram entrevistadas cinco mulheres: a irmã priora<sup>7</sup>, responsável pelo mosteiro; a irmã com maior tempo de clausura - que participou da fundação do mesmo mosteiro (atualmente com sessenta anos de vida contemplativa) e mais três irmãs indicadas pela priora.

Os primeiros contatos com a OCD foram realizados em um convento no interior do Rio Grande do Sul. Solicitei a uma religiosa conhecida o telefone do responsável pelos mosteiros em São Paulo. Obtive, assim, o telefone do provincial<sup>8</sup> dos conventos femininos desse Estado, além do telefone da Irmã priora de um mosteiro, a qual, vim posteriormente saber, é a atual presidente da Associação dos Carmelos das Carmelitas Descalças da Região Sudeste.<sup>9</sup>

Algumas tentativas - seis - foram realizadas, em dias e horários distintos, até o efetivo contato com o prior indicado. Entretanto, o mesmo já havia sido transferido, motivo pelo qual sugeri contato com o seu substituto. Novas tentativas - três -, também em dias e horários distintos, para, finalmente, conseguir falar com o responsável pelos conventos. Meu objetivo inicial era agendar uma reunião com o prior para obter informações gerais sobre a vida em clausura e a autorização para contato com algum dos mosteiros e realização das entrevistas. No entanto, o Provincial desconsiderou a necessidade dessa reunião e forneceu-me o telefone de dois mosteiros, com o nome das respectivas prioras. A escolha ficaria a meu critério e ao interesse das irmãs em me receberem.

---

<sup>7</sup> Priora: irmã eleita por mandato de três anos; responsável pela gerência do mosteiro; considerada autoridade máxima no convento;

<sup>8</sup> Provincial: padre da OCD, com superioridade regular nos mosteiros de determinada região.

<sup>9</sup> Cada Carmelo feminino da Congregação das Carmelitas Descalças pode escolher participar ou não da Associação dos Carmelos de sua região, que tem por objetivo a troca de experiências entre os mosteiros e incremento na proposta da VRC. Estaremos abordando as Associações no Capítulo 2.

O passo seguinte foi então o contato com o mosteiro escolhido – o critério para escolha deu-se exclusivamente em razão de sua localização e da facilidade de acesso em relação a minha residência. Na primeira ligação telefônica solicitei a irmã priora - indicada pelo prior. Fui atendida por outra irmã (que informou estar a priora em atendimento no locutório),<sup>10</sup> que prontamente disponibilizou-se me auxiliar. Expliquei o meu objetivo e os procedimentos realizados até aquele momento. Atendeu-me com simpatia, dizendo particularmente nada ter a opor em relação à realização da minha pesquisa; entretanto, por tratar-se de questões que envolviam a privacidade das irmãs, seria necessário apresentar a questão ao Conselho<sup>11</sup> do mosteiro. Tão logo obtivesse esta autorização, retornaria minha ligação. O prazo combinado foi até o final do mesmo dia.

Para minha surpresa, após 30 minutos recebi a ligação da irmã responsável pelo mosteiro, a priora. Pediu desculpas por não ter atendido quando liguei. Havia recebido o recado e indagou novamente sobre o que se tratava: qual o meu objetivo; quem estava orientando a minha dissertação; em que consistiria o trabalho, etc. Colocou-se à disposição para me receber, agendou a segunda-feira - quatro dias após a ligação - às 14h30.

A primeira visita foi realizada no horário combinado. Permaneci no mosteiro das 14h30 às 17h10. Durante esse período, fui recebida pela irmã priora, na maior parte do tempo. Ela fez comentários sobre a história da vida monástica das irmãs Carmelitas Descalças; particularidades e diferenças em relação a outras ordens; informações históricas e organizacionais do Carmelo no Brasil; etc. Esse primeiro encontro não foi gravado, tratou-se mais de uma apresentação. A uma certa altura desse contato, a irmã priora foi chamada a um atendimento. Apresentou-me outra irmã - a mesma que me atendera ao telefone na primeira vez - para complementar as informações e responder minhas questões. Senti que o intuito era o de me conhecer melhor, saber quem eu era, e o real propósito pelo qual eu chegava até

---

<sup>10</sup> Locutório: recinto separado por grades, no qual é permitido às pessoas recolhidas em conventos ou mantidas em prisões conversar com as de fora que as visitam; in “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, disp. em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=locut%F3rio>; consulta em 08.05.06.

<sup>11</sup> Conselho: formado por 3 ou 4 irmãs escolhidas por votação para período de 3 anos, com a função de auxiliar a priora na gerência do mosteiro.

elas. Foram momentos de muita receptividade e cordialidade de ambas as religiosas. Ao final, colocaram-se à disposição. Confirmaram que seria necessária a consulta às irmãs do Conselho e às demais irmãs sobre o interesse em participarem das entrevistas. Mas, de qualquer forma, confirmaram que eu poderia retornar na próxima segunda-feira, no mesmo horário.

Na segunda visita, recebi a confirmação de que nenhuma irmã havia se oposto a participar das minhas entrevistas. Todas haviam assentido em colaborar para a realização do meu trabalho. Com a confirmação, retomei os esclarecimentos sobre o procedimento que seria adotado nas entrevistas: todas as irmãs que dessem depoimento precisariam assinar um termo de consentimento.<sup>12</sup> As informações constantes no termo de consentimento eram: que as irmãs teriam todo direito de desistir em qualquer etapa do trabalho, solicitar a exclusão e não utilização de seu depoimento; não precisariam responder perguntas que não se sentissem à vontade; as entrevistas seriam gravadas e transcritas e, por fim, da minha parte, reiterava o compromisso com o sigilo da identidade das irmãs e do mosteiro no trabalho.

Em seguida, deu-se início então à primeira entrevista, realizada com a irmã priora, que fez o relato de sua história de vida até o ingresso na clausura.

Como mencionado, foram realizadas cinco entrevistas, num total igual de visitas ao mosteiro, sendo duas entrevistas realizadas numa mesma tarde. Durante a segunda entrevista - que ocorreu na terceira visita ao mosteiro - após mais de uma hora de gravação, houve interrupção da priora para solicitar que a irmã entrevistada atendesse uma amiga que estava à sua espera. Boa parte das perguntas deixaram de ser respondidas. Ficou acordado que, em minha visita seguinte, a mesma irmã retornaria para complementar a entrevista. Entretanto, nas três visitas subseqüentes essa irmã não teve disponibilidade.

O critério para seleção das irmãs entrevistadas ficou a cargo da irmã priora. Em minha primeira visita, informei que gostaria de entrevistar três irmãs, mais a própria priora e a irmã que participou da fundação do Carmelo, com o objetivo de obter uma

---

<sup>12</sup> Ver modelo no Anexo 1.

história viva do convento. A partir disso, permaneceram as visitas sendo realizadas uma vez por semana, nas segundas-feiras - dia escolhido pela irmã Priora - sempre no mesmo horário, às 14h30. Foi solicitado que eu ligasse na parte da manhã, do dia de minha visita, para confirmar o encontro; o que foi sempre feito.

A entrevistada de cada dia era sempre uma surpresa. Na minha visita subsequente à entrevista que foi interrompida, esperava podê-la complementar. Para isso me preparei. Entretanto, apresentou-se a irmã mais antiga, de oitenta e dois anos. Levei algum tempo para adaptar o roteiro da entrevista e resgatar o que havia preparado para ela. A entrevista foi objetiva e rápida, se comparada com as demais. Nesse mesmo dia consegui realizar mais uma entrevista. No entanto, considerei-a inapropriada, pela quantidade de perguntas. Houve, de minha parte, esquecimentos, no sentido de não recordar que a própria irmã já havia respondido. Dessa forma, em novos encontros não considerei mais a possibilidade de realizar duas entrevistas. Solicitei à priora apenas uma entrevista em cada visita.

No decorrer dos encontros quase sempre era recebida primeiro pela priora, que apresentava a irmã que daria a entrevista. Num desses encontros, perguntei se ela estava seguindo algum critério para selecionar as entrevistadas. Inicialmente, informou não haver critério e perguntou da necessidade de algum. Disse que não. Na seqüência, disse que havia selecionado uma irmã, a de maior idade e também com maior tempo de vida em clausura; a irmã com menor idade, e duas irmãs que, apesar da mesma idade, apresentavam períodos distintos de vida em clausura. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com religiosas de: sessenta, quarenta e quatro, vinte e cinco, nove e oito anos de vida em clausura.

As cinco entrevistas totalizaram quase sete horas de gravação e foram todas transcritas e examinadas atentamente. Após algum período, duas novas visitas foram realizadas ao Carmelo com o intuito de complementar e esclarecer os dados sobre a vida no mosteiro, que resultaram mais três horas de gravação.

Diante da necessidade de obtermos um perfil sócio-econômico das religiosas que nos permitisse uma análise proposta para o capítulo III, aplicou-se um questionário

estruturado.<sup>13</sup> Este que foi enviado por correspondência ao mosteiro, aos cuidados da irmã priora para que entregasse as demais religiosas. Posteriormente foram recolhidos em uma nova visita. Tal necessidade decorreu do fato de inexistirem dados disponíveis sobre as religiosas de clausura no Brasil, conforme comentaremos no capítulo 3.

Assim sendo, trabalhamos com os depoimentos das religiosas, compreendidos como história oral nos termos de MEIHY, José Carlos (2005, p.17), em que essas mulheres apresentam as suas trajetórias pessoais e religiosas de monjas carmelitas.

Em busca do número de monjas na O.C.D. nos foi sugerido o contato com as respectivas presidentes das quatro associações dos Carmelos no Brasil. Em razão da localização desses mosteiros, realizamos inicialmente contato telefônico e solicitamos o envio das informações por e-mail. Para a irmã presidente da associação da região que envolve o Estado de São Paulo enviamos e-mail com perguntas sobre o significado e os objetivos das associações. Mensagens essas que foram todas prontamente respondidas.

---

<sup>13</sup> Ver modelo Anexo 2.

## CAPÍTULO 1. SOCIEDADE, MULHER, CLAUSURA

### 1.1. O contexto social moderno e as transformações na vida das mulheres

Abordar a situação das mulheres no contexto social moderno se faz importante na medida em que desse universo é que emergem as mulheres que escolhem uma vida de clausura - nosso objeto desta pesquisa.

Dados estatísticos divulgados pela mídia são amplos e contemplam os mais diversos aspectos, na tentativa de atribuir uma identidade às mulheres. Para uma contextualização, no presente trabalho consideraremos os papéis sociais do contingente feminino numa sociedade patriarcal; as mudanças ocorridas nos últimos tempos; os novos papéis assumidos em razão das reivindicações femininas e feministas; os conflitos que perfazem a realidade feminina e estabelecem novos desafios.

Desde o final século XIX e primeiras décadas do século XX, a educação feminina estava voltada para o matrimônio e a maternidade. “A mulher”, considerada de forma essencialista como uma entidade homogênea, referida a sua condição sociológica, precisava ser esposa dedicada, obediente, letrada e com noções de piano e bordado.<sup>14</sup> As meninas brancas da elite recebiam educação em seus lares e em escolas femininas, geralmente religiosas. O objetivo era aprender a ler; ir além desse grau de formação poderia ameaçar o destino feminino: o futuro casamento.<sup>15</sup> Ao sexo feminino eram conferidos os atributos de *“pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo, entre outros, que colocavam as mulheres como responsáveis por toda a beleza e bondade que deveriam impregnar a vida social”*.<sup>16</sup> A sexualidade da mulher branca estava orientada para gerar e vinculada ao matrimônio. As mulheres brancas das classes

---

<sup>14</sup> DUNDER, Karla. “Pioneiras que mudaram o rumo da História”, in O Estado de São Paulo (“Caderno 2”, p. D7), São Paulo, 08.03.05.

<sup>15</sup> Trajetória da mulher na educação brasileira: 1996-2003 INEP, disponível no website [http://www.inep.gov.br/estatisticas/trajetoria\\_mulher/default.htm](http://www.inep.gov.br/estatisticas/trajetoria_mulher/default.htm), acesso em 19.06.06.

<sup>16</sup> Idem.

altas deveriam voltar-se para o cuidado com a casa, o marido e os filhos. Sua imagem era de “rainha do lar”. Como afirma Leila ALGRANTI (1999, p. 253), “*a função primordial das mulheres da Colônia era serem boas mães e esposas*”. A ordem familiar, nesse período, correspondia à ordem reprodutiva natural: pai, mãe e filhos e, portanto, a função essencial da mulher não poderia ser alterada.

No século XXI, é possível afirmar que as mulheres têm uma desafiante trajetória em busca de sua emancipação. Ainda persistem os vínculos com papéis familiares e domésticos; no entanto, muitas conquistas foram concretizadas e transformaram o modo de vida das mulheres e a sua relação com sociedade - ainda que se considerem as diferenças de classe e de raça. O acesso à educação universitária e ao mercado de trabalho, o direito ao voto, a pílula anticoncepcional e a legalização do divórcio podem ser citados como alguns exemplos que garantiram a conquista do espaço público feminino, freqüentado, até então, quase que exclusivamente pelos homens.

Boa parte dessas conquistas são atribuídas aos movimentos feministas. As correntes e interpretações desses movimentos são diversas. Convergem, porém, para uma mesma razão de existir: garantir e defender os direitos de igualdade entre os sexos masculino e feminino no contexto social. Revolucionárias e utópicas num passado recente, suas conquistas muitas vezes parecem insignificantes nos dias hoje.<sup>17</sup>

Assim, pode-se afirmar que diversos ideais feministas foram alcançados, outros transformados, mas novas necessidades também foram descobertas. No entanto, segundo Flávia PIOVESAN, os direitos constitucionalmente garantidos às mulheres estão longe de fazer parte de suas rotinas:

No plano jurídico, à luz da Constituição Federal de 1988 (que incorporou a maioria significativa das reivindicações das mulheres) e dos instrumentos internacionais de proteção dos direitos humanos adotados pelo Brasil, resta assegurada a plena igualdade entre os gêneros, sendo vedada qualquer forma de discriminação. Porém, os dados da realidade brasileira invocam a distância entre os avanços normativos e

---

<sup>17</sup> VEJA, São Paulo, Edição Especial n. 65, ano 39, junho de 2006. 100 p.

as práticas sociais , que refletem a persistência de um padrão discriminatório em relação às mulheres.<sup>18</sup>

Por outro lado, talvez pela significativa discriminação e pelos altos índices de violência contra as mulheres, pode-se observar um movimento e uma maior preocupação com as questões da mulher. Hoje, já existe uma entidade voltada à identificação concreta das situações de discriminação da mulher brasileira;<sup>19</sup> da mesma forma, já é possível acompanhar dados estatísticos atualizados sobre a condição feminina. Órgãos governamentais são destinados a estabelecer “*políticas públicas que contribuem para a melhoria da vida de todas as brasileiras*”<sup>20</sup> e a prestar atendimento a mulheres vítimas de violência.<sup>21</sup>

Independente disso, os dados publicados nas pesquisas realizadas demonstram, por si só, a condição social lastimável em que se encontra a mulher brasileira em pleno século XXI. As mulheres já representam 51,2% de uma população nacional estimada em 174 milhões de indivíduos.<sup>22</sup> Elas formam o maior grupo de eleitores<sup>23</sup> e também estão mais presentes nas universidades do que os homens.<sup>24</sup> Estão inseridas nas empresas, repartições públicas, política e religião. No entanto, ainda são minoria nas posições de poder. Em pesquisa sobre o tema divulgada pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupou a 51ª posição – entre 58 países – no quesito “*sobre a diferença no exercício de direitos entre homens e mulheres*” e o penúltimo lugar em participação política das mulheres.<sup>25</sup> Elas correspondem, na média, a 11,54% dos integrantes do poder Legislativo e a 5,71% do poder Executivo, embora representem 52,14% dos servidores da administração pública.<sup>26</sup>

---

<sup>18</sup> PIOVESAN, Flávia. “Participação política das mulheres”, in Folha de São Paulo (“Opinião”, A3), São Paulo, 06.02.06.

<sup>19</sup> Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), vinculada à Presidência da República. Informações e publicações disponíveis em <http://www.planalto.gov.br/spmulheres/>; acesso em 26.06.06.

<sup>20</sup> É o objetivo proposto para a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), criada no início do atual governo e vinculada à Presidência da República.

<sup>21</sup> Criação das delegacias de polícia especializadas no atendimento a mulheres vítimas de violência.

<sup>22</sup> “Trajetória da mulher na educação brasileira: 1996-2003 INEP”, disponível no site [http://www.inep.gov.br/estatisticas/trajetoria\\_mulher/default.htm](http://www.inep.gov.br/estatisticas/trajetoria_mulher/default.htm); acesso em 19.06.06.

<sup>23</sup> As mulheres compõem 50,48% do eleitorado nacional. PIOVESAN, Flávia, op. cit.

<sup>24</sup> Existem 30% mais mulheres do que homens estudando nas universidades. VALDEJÃO, Renata, “Elas estudam mais, mas ganham muito menos”, in Folha de São Paulo (Especial, p. 8), São Paulo, 08.03.05.

<sup>25</sup> PIOVESAN, Flávia. Participação..., op. cit.

<sup>26</sup> Idem



Nas demais atividades profissionais, os números também desanimam. O fato de as mulheres estarem inseridas no mercado de trabalho não é suficiente para demonstrar o seu desenvolvimento social,<sup>27</sup> uma vez que as diferenças persistem também quanto à remuneração. Mulheres são promovidas a cargos de chefia nas grandes empresas em um tempo 35% maior do que seus colegas homens; e representam apenas 14% dos cargos de gerência e diretoria das indústrias de transformação.<sup>28</sup> Na população feminina com 11 anos ou mais de estudo, o salário delas ainda é 43% menor que o salário deles para a mesma atividade.<sup>29</sup> No campo religioso, *“continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas”*.<sup>30</sup> A elas fica a maior presença, apenas, nas práticas religiosas.

Não menos surpreendentes são as justificativas produzidas para a prática da segregação das mulheres das posições de poder. Entre elas, aparecem: a *“responsabilidade com a família”*<sup>31</sup> a *“busca por custos mais baixos”*<sup>32</sup> *“a menor disponibilidade que elas possuem em relação aos homens, na média, para irem trabalhar em um outro país pela empresa quando necessário, em razão da família”*<sup>33</sup> ou ainda *“elas podem ter alternativas mais atraentes que os homens fora do mercado de trabalho, como ter filhos”*.<sup>34</sup>

No âmbito familiar, os números não são mais favoráveis, nem aliviam a condição feminina na sociedade. Os dados se diversificam e intensificam as diferenças de raça e classe social. As mulheres convivem com índices alarmantes de violência doméstica. A cada 15 minutos uma mulher é espancada no país – e, segundo a

<sup>27</sup> “Trajetória da mulher na educação brasileira: 1996-2003”, op. cit.

<sup>28</sup> KON, Anita, “Mulher espera 35% a mais por promoção”, in Folha de São Paulo (Folha Dinheiro), p. B1, São Paulo, 26.03.06 (artigo feito com base nos dados do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, órgão ligado ao Ministério do Planejamento)

<sup>29</sup> VEJA, São Paulo, Edição Especial n. 65, ano 39, junho de 2006. 100 p.

<sup>30</sup> ROSADO-NUNES, Maria José. Editorial do Dossiê Gênero e Religião para Revista REF Volume 13, n.2, ano 2005, disp. em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-26X20050002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-26X20050002&lng=en&nrm=iso) e <http://portalfeminista.org.br>

<sup>31</sup> “ESTATÍSTICA nega predisposição genética”, in Folha de São Paulo (“Especial”, p. 9), São Paulo, 08.03.05, autoria n.d.

<sup>32</sup> KON, Anita, “Mulher espera...”, op. cit.

<sup>33</sup> “CRESCER presença feminina na chefia”, in Folha de São Paulo (“Folha Dinheiro”, p. B1), São Paulo, 26.03.06, autoria n.d.

<sup>34</sup> Afirmação do Economista Danilo Coelho, realizador da primeira pesquisa no Brasil em que foram calculadas as diferenças de tempo para promoção de homens e mulheres. Essa pesquisa teve como base as informações de 1996 a 2004 da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), uma espécie de censo anual do mercado de trabalho formal do Ministério do Trabalho. KON, Anita, “Mulher espera...”, op. cit.

Fundação Perseu Abramo, 33% das brasileiras já foram agredidas.<sup>35</sup> O agressor, na maioria dos casos, é o próprio parceiro.<sup>36</sup> Elas têm uma sobrecarga com os afazeres domésticos, dedicando um período seis vezes maior do que o dedicado para a mesma atividade por seus companheiros (quatro horas e 28 minutos, contra 47 minutos dele durante os dias da semana).<sup>37</sup> A elas são atribuídas a atenção aos filhos e a responsabilidade pela família.<sup>38</sup> Uma família, aliás, que já não se limita ao modelo único heterossexual, mas se constitui em pluralidade de modelos.

Os conflitos familiares muitas vezes passaram a ser resolvidos pelo divórcio e, nesses casos, “*são os homens que geralmente abandonam os filhos*”<sup>39</sup> e deixam a responsabilidade da família para a mulher. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a participação da mulher como “pessoa de referência” na composição das famílias teve um crescimento de 45,72% entre 1996 e 2003.<sup>40</sup> Na sexualidade, permanece o interesse pelo controle, que se manifesta através da não liberdade de escolher o processo gestacional. Em situações de gravidez indesejada, a responsabilidade é atribuída exclusivamente à mulher. Ela é quem deve sujeitar-se à prática de abortos inseguros e arriscar sua vida. Hoje, no Brasil, são aproximadamente três milhões de mulheres<sup>41</sup> que já se submeteram a alguma prática de aborto não natural.

Com base nos dados acima, as perspectivas femininas não podem ser vistas com um olhar dos mais otimistas. Persistir na conquista do seu espaço público sem discriminação de gênero requer um acúmulo de responsabilidades. Dessa forma, o estabelecimento de um quadro que expresse a situação das mulheres nas sociedades atuais inclui paradoxos que giram em torno de questões de gênero,

<sup>35</sup> BOCATO, Raquel, “Representação aumenta à sombra do machismo”, in Folha de São Paulo (“Especial”, p. 4), São Paulo, 08.03.05. Os dados também encontram-se disp. em <http://www.planalto.gov.br/spmulheres/estudos/index.htm>; acesso em 18.07.06.

<sup>36</sup> Pesquisa do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero da Universidade de São Paulo (USP), feita com dados de 1998, mostrou que 70% dos homicídios ou tentativas de homicídio contra mulheres foram praticados por maridos, namorados e ex-companheiros. BOCATO, R., “Representação aumenta...”, op. cit.

<sup>37</sup> Aos sábados e domingos, a jornada feminina, que inclui trabalhos fora e dentro de casa, é de cinco horas e vinte e seis minutos, enquanto a masculina não passa de três horas e 21 minutos, menos de dois terços da delas. VEJA, São Paulo, Edição Especial n. 65, ano 39, junho de 2006. p.38.

<sup>38</sup> “Trajetória da mulher na educação brasileira: 1996-2003 INEP”, op. cit.

<sup>39</sup> KHEL, Maria Rita, “Novos cenários na família”, in Folha de São Paulo (“Especial”, p.18), São Paulo, 08.03.05.

<sup>40</sup> Trajetória da mulher na educação brasileira: 1996-2003 INEP, op. cit., pg 37.

<sup>41</sup> Pesquisa da Fundação Perseu Abramo: “A mulher brasileira nos espaços público e privado – outubro 2001. Disponível no site <http://www.planalto.gov.br/spmulheres/estudos/index.htm>; acesso em 18.07.06.

classe social e raça, e também de outras questões como profissão, casamento, maternidade, convivência doméstica. A definição de mulher moderna é bem adequada à metáfora de “mulher-elástico” criada por Maria Helena FERNANDES (2006),<sup>42</sup> que, ironicamente, atribui à mulher a necessidade de

corresponder às inúmeras demandas próprias de sua época, a mulher-elástico precisa não só ser ideal, mas também ter o corpo ideal. Além de mãe dedicada, compreensiva e bem humorada, deve conservar-se sempre jovem. Amante ardente e bem disposta, precisa ter uma diversidade de investimentos. Com igual obstinação, realiza os exercícios físicos indispensáveis à manutenção do corpo perfeito e mantém vivos seus interesses culturais nos destinos da humanidade (...) a mulher-elástico é medianamente culta. Bem informada, é capaz de falar sobre qualquer assunto, mesmo que deixe transparecer certa mediocridade em muitos deles. Além de magra, realizada e bem-sucedida profissionalmente, é bonita, bem-cuidada e economicamente independente.

As mulheres precisam dar conta da identidade social que lhes é destinada. Seu maior desafio persiste sendo o de consolidar o pleno exercício de seus direitos civis e transformar, segundo Victória Lee ERICKSON (1996, p.57), as *“diferenças entre a masculinidade e a feminilidade que são mantidas pelas forças sociais que promovem e sustentam atos de violência”*. As conquistas foram significativas; no entanto, nem todos os resultados esperados foram atingidos. É esse universo de conflitos e expectativas - necessidade de êxito profissional, independência, autonomia e sucesso financeiro conciliado com o acúmulo de responsabilidades, com o trabalho doméstico, com o cuidado da família e a educação dos filhos - que angustia e inquieta as mulheres brasileiras.<sup>43</sup>

É de se supor que o sentimento de impotência diante dos desafios que lhe são impostos faz com que as mulheres vislumbrem alternativas de identidade que lhes proporcionem menos sofrimento e tristeza. A vida religiosa em clausura pode ser

---

<sup>42</sup> “Mulher Elástico: Assim como a personagem do desenho animado, a mulher contemporânea tem de ser elástica para dar conta das demandas do cotidiano.” Revista Viver, mente e cérebro, disponível no site [http://www2.uol.com.br/viverente/conteudo/materia/materia\\_49.html](http://www2.uol.com.br/viverente/conteudo/materia/materia_49.html); acesso em: 20.06.06.

<sup>43</sup> Admite-se ainda que o peso desses conflitos recaia sobremaneira para mulheres pobres e negras, tendo em vista o contexto de excludente sociedade brasileira. Segundo a pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado” (op. cit.), o perfil sócio-demográfico da mulher brasileira é composto de 38% de mulheres com ascendência étnico-racial branca e negra; só branca, 29%; só negra, 6%; branca, negra e indígena, 12%, branca e indígena, 9%; apenas 2% dessas mulheres moram em domicílios com renda familiar mensal acima de 20 salários mínimos (R\$ 3.600,00). Dessa forma, seria de supor que o maior número de mulheres na clausura fossem provenientes de classe pobre e da raça negra. No entanto, no mosteiro CICMST, verifica-se que as mulheres são predominantemente brancas, oriundas, atualmente, de classe média, com menor grau de escolaridade em relação as religiosas que ingressaram até os anos sessenta, como será analisado no capítulo 3.

uma delas. As mulheres que optam por esse estilo de vida são oriundas da sociedade que lhes destina o papel de “cuidadoras”, ao mesmo tempo em que as desafia a superar as desigualdades de gênero. De certa forma, pode-se considerar que tais mulheres são avessas a todos esses contra-sensos. No entanto, elas escolhem a dedicação exclusiva à oração e ao silêncio, restringem o seu espaço físico e abdicam do direito de ir e vir, dispor da sua sexualidade, da sua autonomia e dos seus bens, mas afirmam encontrar a sua vocação. Sem dúvida uma opção pouco habitual. É sobre elas que versa o presente trabalho. No próximo tópico nos dedicaremos à compreensão do contexto e da concepção da clausura.

## 1.2. O silêncio sobre a clausura

A vida religiosa feminina em clausura no Brasil iniciou-se no período colonial - final do século XVII e princípio do século XVIII. Os mosteiros eram chamados de “casas de reclusão” feminina e tinham como objetivo educar, proteger ou simplesmente abrigar, por um curto período de tempo, as mulheres brancas da Colônia. As motivações para o ingresso nos mosteiros femininos eram distintas e estavam vinculadas à devoção, manutenção da honra ou mesmo a dificuldades financeiras familiares.<sup>44</sup> Os mosteiros visavam atender uma necessidade da comunidade local e, em caráter excepcional, representavam um ambiente de devoção e de cumprimento de uma disciplina religiosa.

Pouco se fala sobre a clausura. Em menor número são os estudos acadêmicos produzidos que não envolvem o aspecto teológico. As abordagens giram principalmente em torno da história e da antropologia para a interpretação de seu significado.<sup>45</sup> Na mídia, a divulgação também não é muito freqüente, ainda que, nos últimos anos, o tema tenha sido trazido à discussão por alguns dos principais jornais e revistas do país. Os títulos das matérias chamam a atenção ao inusitado fato de homens e mulheres escolherem viver fechados, em espaços restritos, atrás de grades e com rigorosa disciplina: *“Monjas vivem atrás de grades em busca de*

---

<sup>44</sup> ALGRANTI, Leila, 1999, p.17.

<sup>45</sup> Destaca-se na abordagem histórica da Clausura a proposta de Leila ALGRANTI (1999), que investiga o “significado e a especificidade da reclusão institucional feminina na Colônia” e, na antropologia, ao trabalho de DINIZ, Débora (1995, p.149), que atribui à vida em clausura “um estágio liminar de um rito de passagem”.

*espiritualidade*”;<sup>46</sup> *“Elas querem ter uma vida de monja: Igreja assiste ao fenômeno do crescimento do interesse das mulheres pela rotina de contemplação e orações nos mosteiros”*;<sup>47</sup> *“A opção de vida delas: rezar pelo mundo”*;<sup>48</sup> ou, ainda, *“Clausura – eles vivem atrás das grades por vontade própria, dormem em celas e só saem para rua em caso de doença. O cotidiano de freiras e monges nos oito mosteiros da cidade.”*<sup>49</sup> Sem dúvida, as reportagens chamam a atenção e desfazem a idéia de que as pessoas que escolhem esse estilo de vida serem marginalizadas socialmente, tristes, frustradas e infelizes que, diante da falta de perspectiva de vida ou de uma desilusão amorosa, “refugiam-se do mundo” nos mosteiros. Instigam o leitor, pois, à reflexão.

Este trabalho, como mencionado, objetiva identificar os elementos motivadores que resultam na escolha desse estilo de vida, especificamente no que diz respeito à vida religiosa feminina. Ocasionalmente, a título ilustrativo, comparações poderão ser mencionadas em relação à vida em clausura masculina. No entanto, para uma correta abordagem de gênero sobre a clausura feminina e masculina, novos estudos precisam ser realizados.

Cabe aqui ressaltar, como fizeram Miriam GROSSI<sup>50</sup> e Débora DINIZ,<sup>51</sup> que a investigação do tema, por não ser uma proposta comum, requer sem dúvida um esforço e envolvimento mais próximo em relação à população pesquisada. Situação que também despertou-me dúvidas e uma certa angústia quanto à própria capacidade de expor as análises e transmitir de forma adequada a paixão e a alegria com que essas religiosas nos recebem e auxiliam. É perceptível o entusiasmo demonstrado para divulgação da clausura. Há, sem dúvida, uma preocupação de que as informações sejam divulgadas adequada e corretamente. Dessa forma, é possível que mais pessoas sejam conhecedoras da sua realidade e identifiquem-se com a vida contemplativa. Segundo elas, a divulgação viabiliza esclarecimentos sobre o assunto e contribuem para uma escolha consciente.

---

<sup>46</sup> Matéria publicada no Jornal Folha de São Paulo (“Cotidiano”, p. C19), São Paulo, 21.05.06.

<sup>47</sup> Matéria publicada no Jornal O ESTADO DE S. PAULO (“VIDA&”, p. A22), São Paulo, 31.07.05.

<sup>48</sup> Matéria publicada no Jornal O ESTADO DE S. PAULO (“Geral”, p. A8), São Paulo, 10.05.04.

<sup>49</sup> Matéria publicada VEJA São Paulo, São Paulo, n. 31, ano 36, 06.08.03. 100 p.

<sup>50</sup> GROSSI, Miriam, 1987.

<sup>51</sup> DINIZ, Débora, 1995.

Dimensionar essa população foi uma de nossas preocupações. Quantas são as mulheres que vivem enclausuradas atualmente no Brasil? Quem são? Atendem a um determinado perfil sócio-econômico? Quantas ingressam ou abandonam os mosteiros católicos? Infelizmente não podemos fornecer tais dados, visto que eles não existem<sup>52</sup>. O enclausuramento de mulheres, segundo Leila ALGRANTI (1999, p. 321), “*é originalmente um movimento religioso*”. O contingente, objeto do presente estudo, está vinculado à Igreja Católica. Compete à Santa Sé a autorização para a formação da Ordem ou Congregação, assim como a autorização para o ingresso ou o abandono do claustro. No entanto, a própria Igreja parece desconhecer as devotas seguidoras de sua doutrina. Assim, não se pode simplesmente atribuir à sociedade a responsabilidade pela falta de interesse ou pelo pouco conhecimento da clausura.

Sabe-se, no entanto, que a consagração de mulheres à oração, ao silêncio e à contemplação ocorre desde os primórdios da história do Cristianismo. Ainda hoje, os conventos são procurados por mulheres que, supõem-se, com base nos dados da população do mosteiro CICMST, apresentam características possíveis de definir certo perfil sócio-econômico.

No próximo item trataremos de compreender o significado e a extensão da clausura. O seu espaço e as delimitações onde vivem essas mulheres.

### **1.2.1. Recolhimento, silêncio e oração – a vivência da clausura**

A vivência da clausura está associada ao estilo de vida, principalmente das monjas contemplativas. A etimologia da palavra nos remete para o conceito de “*tudo o que serve para fechar, fechadura, fecho, praça fortificada*”.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> No capítulo 3 serão abordadas as dificuldades na obtenção dos dados sobre a vida em clausura.

<sup>53</sup> Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, disp. em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=clausura>; acesso em 09.05.06.

Com efeito, a vida religiosa em clausura foi a primeira forma de vida religiosa conhecida até 1849.<sup>54</sup> O estilo de vida dessas mulheres distingue-se do das religiosas de vida ativa por viverem reclusas em um mosteiro, sob regras rígidas de disciplina, dedicadas exclusivamente ao silêncio, à devoção e à contemplação. Elas não têm como missão desenvolver atividades evangelizadoras junto à sociedade e à população. A principal atividade dessas monjas é rezar.

A criação da clausura inicialmente atendeu aos objetivos de *“afastar as mulheres do contato com o mundo e com o espaço público, a fim de purificá-las, protegê-las ou puni-las”*.<sup>55</sup> Tratava-se mais de uma necessidade do contexto social do Brasil Colônia. A principal preocupação, no entanto, estava em manter a honra, os princípios morais e preservar a virtude e a castidade das mulheres. Um instrumento, pois, de dominação masculina.

Por outro lado, a vida nos mosteiros também era uma escolha das mulheres que desejavam viver devotas a Deus. A separação do mundo, com pouco ou quase nenhum contato externo, fundava-se na necessidade de que, para viverem próximas da divindade, era preciso separar-se das coisas do dia-a-dia, das impurezas do mundo cotidiano. Tal separação, ainda que se saiba que não era total, ela remete à separação duas esferas: sagrado e o profano. É por meio da separação do mundo e da aproximação da divindade que as religiosas têm atribuída uma “força superior”, que será melhor abordada no capítulo 3. Para ERICKSON, *“a própria idéia de força sagrada é necessária para manter a separação entre as esferas, bem como a superioridade da esfera sagrada”*.<sup>56</sup>

Da mesma forma, outro elemento essencial da vida religiosa são práticas ascéticas, ou seja, regras rígidas de comportamento. *“Não existe nenhuma religião na qual não se encontre sistema de proibições”* (DURKHEIM, 1989, p.377). São as práticas ascéticas que exercitam o desapego e o desinteresse pelo profano e fortalecem a crença. Essas regras encontram-se estabelecidas pela Igreja no documento *Verbi*

---

<sup>54</sup> ROSADO-NUNES, Maria José. 1985, p. 26.

<sup>55</sup> ALGRANTI, Leila. 1999, p. 51.

<sup>56</sup> ERICKSON, Victoria Lee. 1996 p. 51.

*Sponsa*<sup>57</sup> - com as instruções sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas -, que atribui à vida contemplativa feminina um “*modo característico de elas [monjas] serem Igreja*”.

Não se pode aqui ocultar a uma possível interpretação de que, para incluir-se na Igreja, faz-se necessário à mulher ser religiosa de vida contemplativa. E, uma vez contemplativas, obtém, então, um espaço privilegiado, o “coração da Igreja”. Ainda assim, devem atender ao “magistério e obediência incondicional ao Papa”.

A rigidez persiste no que se refere a implantação dos mosteiros femininos. Para receber mulheres devotas, os mesmos devem estar vinculados a uma Ordem ou Congregação Religiosa. Precisam ter a aprovação da Santa Sé<sup>58</sup> e atender a observância da “clausura papal”, ou seja, seguir as normas rigidamente estabelecidas pela Igreja.<sup>59</sup>

O objetivo da “clausura papal” é garantir e estabelecer que ninguém e nada interfira na vida das monjas, de modo a que as mesmas estejam “*livres de qualquer afeição, agitação ou distração, interior e exterior*”,<sup>60</sup> possibilitando que a dedicação seja exclusiva a Deus. Curioso notar que essa exigência de “clausura papal” não se aplica, no entanto, aos religiosos - homens – dedicados à vida contemplativa. Até mesmo na própria O.C.D. existem os mosteiros masculinos, também orientados para a oração e contemplação. No entanto, sua atuação não está restrita ao espaço físico do convento. Pelo contrário, os religiosos exercem ativamente, junto a sociedade, as suas funções. Celebram missas; atendem comunidades; orientam espiritualmente as religiosas da congregação; etc. Para eles, é considerado espaço de clausura no convento, o local onde são realizadas as orações.

---

<sup>57</sup> Verbi Sponsa: é a instrução sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas. Trata-se de um documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, aprovado pelo Papa João Paulo II em 1 maio de 1999. Segundo consta na própria Verbi Sponsa, a Instrução, “reafirma os fundamentos doutrinários propostos pela Instrução Venite seorsum (...) estabelece as normas que deverão regular a clausura papal das monjas devotadas à vida integralmente contemplativa”. Documento disp. no site do Vaticano: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife/documents/rc\\_con\\_ccsclife\\_doc\\_13051999\\_verbi-sponsa\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_13051999_verbi-sponsa_po.html); acesso em: 09.05.06.

<sup>58</sup> Santa Sé: assim entende-se a Cúria Romana, estabelecida no Vaticano sob a autoridade do Papa - chefe da Igreja Católica.

<sup>59</sup> Código Canônico, 1998, Cân 667 par. 3.

<sup>60</sup> Extraído da Verbi Sponsa.



Na arquitetura, os mosteiros também precisam atender determinações que são impostas pela Igreja. Ela deve ser especial, no sentido de permitir um espaço de recolhimento, solidão e silêncio. O objetivo é que o contato com o mundo externo seja limitado e elimine qualquer dispersão. Dessa forma, seja cumprida a finalidade da clausura, que, segundo o Código de Direito Canônico, Cânone<sup>61</sup> 667, está em “*não só de marcar uma certa separação do mundo, mas também de preservar a privacidade dos religiosos*”.

Algumas observações ainda se fazem imperativas para o reconhecimento de uma verdadeira vida contemplativa. A *Verbi sponsa*, dispõe a necessidade de:

- a) - que os membros orientem toda a sua atividade, interior e exterior, à intensa e contínua procura da união com Deus;
- b) - excluir tarefas externas e diretas de apostolado, mesmo em forma reduzida, e a participação física em acontecimentos e ministérios da comunidade eclesial, a qual, portanto, não deve ser solicitada, pois tornar-se-ia um contra-testemunho da verdadeira participação das monjas na vida da Igreja e da sua autêntica missão;
- c) - realizar a separação do mundo de modo concreto e eficaz, e não apenas simbólico. Qualquer adaptação das formas de separação do mundo deve ser feita de modo “a manter a separação material” e deve ser submetida à aprovação da Santa Sé.

Portanto, a vida contemplativa deve ocorrer num lugar solitário, acessível somente para aqueles/as que se destinam a ela. O espaço físico da clausura é delimitado com a construção de muros altos. Há uma forte restrição tanto para sair, quanto para permitir o acesso de pessoas estranhas. O contato pessoal com o público, amigos e visitantes é possível em locutórios, separados por grades. As saídas das religiosas são também de considerável rigidez e podem ocorrer excepcionalmente, “*mediante causa justa e grave*”. São assim consideradas as situações que dizem respeito à “*doença, exercício dos direitos civis e àquelas necessidades do mosteiro que não é*

---

<sup>61</sup> Cânone: são as regras estabelecidas pela Igreja, apresentadas numericamente no Código de Direito Canônico. O Cânone corresponde ao “artigo” dos demais Códigos Jurídicos.

*possível remediar de outro modo*".<sup>62</sup> Mesmo assim, não podem ultrapassar o período de uma semana e necessitam a autorização da superiora. Nas ausências que necessitarem período de até três meses, a autorização deve ser concedida pelo bispo<sup>63</sup> da diocese<sup>64</sup> e, acima desse período, quando não se tratar de caso de tratamento de saúde, a licença deve ser solicitada à Santa Sé. Todas as entradas e saídas das monjas devem estar devidamente registradas no chamado "livro de saídas".<sup>65</sup>

No que se refere às entradas na clausura, a Igreja autoriza previamente, por justa causa, aos cardeais<sup>66</sup> ao bispo ou ao superior regular. Nos demais casos, sempre mediante a autorização da superiora. Parentes, médicas/os, religiosas/os - da mesma, ou de outras Congregações – podem ingressar para cuidar da saúde e formação das monjas e para prover a necessidade do mosteiro.

Pode-se assim perceber que a idéia de clausura, vinculada à vida religiosa contemplativa, atende à descrição etimológica da palavra: um local realmente "fechado", onde mulheres vivem dedicadas a cumprir as normas estabelecidas em busca do contato com uma divindade.

### **1.2.2. Requisitos para o ingresso na VRC**

Chegar até um mosteiro não pode ser considerado uma atividade comum. Poucas são as pessoas que têm o hábito de visitar esses estabelecimentos ou, mesmo, que conhecem sua existência. Conhecê-los com o intuito de ingressar na clausura é, pode-se dizer, ainda mais incomum.

---

<sup>62</sup> *Verbi Sponsa*, p.9.

<sup>63</sup> Bispo: autoridade representativa da Igreja, tem a plenitude do sacerdócio, com poderes de conferir os sacramentos da confirmação e da ordem, e que é posto na direção espiritual de uma diocese. Hierarquicamente subordinado ao Papa ou, eventualmente, a um arcebispo.

<sup>64</sup> Diocese: definida pelo Código Canônico como "uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo." - em outras palavras, trata-se da população, delimitada a um território, que encontra-se, segundo as normas da Igreja, vinculada a um Bispo.

<sup>65</sup> Livro de saídas: livro obrigatório nos mosteiros femininos Carmelitas, onde são registradas todas as saídas realizadas pelas religiosas, o motivo, bem como a respectiva data e horário. Esse livro é vistoriado regularmente pelo bispo da diocese. Caso esse julgue alguma saída desnecessária, poderá advertir a religiosa.

<sup>66</sup> Cardeais: são ligados ao Clero de Roma que elegem o Papa e assistem ao governo da Igreja.

Divulgações acerca da vocação das religiosas de clausura não é algo corriqueiro. Distintas são as formas de exposição. Ocasionalmente em eventos religiosos ou mesmo indicações pessoais referendam e promovem esse estilo de vida. Nos últimos anos, no entanto, aumentou o interesse das pessoas em saber mais sobre a vida contemplativa, especificamente do Carmelo. Existe ainda uma certa preocupação das paróquias na formação de vocacionadas. Por esse motivo, algumas ações são realizadas em parceria com a diocese, no intuito de tornarem conhecida a vida contemplativa. De acordo com o depoimento da priora do mosteiro CICMST:

Às vezes fazem, assim, uma espécie de um folheto, alguma coisa. (...) esse mês mesmo teve uma feira, uma espécie de feira, chama-se “Com Vocação”, na diocese de O., então, nos mandamos um cartaz para pendurar, um folderzinho e também mandamos uns tercinhos de Santa Teresinha, apenas uma coisinha pequena, para ser assim distribuída. (...) Agora tem muitas, hoje em dia está mais unido assim a parte de divulgação. Então, por exemplo, quando tem encontro vocacional, as pessoas trazem muitas pessoas para falar de vida contemplativa. *Irmã Flávia*<sup>67</sup>, 65 anos, 44 anos de VRC.

Uma vez divulgada e conhecida a vida contemplativa, as mulheres que se identificam e desejam tornar-se monjas atribuem a sua escolha a um “chamado”, à conversão ou ainda a uma “graça” divina. Na narrativa das religiosas, foram as situações que ocorreram em suas vidas que as direcionaram à vida contemplativa, como se observa no depoimento a seguir: “(...) *chamado com que Deus foi me conduzindo assim. Me tirou lá da roça e foi colocando as coisas assim tão encaminhadinhas, que eu fico (...) olhando para trás e eu vejo justamente a beleza assim da vocação*”. (Irmã Renata, 43 anos, 25 anos de VRC).

Para essas mulheres, a identificação com a proposta da vida cotidiana externa ao mosteiro ou mesmo com os papéis sociais que lhes são destinados deixam de existir. Elas partem em busca de alternativas que lhes dêem um novo sentido de ser e viver. Frequentemente apontam um desinteresse pela “vida fácil” e pelos prazeres comuns da sociedade. Por outro lado, salientam uma paixão pelas coisas “divinas”. Uma

---

<sup>67</sup> Os nomes mencionados no trabalho foram alterados com o objetivo de garantir a preservação da identidade das religiosas. Os depoimentos da Irmã Flávia foram transcritos literalmente. A fala rápida é uma característica da irmã, ocorrendo com frequência a mudança repentina do tema em desenvolvimento.

mistura de inquietação pessoal voltada para o desejo de uma maior espiritualidade centrada na divindade, no silêncio e na contemplação. Procuram um ambiente que permita uma relação mais íntima com Deus. Uma vida onde a competição acirrada e os objetivos sociais modernos não sejam prioridade, pelo contrário, deixam de ter relevância. O prazer está justamente na preservação da privacidade e do silêncio.

(...) você sente no interior um vazio. Parece que falta algo mais, né? Parece que a gente procura algo mais, né? A gente fica em busca de algo mais. E, assim, sobretudo a correria, assim, a agitação do mundo, o que parece que atrai como uma, assim, uma nostalgia mesmo, é o silêncio, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Mesmo para quem já participava da vida religiosa ativa, a busca pela quietude prevaleceu para a escolha:

Eu entrei primeiro na vida religiosa ativa. Com vinte anos eu entrei numa congregação de vida ativa (...) e eu sentia necessidade assim de uma coisa assim que eu não saberia muito bem explicar, não saberia dizer o que era, mas eu sentia uma certa insatisfação, uma certa inquietação.” *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Esses conflitos relatados pelas religiosas podem ser entendidos como sinais de conversão. Segundo Débora DINIZ, é a conversão que ocupa um “*lugar central no processo de decisão por uma vida consagrada*”.<sup>68</sup> Os problemas que essas mulheres viviam, acompanhados da idéia de uma escuridão, inquietação, encontram novas soluções responsáveis por uma “*transformação simbólica da crise de experiência*”, que Wohlrab-Sahr também define como conversão.<sup>69</sup>

No entanto, o chamado e a conversão são percepções e sentimentos subjetivos vivenciados pelas religiosas e identificados ao longo da experiência da vida em clausura. Não se trata de elementos garantidores para o ingresso no claustro. A própria Igreja disciplina, de forma rígida, as condições para aceitação na vida contemplativa. Delibera ainda que também as Ordens ou Congregações religiosas incluam exigências que complementem e atendam suas necessidades e princípios para o adequado exercício da vida contemplativa.

<sup>68</sup> DINIZ, Débora. 1995, p. 52.

<sup>69</sup> Wohlrab-Sahr, Mônica, in REVER, 2002, n. 2, p. 3.

Assim, os mosteiros vivenciam a experiência de selecionar suas religiosas. Trata-se de uma função que, além de cuidar e auxiliar a candidata, visa principalmente perpetuar a sua existência e, conseqüentemente, viabilizar a permanência das religiosas no estilo de vida escolhido até o fim de suas vidas. Compete a essas religiosas utilizarem-se dos recursos disponíveis para defender a sua própria preservação. Alguns requisitos atendem mais a um princípio de intuição do que a qualquer outra coisa. Em razão disso, é atribuída às superiores, antes da admissão, a competência para verificarem algumas questões de ordem pessoal das candidatas, como: o grau de maturidade pessoal, afetiva e espiritual, a idoneidade, a compreensão da vida inteiramente ordenada à contemplação e o compromisso de seguir com fidelidade, aderindo a todas as normas sancionadas pela Santa Sé, ou seja, a “clausura papal”. Em suma, perceber se as obrigações serão “*bem compreendidas e aceitas*”.<sup>70</sup>

Outros requisitos, estabelecidos institucionalmente, são indispensáveis para a dedicação à vida em clausura, como a idade mínima de 18 anos e a conclusão do ensino médio. Diferentemente da educação para o celibato,<sup>71</sup> a formação das candidatas é considerada um direito e uma dever de cada mosteiro, onde as disciplinas versam exclusivamente sobre a vida e a doutrina religiosa.

Hoje, existe ainda a preocupação de criar uma certa homogeneidade na formação tanto religiosa quanto educacional das mulheres interessadas na vida religiosa contemplativa. Motivo que levou à Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) a promover cursos específicos que auxiliem nessa formação.<sup>72</sup> Segundo a Priora do mosteiro CICMST, a principal dificuldade atualmente está justamente no fato de que:

---

<sup>70</sup> Verbi Sponsa, p.23.

<sup>71</sup> Para o ingresso na vida religiosa masculina faz-se obrigatória a conclusão dos cursos universitários de teologia e filosofia com período mínimo de formação de quatro anos e ainda do aprendizado da língua vernácula e do latim, conforme estabelecem os Cânones 235 e 249 do Código de Direito Canônico: Cân.235 – parágrafo 1. “Os jovens que pretendem ser admitidos ao sacerdócio sejam educados para uma formação espiritual adequada e para os ofícios que lhes são próprios, no seminário maior durante todo o tempo de formação ou, se a juízo do Bispo diocesano o exigirem as circunstâncias ao menos por quatro anos.”

Cân. 249 - “Nas diretrizes básicas para a formação sacerdotal se providencie que os alunos não só aprendam cuidadosamente a língua vernácula, mas também dominem a língua latina, e aprendam convenientemente as línguas estrangeiras, cujo conhecimento pareça necessário ou útil para sua formação ou para o exercício do ministério pastoral.”

<sup>72</sup> Informações disponíveis no site <http://www.crbnacional.org.br/cursos.htm> - Ver anexo 3.

Raramente uma pessoa se sentia vocacionada se ela não tivesse uma formação religiosa (...) ou se estudasse em colégio religioso. (...) Então, as pessoas acabavam tendo aquela formação mais sólida. Hoje não, às vezes é quase uma exceção. (...) Então, a gente percebe assim, que dá um entusiasmo, mas às vezes eles não tem um fundamento, vamos dizer assim, para todo esse entusiasmo. É uma coisa mais superficial. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

No plano jurídico, é a profissão dos votos religiosos da castidade, da obediência e da pobreza – que serão abordados no capítulo seguinte -, perante autoridade eclesiástica, que caracterizam a inclusão na vida de um *Instituto de Vida Consagrada*.<sup>73</sup> Algumas obrigações, no entanto, derivam também do voto de pobreza e apresentam conseqüências jurídicas, que devem ser atendidas antes do ingresso na clausura. São elas: a cessão da administração dos bens próprios (patrimoniais); obrigação de fazer testamento; aquisição de bens e, ainda, renúncia aos bens patrimoniais.<sup>74</sup>

Num período não muito distante havia ainda a exigência do dote, que visava manter o sustento da religiosa. De certa forma, atendia a um critério de selecionar candidatas.<sup>75</sup> Hoje, no entanto, não se verifica mais essa obrigatoriedade. A candidata aceita para ingressar no mosteiro deve apenas atender a solicitação quanto à compra de um enxoval, previamente estabelecido, composto principalmente de tecido para o hábito; material de higiene pessoal, roupa de cama e toalhas de banho. Itens necessários para os primeiros anos de vida contemplativa<sup>76</sup>

Na ordem prática, existe ainda a aplicação de alguns critérios que se adequam à realidade de cada mosteiro. Visam, acima de tudo, preservar a comunidade. No Carmelo CICMST, por exemplo, apesar de não estar prevista uma idade máxima para o ingresso na VRC, as religiosas preocupam-se em manter a maior diversidade

<sup>73</sup> Código de Direito Canônico, Cân. 573

<sup>74</sup> Idem, Cân. 668.

<sup>75</sup> ALGRANTI, Leila. 1999, p.183.

<sup>76</sup> DINIZ, Débora. 1995, p. 58. Apresenta a relação que compõe o enxoval: uma Bíblia, um Breviário, uma imagem de Nossa Senhora (que ficará na própria Cela da candidata), cadernos para as aulas do noviciado e para os períodos de retiro, lápis e canetas, sandálias do tipo “Alpercata”, chinelo, três saias largas e compridas, roupas íntimas, tesoura para cortar unhas e outra para trabalhos manuais, cinco lençóis, três fronhas, três toalhas, lenços, um travesseiro e um mosquiteiro, esses últimos todos de cor branca.

de idade possível. Como argumenta a priora no depoimento a seguir, só assim é possível garantir a manutenção do mosteiro e a adequada assistência às religiosas mais idosas:

Não que a gente tenha idade fixa, mas a gente já teve uma experiência, até que nós não negamos [*que as candidatas não têm o perfil para ingressar na vrc ou no mosteiro*], por exemplo, as duas últimas que nós recebemos já tinham mais de trinta e dois anos, porque as anteriores estavam na faixa de vinte, então, daria desequilíbrio na comunidade. Porque, conforme a época e conforme a faixa etária da comunidade, se já está com três ou quatro com trinta e cinco anos, se você recebe mais duas novas com trinta e cinco anos, já vai ficar todo mundo da mesma idade. Isso não é muito bom. Para o nosso tipo de vida, não. Não é? Porque nós temos desde as mais velhinhas até as mais novinhas. Agora, se fica todo mundo com a mesma idade, quando ficar velha, fica tudo junto. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Não se pode ser considerar a escolha do ingresso na vida em clausura uma tarefa simples. Independentemente dos requisitos legais ou da análise das condições pessoais de cada candidata, pode-se dizer que consiste, acima de tudo, numa decisão pessoal, passível de acertos e enganos. Além de atender às exigências institucionais e ou doutrinárias, requer um compromisso de vida com muita consciência e determinação, capaz de sustentar os conflitos de existência e devoção.

### 1.2.3. Ordem Carmelitana Descalça

A O.C.D. está vinculada à Igreja Católica Apostólica Romana. Surgiu na Palestina, no Monte Carmelo, por volta do ano de 1200. Sua expansão ocorreu através da fundação de mosteiros femininos e masculinos no mundo todo. Entretanto, no início do século XVI, com a fundação do mosteiro feminino em Ávila, na Espanha, realizada por Santa Teresa,<sup>77</sup> com o auxílio de São João da Cruz,<sup>78</sup> é que a

---

<sup>77</sup> Santa Tereza de Ávila: também chamada Teresa de Jesus. Foi responsável pela reforma a ordem das Carmelitas criando um mosteiro inteiramente voltado a oração e contemplação. É considerada uma das personalidades místicas católicas Foi canonizada em 1662 e teve conferido o título de Doutora da Igreja em 1970, pelo papa Paulo VI - informações disponíveis no site <http://geocities.yahoo.com.br/monjascarmelitas/teresa.html>; acesso em 09.02.06.

<sup>78</sup> São João da Cruz: responsável pela reforma da Ordem Carmelitana junto aos mosteiros masculinos, juntamente com Santa Teresa. Desejava voltar à mística religiosidade do deserto fiel à antiga tradição; foi

Congregação dará início a uma nova fase. A chamada fase da Reforma das Regras - que vigiam naquele momento -, retomando a visão das regras primitivas e a valorização da vida contemplativa “*da mais estrita observância*”.<sup>79</sup> Esse período caracterizou também uma divisão na congregação em Carmelitas Descalças<sup>80</sup> ou Teresiana - que adotaram a reforma das Regras de Santa Teresa - e Calçadas ou Carmelitas da Antiga Observância - que não adotaram as regras reformadas por Santa Teresa.

As principais preocupações de Santa Teresa ao realizar a reforma estavam em tornar os mosteiros locais de devoção com dedicação exclusiva ao silêncio e à oração e em descaracterizá-los como locais para mulheres que necessitassem de correção por agredirem os princípios morais da sociedade. Para tanto, preocupou-se em restringir o número de monjas em cada mosteiro. Inicialmente estabeleceu o número máximo de treze<sup>81</sup> religiosas, posteriormente passando para vinte e uma - número ainda hoje em vigor. Outra característica imposta e que persiste até os dias de hoje está no cumprimento das regras de disciplina e silêncio, garantindo o compromisso fiel com os votos religiosos – castidade, obediência e pobreza.<sup>82</sup> A O.C.D. exerceu importante papel também no Brasil, pois foi a responsável pela fundação do primeiro mosteiro feminino de vida contemplativa. Foi no ano de 1742, na cidade do Rio de Janeiro, quando a Madre Jacinta fundou o Mosteiro de Santa Teresa.

O crescimento da congregação é significativo em número de estabelecimentos, principalmente de monjas. Conforme dados publicados no *website* de um dos conventos brasileiros<sup>83</sup>, por ocasião do falecimento de Santa Teresa, no século XVI,

---

beatificado em 1675 por Clemente X ; Canonizado em dezembro de 1726 e Declarado Doutor da igreja em 1926 pelo papa Pio XI. - informações disponíveis no site <http://geocities.yahoo.com.br/monjascarmelitas/joao.html>; acesso em 09.02.06.

<sup>79</sup> Disponível no site <http://www.carmelo.com.br/>; acesso em 20.06.05.

<sup>80</sup> Descalça: no século XVI, a expressão “descalço” significava “vida rude e pobre”, nos termos da época. Assim, Santa Teresa, ao desejar que a ordem voltasse ao rigor primitivo, a uma vida de mais oração, de pobreza, desapego e simplicidade, estava querendo a “descalcês” para sua nova família religiosa. As monjas e frades que aderiam aos movimentos reformistas ditos “descalços”, o faziam para demonstrar seu desejo por uma vida de maior pobreza, sobriedade e sacrifício (in <http://www.rainhadocarmelo.org.br/html/ocd.htm>; acesso em 30.01.06.

<sup>81</sup> DINIZ, Débora. 1995, p.24. “O número treze foi inicialmente atribuído em razão do número dos apóstolos mais Jesus Cristo”.

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> Dados disponíveis junto ao site do mosteiro São José: <http://www.mosteirosaojose.com.br/>; acesso em 08.05.06.



existiam dezessete mosteiros de monjas e treze mosteiros de frades.<sup>84</sup> Hoje, o Carmelo está presente nos cinco continentes. Os conventos masculinos se fazem presentes em setenta e sete países e os femininos em noventa e um países. Juntos, totalizam mais de oitocentos e sessenta mosteiros. No Brasil, também se observa a significativa predominância dos mosteiros femininos sobre os masculinos. São cinqüenta e quatro<sup>85</sup> os endereços de Carmelos de monjas e apenas vinte e um endereços de frades. Esses dados, por si só, instigam investigação específica para uma análise de gênero, que não será aprofundada no presente trabalho.

São ainda considerados da “Família Carmelitana” e integram a O.C.D., além das monjas, dedicadas à vida contemplativa, os frades, dedicados a oração, mas que não atendem as determinações de clausura; a Ordem Secular - criada com a participação de leigos e leigas interessados na espiritualidade Carmelitana, as Missionárias Teresianas e as Carmelitas de Santa Teresa de Florença, religiosas de vida ativa.

A formação das mulheres que optam pela vida no Carmelo atende à determinação da *Verbi Sponsa* e é realizada dentro do próprio mosteiro. Após observadas as situações de ordem pessoal das candidatas e o atendimento dos demais requisitos - expostos no item 1.2.2. -, mediante aprovação das já enclausuradas, a vocacionada<sup>86</sup> tem autorização ingressar no mosteiro e dar início à sua formação. Como salienta uma das religiosas do mosteiro CICMST, a importância dada ao parecer das demais religiosas está em “*ver se é uma vocação sincera*”.

A responsabilidade pela formação inicial das candidatas, no entanto, é atribuída à irmã que exerce o papel de mestre das noviças e à priora; no entanto, é autorizada também a colaboração de pessoas externas.<sup>87</sup> Durante o período inicial de três meses em que permanece na clausura, a candidata participa das atividades diárias do mosteiro e recebe informações sobre os princípios fundamentais da vida em

---

<sup>84</sup> Frade: assim chamados os religiosos masculinos da Congregação Carmelita. No entanto todos estudam e/ou têm formação de sacerdote.

<sup>85</sup> Incluso aqui o endereço do mosteiro que se encontra em Fundação na cidade de Londrina e que integra a relação dos endereços divulgados junto ao Anuário Católico 2005 do Ceris.

<sup>86</sup> Vocacionada: denominação dada a quem se apresenta com interesse ao ingresso na vida contemplativa.

<sup>87</sup> *Verbi Sponsa*, p. 12.

clausura. O intuito nesse primeiro período de convivência está em melhor avaliar o efetivo interesse por esse estilo de vida.

Apesar de concordarmos com Miriam GROSSI<sup>88</sup> sobre a possibilidade de tratar-se de um período em que o objetivo seja “inculcar” a cultura carmelitana, no entanto, não se pode afirmar que no caso das carmelitas do mosteiro CICMST o objetivo da proibição de saída tenha o intuito de “impedir recaídas”. A não autorização para sair, durante esse período, nos parece mais um exercício inicial de uma das principais características da vida contemplativa, qual seja, a clausura.

O trajeto, no entanto, ainda é longo. Decorridos os três meses de convivência, se aprovada pelo Capítulo,<sup>89</sup> a candidata recebe autorização para sair pelo período que necessitar. Esse período é destinado a retornar o convívio com o mundo exterior, certificar-se do seu interesse e informar à família sua escolha.

Ao retornar, a candidata ingressa no período chamado “postulantado”<sup>90</sup>, normalmente de doze meses, em que são aprofundados os conhecimentos com aulas aplicadas pela mestre de noviças. Similarmente a outros cursos de formação, após cada etapa compete ao Capítulo avaliar e aprovar a candidata para o ingresso em nova fase. Isso também ocorre na transição do postulantado para o noviciado<sup>91</sup> e para a profissão solene<sup>92</sup> pela qual a monja carmelita integra-se definitivamente à Ordem. Em qualquer dessas etapas é lícito tanto ao Capítulo reprovar a candidata, obrigando-a a abandonar a clausura, quanto à candidata desistir do processo de formação que, ao todo, compreende aproximadamente seis anos. Uma eventual desistência após esse período passa a requerer a autorização expressa da Santa Sé.

---

<sup>88</sup> GROSSI, Miriam. 1987, p. 43.

<sup>89</sup> Capítulo: conselho formado pelas irmãs que já professaram os votos solenes, para as definições sobre as questões da vida comunitária.

<sup>90</sup> Nesse período a candidata recebe a designação de irmã “postulante”.

<sup>91</sup> O período do noviciado normalmente compreende quatro anos, onde são professados os votos temporários por, no mínimo, três vezes. As irmãs que encontram-se nesse período de formação são chamadas irmãs “noviças”.

<sup>92</sup> Professora Solene: é a irmã que já realizou a profissão definitiva dos votos religiosos.

## CAPÍTULO 2. HISTÓRIA E COTIDIANO

### 2.1. Fundação

A história da fundação de um mosteiro é sempre descrita pelas religiosas com riqueza de detalhes, muita alegria e, mesmo, com a satisfação de uma grande conquista. Assumir uma nova casa é um ato de coragem. As religiosas que integrarão o grupo responsável pela Fundação de um Carmelo deixam para trás sua casa e se separam das irmãs com as quais conviviam. Muitas religiosas atribuem a essa separação uma certa dor; no entanto, encaram os novos desafios com determinação. Entendem tratar-se de corresponder ao exercício de um poder de multiplicar a sua crença.

Foi dessa forma que percebemos a narração da história da fundação do Convento, que denominaremos CICMST, realizada pela irmã Telma. Hoje, aos 83 anos, é a irmã com maior tempo de vida contemplativa - sessenta anos - naquele mosteiro; é, portanto, memória viva da história da sua fundação. Na ocasião, a irmã Telma ainda era irmã noviça.<sup>93</sup> Participou, juntamente com mais seis irmãs, da missão de implementar uma nova comunidade. A idéia, que surgiu de uma brincadeira, conforme relato a seguir, concretizou-se no prazo previamente estipulado e, em fevereiro de 2006, a obra cinqüenta e nove anos de fundação.

Para mim, quer dizer, eu vim com a madre fundadora que é a madre V., né? Ela que era a mestra de noviças em São Paulo. (...) E um dia, nossa mãe [madre], conversando com uma amiga no locutório, ela falou para uma amiga dela: vou fazer uma fundação. Vou fazer uma fundação numa comunidade, de brincadeira. Ela levou a sério, pensou que não era brincadeira da nossa irmã V., né? Eu dou 10 contos de réis para você fazer a fundação. E deu! Então, nossa irmã fundadora viu esse dinheiro e levou para a nossa madre superiora. Olha nossa madre, a minha amiga me deu esse dinheiro aqui para uma casa, para minha fundação. Eu falei para ela da fundação de brincadeira, no recreio, então, só que foi de brincadeira, e ela levou a sério. (...) Então, nossa madre falou: “minha filha, não brinca com isso não, quem sabe Nosso Senhor quer uma fundação mesmo”. E assim ficou meia [sic] assustada, né? E depois foi indo, fez outra brincadeira conosco no recreio, vamos fazer uma fundação? Todas falaram, vamos! Então, foi tomando corpo essa fundação e aquilo saiu assim de brincadeira mesmo.(...) Mas

---

<sup>93</sup> Irmã noviça: irmã que participa do noviciado, isto é, período inicial de formação da vida religiosa em que são ensinados os mistérios da Ordem.

começou assim, vamos dizer, de uma brincadeira, e tal. Aí, começou a ver uma que queria ir, outra não queria, e aí, eu disse eu vou sim, e ficou assim, né? *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

Na ordem Carmelitana, um novo mosteiro é sempre fundado com a participação de irmãs de um mosteiro já estabelecido.<sup>94</sup> Ao perceber o recebimento de muitas vocações (candidatas para o ingresso na VRC) e a proximidade de esgotamento da capacidade de ocupação em um mosteiro (de vinte e uma irmãs), começa-se a pensar na possibilidade de implantação de uma nova casa. Muitas vezes, a solicitação de vagas pode ocorrer em mais de um mosteiro. Eles se organizam e um compromete-se com o processo de formação da equipe para a nova fundação. Uma vez criado o grupo, as religiosas partem para cumprir o desafio: implantar a comunidade. Por ocasião da Fundação do Carmelo CICMST dentre as irmãs fundadoras, era necessário haver uma irmã Priora, responsável por gerenciar, administrar e coordenar o grupo e viabilizar a nova casa. Hoje, para a Fundação de um novo mosteiro - que deve ser composto de no mínimo de seis religiosas professas solenes -, a eleição da priora é realizada no prazo de três meses, a partir da ereção do mosteiro ou mesmo da chegada à casa provisória. Antes desta, *“cuidará do mosteiro, como Vigária, uma monja nomeada pelo Superior regular (...) ou pelo Bispo diocesano”* (Cf. Constituição 1991, item 207)

O período de fundação é de muitos desafios, como afirmam as religiosas: *“Sempre o tempo de fundação é o tempo mais difícil né”*, resume a irmã Flávia, *65 anos, 44 anos de VRC*. Fica sob responsabilidade desse grupo uma gama de atividades que vai dos contatos para a aprovação junto à Igreja<sup>95</sup> à obtenção de recursos e donativos para a construção do prédio, regularização da obra, e implantação da comunidade. Esta

<sup>94</sup> DINIZ, Débora. 1995, p. 26 descreve a existência de três “troncos” de ramificação da Ordem no Brasil, ou seja, mosteiros de onde partiram religiosas para a Fundação dos demais. Esses mosteiros “tronco”, segundo a autora, “têm origem de maneira independente dos demais”, não se utilizam do auxílio de religiosas dos mosteiros já existentes, para a Fundação. Os hábitos monásticos foram introduzidos através de informações obtidas junto a outros Carmelos, por correspondência e pela leitura dos livros de Santa Teresa de Ávila. São eles: o convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro – primeiro mosteiro do Brasil; o mosteiro de Porto Alegre e o mosteiro de Belém do Pará. Esse último proveniente de Moçambique.

Fui informada da existência da Tese de Doutorado defendida no ano de 2005 por Virgínia Albuquerque de Castro Buarque, cujo título é “Paixão de Santidade: o epistolário de Madre Maria José de Jesus, ocd (1882-1959)” que conteria a genealogia dos mosteiros carmelitas de forma atualizada. Apesar do contato com a autora, não obtive acesso a referida tese até a conclusão deste trabalho.

<sup>95</sup> Especificamente para a construção de um mosteiro de monjas, além do consentimento prévio do bispo diocesano dado por escrito, o parágrafo segundo do Cân. 609 estabelece a obrigatoriedade também da “Sé Apostólica”. O próprio Código, em seu comentário ao Cãnone, reconhece uma discriminação aos mosteiros femininos em razão de não existir a mesma obrigatoriedade para a ereção de um mosteiro masculino.

deve tornar-se autônoma, independente dos demais mosteiros e auto-sustentável. Segundo o documento da Igreja que regula a vida contemplativa feminina,<sup>96</sup> é através do exercício da sua autonomia que o mosteiro pode atingir uma solidez capaz de proporcionar as condições adequadas para a prática da vida contemplativa.

No caso do Carmelo CICMST, tão logo foi concedida a autorização para sua ereção, as irmãs passaram a solicitar donativos e contribuições financeiras junto a familiares, amigos/as, freqüentadores e visitantes do Carmelo, com o objetivo de formar o patrimônio necessário. Para o grupo de religiosas pioneiras, a primeira dificuldade estava na obtenção do imóvel. No entanto, o fato de a irmã fundadora conhecer o padre vigário do município - que ficou entusiasmado com a idéia de ter um mosteiro em sua paróquia<sup>97</sup> - contribuiu significativamente. O religioso encarregou-se de arrumar uma casa provisória;<sup>98</sup> contactou um amigo - proprietário de uma chácara em uma rodovia próxima - que cedeu sua casa, temporariamente, pelo período de três anos, até a construção do novo mosteiro. Ainda às suas expensas, adaptou-a para abrigar um pequeno convento: dividiu os quartos com tabique de madeira para formar as celas e cercou a casa e parte do terreno com tábuas. Dessa forma, atendeu a solicitação da irmã.<sup>99</sup>

Assim, naquela residência concedida temporariamente, deu-se início ao novo Carmelo. Novas vocações foram recebidas e a casa tornou-se pequena, sem que fosse possível dar início à construção do convento definitivo. Foi quando o pai da irmã Telma - mesmo sem ter apoiado o ingresso da filha à VRC - cedeu à sua solicitação de ajudá-las na compra de um terreno e na construção da casa definitiva, conforme recorda a própria irmã:

E depois, aí falei com papai e ele falou: “não, eu ajudo!” Ela falou com o padre M., aqui em C., o padre M. P., e ele desejava muito uma fundação de um Carmelo

---

<sup>96</sup> *Verbi sponsa*, p.12.

<sup>97</sup> Paróquia: “delimitação territorial de uma diocese sobre a qual prevalece a jurisdição espiritual de um pároco; paroquiato; a população subordinada eclesiasticamente a um pároco” (padre responsável por uma paróquia; vigário). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=paroco>; acesso em 09.02.06.

<sup>98</sup> DINIZ, Débora. 1995, p. 3, igualmente relata a utilização de casa provisória na fundação de um mosteiro no Nordeste.

<sup>99</sup> Extraído do Documento: Relato da Fundação do Mosteiro – anexo 4.

aqui. Porque vieram muitas congregações e nenhuma ficava e o padre G., que é muito amigo dele, tinha feito uma profecia, porque tinham vindo muitas congregações. Porque vinha uma ia embora, vinha outra e ia embora. O Carmelo vai e fica para sempre. Então, falou com um amigo dele que ia para São Paulo, que emprestou a casa dele por três anos, enquanto iam construindo uma casa aqui em cima, né? Porque em geral começa uma casa provisória. Aí ficamos na casa dele, naqueles três anos. E aí, papai comprou esse terreno e começou a construção, fez uma parte só, uma ala só, né? *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

No dia 13 de fevereiro de 1947 foi realizada a fundação do Carmelo CICMST, que contou com a participação de sete irmãs: uma irmã priora, uma irmã subpriora,<sup>100</sup> uma irmã clavária,<sup>101</sup> uma irmã conversa,<sup>102</sup> duas irmãs noviças e uma irmã postulante veleira.<sup>103</sup> No dia 24 de novembro de 1949 as irmãs mudaram-se para o imóvel definitivo. Estavam no prazo acordado para devolução da casa provisória. Em 1967, finalizou-se a construção do Carmelo.

Os registros foram apontados num livro, a que as religiosas chamaram de “Livro de Ouro”, em que constam os lançamentos dos donativos recebidos e de seus respectivos doadores. Esse livro de registro é preservado até hoje como documento histórico do mosteiro. A ele, porém, não tive acesso.

No anexo 4, apresentamos um documento com a versão escrita da história da fundação do mosteiro, entregue pela priora. O mesmo foi elaborado para integrar um livro - a ser editado pela Congregação - sobre a história da fundação de todos os Conventos Carmelitas do Brasil.

---

<sup>100</sup> Subpriora: primeira substituta da irmã superiora – a priora - do mosteiro, quando de sua ausência ou impedimento. Hoje no mosteiro CICMST essa função é exercida pela irmã primeira conselheira.

<sup>101</sup> Irmã clavária: designação dada antigamente à irmã que possuía as três chaves de uma “arca” em que eram guardados os documentos importantes do mosteiro. Hoje em desuso. Os documentos são guardados em arquivo e a irmã que exerce esse ofício é chamada de irmã ecônoma.

<sup>102</sup> Irmã conversa: categoria de irmã que existiu até antes do Concílio Vaticano II e que se destinavam aos trabalhos pesados do mosteiro, como a cozinha ou limpeza.

<sup>103</sup> Irmã veleira: categoria de irmã responsável por “velar” o mosteiro. Vivem na parte externa da casa. São responsáveis por fechar os portões, receber os visitantes, realizar compras, pagar contas e realizar as demais atividades externas do mosteiro.

## 2.2. A Arquitetura do Mosteiro

Pode-se considerar que o mosteiro CICMST, quanto à sua localização e arquitetura, deixa de atender a um “sistema de medidas” capaz de manter uma “distância respeitável”<sup>104</sup> entre o mundo da clausura e o mundo externo. Os muros existem, mas já não são concebidos, em termos psicológico-simbólicos, como “*garantidores da vida e da castidade das noivas de Cristo*”.<sup>105</sup> Se comparados aos muros construídos por questões de segurança em imóveis não-religiosos, pode-se afirmar que são de altura apenas razoável e facilmente transponíveis. No entanto, atendem à determinação de uma separação “material” com o mundo exterior.

O Carmelo está inserido num terreno montanhoso de 72,6 mil metros quadrados<sup>106</sup> na região central de uma cidade do interior do estado de São Paulo, vizinho à delegacia de polícia e com acesso por uma das principais vias onde se estabelece o comércio local. Dispõe de um portão com grades simples, que permanece totalmente aberto durante o dia e permite o acesso, a pé, ou mesmo de automóvel, por uma rua de paralelepípedos de aproximadamente 300 metros até a entrada principal do prédio do mosteiro. Essa área externa de acesso compreende um jardim bem cuidado, cuja preservação, apesar de estar em terreno de propriedade do mosteiro, passou a receber, há pouco tempo, a manutenção por funcionários da prefeitura. A concessão foi realizada pela prefeitura, em razão de ter sido o mosteiro incluído como ponto turístico da cidade.

O prédio do mosteiro propriamente dito possui um outro portão, também com grades, de aproximadamente 1,5 metro de altura. Também permanece durante o dia sem chave ou tranca. Por ele chega-se à porta principal da clausura. O aspecto inicial da construção remete-nos a uma casa colonial, de fazenda, da metade do século XX, com uma capela lateral, como se observa na foto abaixo. Possui uma área externa que podemos classificar como corredor/varanda e que liga a portaria à Igreja. O destaque dessa área está nos painéis de azulejos de fundo branco e com

---

<sup>104</sup> DURKHEIM, Émile. 1989, p. 386.

<sup>105</sup> ALGRANTI, Leila. 1999, p. 40.

<sup>106</sup> A área do terreno do mosteiro é de três alqueires paulistas, que, convertidos (utilizou-se o conversor disp. em <http://www.educacional.com.br/conversor/area1.asp> acesso em 21.08.06; acesso em 21.08.06), representam 72.600 metros quadrados.

desenhos azuis, em estilo português. Foram pintados por uma religiosa que ainda residente no convento.



Mosteiro CICMST – vista do prédio principal

Para ingressar ao prédio da clausura e falar com as religiosas, toca-se uma campainha. O atendimento é feito pela irmã veleira, com a abertura de uma “fenda” numa grande porta, de madeira antiga. Após a identificação, a irmã veleira é quem permite o ingresso na sala de recepção e chama a monja responsável pelo atendimento. Quando da primeira visita, normalmente os atendimentos são realizados através de uma “roda de madeira”, estrutura localizada na recepção da clausura, que permite o diálogo, mas não a visualização da irmã com quem se fala. Nessa mesma recepção há um móvel em estilo antigo, tipo cristaleira, em madeira e vidro, em que são expostos os trabalhos manuais das religiosas. Esses trabalhos, que podem ser adquiridos mediante pagamento, auxiliam no sustento e manutenção das irmãs.

Há ainda duas outras salas reservadas para atendimento/visita de parentes e amigos/as. Eles são abertos pela irmã veleira especialmente para esse fim, e voltam a ser chaveadas tão logo termina a visita. Nesses cômodos, que permitem o contato visual com as religiosas, foram realizadas nossas entrevistas. Eles possuem aproximadamente cinco metros quadrados, piso em cerâmica e grades que separam



as religiosas – como demonstra a foto a seguir. Para os visitantes há quatro cadeiras de madeira escura, colocadas duas a duas, frente à frente, acompanhando as laterais das grades. Uma janela permite a iluminação direta e uma boa visualização da área externa do prédio. Na área interna, onde ficam as religiosas, atrás das grades, há uma cortina de tecido escuro que é aberta pela monja que realizará o atendimento. Apenas uma cadeira simples de madeira encontra-se disponível neste espaço, para que a irmã sente-se durante a visita.



Locutório do Carmelo CICMST com Irmãs Telma e Flávia

O meu acesso foi permitido até essa área. As outras dependências do convento não podem ser visualizadas externamente, pois encontram-se cercadas por um muro de alvenaria. A área da clausura pode ser melhor visualizada na foto a seguir. Segundo descrição das religiosas, a área do quintal compreende horta, pomar, galinheiro e um cemitério com sete túmulos, onde são enterradas as monjas. A área interna<sup>107</sup> é composta de vinte e uma celas<sup>108</sup> para professoras solenes e mais oito celas para noviças. Inclui ainda banheiros, cozinha, refeitório, biblioteca com um acervo de mais

---

<sup>107</sup> A irmã Priora ficou de fornecer um desenho com a planta do mosteiro, no entanto não recebemos até o fechamento desse trabalho, motivo pelo qual deixamos de anexar.

<sup>108</sup> Celas: quarto de dormir da monja. Segundo informaram as irmãs, elas não possuem cama. São tipo “cavaletes” sobre os quais é colocada uma espécie de esteira (não possuem colchões).

de dois mil livros,<sup>109</sup> três oratórios,<sup>110</sup> lavanderia, depósito para as compras, enfermaria; etc.



Vista aérea do mosteiro CICMST



Área interna – pátio do mosteiro

---

<sup>109</sup> Durante a realização das entrevistas, solicitamos algumas vezes o número de livros que compõem a biblioteca; que ficou de ser verificado. No entanto, não obtivemos a informação até o encerramento deste trabalho. O número aqui mencionado foi apresentado como uma estimativa realizada pelas religiosas.

<sup>110</sup> Oratório: espécie de “mini-capela” com imagens de santas/os em distintos locais no mosteiro onde as monjas podem permanecer para suas orações

### 2.3. Regras e Constituições

A ordem e a rotina ascética vivida nos conventos carmelitas encontram-se estabelecidas nas chamadas “Regra e Constituições”. As Constituições são tidas como *“um código [sic] fundamental para seus membros, presentes em distintas regiões do mundo. Por este motivo se caracterizam pela simplicidade das estruturas e a sobriedade de normas de vida”*.<sup>111</sup> Quando previsto, essas regras podem ser complementadas e adaptadas aos diversos contextos sócio-culturais, através de estatutos particulares e eclesiais.

São duas as Constituições Carmelitas aprovadas: do ano de 1990 e 1991. Ambas são válidas e suas diferenças não interferem nos fundamentos da Ordem. No entanto, apresentam uma dupla leitura da Constituição original de Santa Teresa de Ávila, proposta pelo Concílio Vaticano II.<sup>112</sup> A Constituição de 1990 defende o retorno à Constituição Primitiva aprovada por Santa Teresa, no século XVI, ou seja, não incorpora as adaptações segundo as diretrizes do Concílio Vaticano II.

Segundo Débora DINIZ (1995, p. 44), *“entre as maiores divergências existentes entre os dois movimentos [Constituição de 1990 e 1991] estão as figuras do Padre Geral e do Provincial que, para a Constituição das ‘maravilhosas’ [Constituição de 1990], não representam nenhuma autoridade sobre as monjas”*.

Por sua vez, a Constituição de 1991, também chamada de *“Regra e Constituições das Monjas Descalças da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, adaptadas segundo as diretrizes do Concílio Vaticano II e as normas canônica vigentes, aprovadas pela Santa Sé no ano de 1991”*, adotada pelo mosteiro CICMST, dispõe no seu parágrafo 201:

---

<sup>111</sup> Disponível no site <http://www.rainhadocarmelo.org.br/html/constituicoes.htm>; Acesso em: 31.01.06.

<sup>112</sup> Concílio Vaticano II: foi o XXI Concílio da história da Igreja, que se realizou em Roma entre 1961 e 1965. Ao longo dos quatro anos o Grande Concílio tratou de tudo, produzindo uma massa espantosa de documentos subdivididos em quatro Constituições Dogmáticas e mais 12 Decretos e Declarações. O hipercentralismo papal (quase uma monarquia teocrática) deu lugar a um sistema mais próximo a um colegiado, concedendo maior presença aos bispos nos assuntos gerais da Cúria. Estimulou-se a formação de grupos de estudo para revitalizar a circulação das idéias, bem como a maior presença de instituições intermediárias entre o corpo de sacerdotes católicos e Roma. Disponível no site <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2005/04/08/00.htm>; Acesso em 14.05.06.

Por ser de direito pontifício, cada mosteiro depende da Santa Sé em tudo aquilo que se refere ao regime interno e à disciplina. Para o exercício de sua responsabilidade imediata sobre os mosteiros, a mesma Santa Sé os confira ao Superior regular da Ordem, segundo as Constituições, ou ao Bispo diocesano segundo a norma do direito.

Com relação à condição canônica dos mosteiros:

- a. alguns permanecem sob a autoridade da Ordem segundo a norma antiga, e tem como Superior regular o Prepósito Geral ou o respectivo Provincial, que têm sobre o mosteiro o poder determinado por estas Constituições.
- b. outros, por especial disposição da Santa Sé, estão confiados ao cuidado particular do Bispo diocesano, ao teor do direito.

Dessa forma, o mosteiro CICMST está confiado aos cuidados do Bispo diocesano. Hoje, no Brasil, segundo a irmã Priora do Carmelo CICMST, dos 54 mosteiros de monjas, somente cinco adotam a Constituição de 1990.

Outra particularidade da grande maioria dos mosteiros que adotaram a Constituição de 1991 é a das Associações dos mosteiros, assim previstas na *Verbi Sponsa*:

As Associações e as Federações são órgãos de ajuda e de coordenação entre os mosteiros, para que possam realizar adequadamente sua vocação na Igreja. Sua finalidade principal é, pois, a de defender e promover os valores da vida contemplativa dos mosteiros que as compõem.

Tais organismos devem ser promovidos sobretudo quando, não subsistindo outras formas eficazes de coordenação e ajuda, as comunidades poderiam encontrar-se na incapacidade de responder a necessidades fundamentais de diverso tipo.

As normas que neste documento se referem às Federações, aplicam-se também para as Associações, levando em conta sua estrutura jurídica e os próprios Estatutos.

A constituição de qualquer forma de Associação, Federação ou Confederação de mosteiros de monjas fica reservada à Sé Apostólica, à qual compete também aprovar seus Estatutos, exercer sobre as mesmas a vigilância e a autoridade necessárias, incluir ou separar delas os mosteiros.

A decisão de aderir ou não, depende de cada comunidade, cuja liberdade deve ser respeitada.

No Brasil, as Associações dos Carmelos de monjas iniciaram em 1994. Hoje são quatro as Associações que envolvem as seguintes áreas: uma associação que abrange a região Nordeste; outra abrange a região Sul; outra, a região dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro; e a quarta, que envolve o Estado de Minas Gerais e demais Estados da Região Centro-Oeste.

Segundo a irmã coordenadora da Associação dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, ao esclarecer o objetivo da Associação, a mesma atribui principalmente ser

*“a aproximação e a ajuda para nos mantermos fiéis à nossa vocação, ao carisma teresiano e, nesse sentido, estamos trabalhando juntas e caminhando com muita união e fraternidade”.*

Observa-se nas Associações e nos mosteiros associados uma preocupação em busca de atualizações e trocas de experiência entre as comunidades. Nesse sentido, pode-se confirmar a sustentação de Gustavo LUDUEÑA (2005, p. 2), ao analisar as Associações dos Carmelos na Argentina, que

la emergencia de nuevas formas de sociabilidad femenina resignifican la clausura histórica de estas comunidades y reformulan el lugar de las religiosas dentro de la estructura eclesial de posiciones. Ambos procesos apuntan a una re-construcción del género en estas comunidades.

Pode-se dizer ainda que, pela proporcionalidade do número de Carmelos Associados no Brasil, essa *“reconstrução de gênero e ressignificação da clausura”* no Brasil é ainda mais significativa. Na Argentina, segundo LUDUEÑA, de 30 mosteiros, apenas 12 são associados, ao passo que no Brasil, dos 54 mosteiros, apenas 10 não são associados.

Essas Associações sem dúvida ampliam a extensão da clausura. Segundo a irmã coordenadora da Associação dos mosteiros dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, os mosteiros associados se reúnem a cada três anos, representados pela Priora e mais uma delegada - que é eleita pela comunidade - de cada um dos mosteiros associados para eleger a coordenadora da Associação e ainda fazer *“a programação para o próximo triênio, assim, por deliberação de todas é determinado quais Cursos, ou encontros de Formação deverão ser realizados”*.

Os mosteiros não-associados são normalmente convidados a participar e recebem ainda o material para que *“conheçam e acompanhem”* a trajetória da associação, *“mas, de um modo geral, com exceção de um mosteiro, os outros dois preferem não participar”*. - Entre estes, pode-se deduzir que um é o mosteiro CICMST. Para os cursos de formação propostos pela Associação onde há um maior número de irmãs, requer que o encontro seja realizado em locais maiores, como casas de retiro.

A adesão, como mencionado na Verbi Sponsa, é atribuída a cada mosteiro. O Carmelo CICMST optou por não se associar, como esclarece a irmã priora a seguir:

Primeiro porque é uma coisa assim totalmente livre, né? Cada Carmelo poderia estudar se gostaria de aderir. E nós não sentimos! Na verdade, as presenças que elas vêem [demais irmãs que se associaram] assim como uma grande vantagem, no sentido de se ajudarem, e que as Constituições até falam que é de fato uma coisa útil, e por isso a gente se sente unida para ajudar um Carmelo ao outro, tudo isso. Mas, necessariamente para você fazer a associação, o que o nosso Carmelo sentiu um pouco de dificuldade, você teria que sair para sempre, o que ia complicar um pouquinho a nossa vida, que, no nosso conceito a gente já acha muito complicada, muitas saídas. Muitas saídas não só de, vou dizer, “vou para rua”, não. Mas acho que faz parte da nossa cabeça. Então, se já é difícil organizar a nossa casa, se você ainda vai ficar preocupada com isso, assim de outro. Parece que é uma espécie de saída, então, você parece que não consegue realizar aquilo que você sonhou. Aquilo que é uma coisa, que é um deserto, que é uma coisa assim de uma atividade maior. E, tudo que foi feito para ajudar, e que a gente não sentiu assim, vamos dizer, precisa sempre por assim, não que a gente se acha melhor do que os outros. A gente sempre se sentiu com condições de poder ajudar os outros e também não se sentiu num momento que precisasse demais de uma espécie de auxílio externo, né? Pode ser até um pouco antipático, eu entendo que pode ser bem antipático. E cada vez que, e são poucos, pouquíssimos que não se associaram, o nosso foi um, S. foi outro, P. foi outro. São pouquíssimos [os Carmelos], a maior parte se associou. Então, quando perguntam, a gente fica meio sem graça, a gente não sabe o que as pessoas, mas é que quase ninguém, foi quase uma unanimidade, não, não vamos participar disso! Então, a gente não se associou. Não sentiu essa necessidade real. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

A diferença que se verifica entre mosteiros associados e mosteiros não associados, segundo a própria coordenadora da associação, seria:

A grosso modo, diria que não [há diferença], porém, no caminhar do dia-a-dia, nos contatos e partilhas, aos poucos vai se criando uma diferença pois os não associados acabam ficando distante. Mas existe também com os não associados uma partilha e busca de união.

A própria comunicação entre os mosteiros associados pode-se dizer ser mais freqüente, tanto por telefone quanto por correspondência, em razão da organização dos trabalhos para as assembleias e viabilização das propostas realizadas nesses eventos. Mesmo a coordenadora da associação se propõe a visitar as comunidades quando convidada ou solicitada “*para partilhar a formação com a comunidade*”. Sem dúvida são movimentos importantes e sinalizam uma nova visão da clausura, voltada para uma atualização e reflexão sobre a proposta desse estilo de vida. Uma vez associados, esses estabelecimentos compartilham seus conflitos e experiências e,

ao mesmo tempo, podem melhor se estruturar para superar as dificuldades e buscar alternativas representativas perante a instituição a qual estão subordinadas.

O fato de o Carmelo CICMST não aderir à associação, estando entre os três não-associados de 17 mosteiros, pode indicar tratar-se de um mosteiro com postura e comportamento mais rígido e conservador. Apesar de adotar a Constituição de 1991, que incorporou as renovações propostas pelo Concílio Vaticano II, é possível supor tratar-se de um mosteiro com pouca disposição para adaptação às mudanças sócio-culturais dos mosteiros carmelitas.

A expectativa que se tinha, de fato, antes do início da pesquisa, pelo contato e conhecimento de outros mosteiros – todos integrantes da associação da região sul - era no sentido de que, apesar de viverem em clausura, tratava-se de mulheres que se encontravam engajadas de forma ativa com as transformações sociais. Quanto às questões de gênero, principalmente, supunha-se que, por se tratar de monjas, elas defendiam uma posição consciente e valorativa do papel da mulher tanto na instituição quanto no contexto social. Ou, de certa forma, que houvesse alguma preocupação nesse sentido.

No entanto, na coleta dos dados empíricos, no mosteiro pesquisado, e através dos relatos das religiosas, tais expectativas não se confirmaram. Percebeu-se que, nesse Carmelo, predomina uma visão bastante conservadora sobre a proposta da vida contemplativa e sua presença/participação e importância na instituição e na sociedade.

Especificamente sobre a posição da mulher na sociedade, a opinião das religiosas do mosteiro CICMST apresenta certa contradição em relação à defesa da autonomia do convento. Ao mesmo tempo em que valorizam a administração do mosteiro sem intervenção do bispo, defendem a visão da mulher submissa, como se observa no depoimento a seguir:

Porque eu acho que é justamente nessa luta que as mulheres vão tendo é que elas, ao invés de ganhar, elas estão perdendo, mais do que ganhando. E eu acho que então, aqui na minha cabeça eu acho assim uma coisa tão clara. Parece tão claro, tão assim, vamos dizer, evidente que elas estão num caminho errado. Em

certas coisas assim para que dizer porque elas ficam tão feias, elas ficam tão, elas perdem toda beleza delas. Elas não sabem se valorizar. (...) Que coisa mais bonita que as pessoas pudessem se amar, ser submissa. A mulher tem que ser submissa, porque ela nasceu submissa. Não tem sentido a mulher ficar noutra lugar. Isso que eu acho. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Por outro lado, a irmã mais antiga do mosteiro, valoriza o empenho feminino em se posicionar e enfrentar os desafios, no entanto também atribui determinadas atividades de homem e de mulher, as quais devem assim permanecer.

Muito bem, eu acho uma coisa muito maravilhosa mesmo, porque a mulher, quantas mulheres são competentes, tão amorosas, não só intelectualmente, mas assim de coragem, força e atividade, feliz né? Como Santa Tereza diz. Santa Tereza sempre dizia, mas queria que fossem mulheres felizes, não mulher que faz coisinha de mulherzinha. Mulher tem que ser forte, homem tem que ser forte daqueles barbados, quer dizer que a mulher tem competência, ela tem capacidade muito grande. Olha por exemplo o caso da Edith Stein né? Nossa carmelita. Valorosa que ela foi. Teve coragem de deixar a religião, ela perdeu a fé na religião judaica, e viu que não sentia o lugar para ela então foi procurar a verdade. E foi, estudou filosofia, morou sozinha, trabalhou, e enfrentou a mãe que era uma mulher também de muito valor, valorosa, também de muito peso. Ela sabia que fazia a mãe sofrer, mas ela enfrentou e foi, abraçou o Catolicismo né? Quando ela descobriu a verdade, que aí era Jesus Cristo, ela seguiu Santa Tereza e aí ela abraçou o Catolicismo. Com tanta coragem. E depois, ainda foi professora, nas Dominicanas né? E entrou para o Carmelo, morreu numa câmara de gás. Quer dizer que a gente vê um valor de uma mulher né? E ela defende também a mulher. Eu acho que é um movimento muito bonito. Não de exageros que às vezes querem que as mulheres querem ser padre, querem coisas assim, porque tem coisas de homem e de mulheres também né? Porque aí, Nosso Senhor não deu o sacerdócio para nenhuma mulher né? A mãe dele foi extraordinária. Nossa Senhora foi apóstola das mulheres, né? Ela pode ser apresentada como mãe, como esposa, como santa, né? E como uma mulher viril, uma mulher admirável, e, quer dizer, Nosso Senhor não deu para ela o sacerdócio, né? Chamou uns pobrezinhos, ignorantes, pescadores que mal sabiam defender a sua doutrina, né? Mas que foram, deu a eles a graça, né? A graça de, deu a capacidade de saber defender a Igreja, e a Nossa Senhora continua com a missão dela através dos séculos, né? A mulher das mulheres. *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC*

Para uma correta análise sobre a influência da associação na visão que essas mulheres fazem de sua participação na instituição a qual estão vinculadas ou mesmo no contexto social ao qual encontram-se inseridas, são necessários novos estudos. As suposições aqui apresentadas não foram averiguadas empiricamente com as religiosas de mosteiros associados para poder se traçar um paralelo. Também o estudo de Gustavo LUDEÑA baseia-se apenas no depoimento de uma religiosa, de um mosteiro associado e não foi direcionado para esse fim. No entanto, são indicativos que merecem atenção nos próximos trabalhos.



## 2.4. Votos Religiosos

A escolha pela vida religiosa, tanto de vida ativa quanto em clausura, requer que sejam professados três votos religiosos: castidade, obediência e pobreza. São os princípios dos votos que irão orientar e disciplinar o estilo da vida religiosa.

O Código Canônico da Igreja Católica, no Cânone 1191, define o voto como “*a promessa deliberada e livre de um bem possível e melhor, feita a Deus, que deve ser cumprido em razão da virtude da religião*”. Aponta, ainda, como cinco os elementos que caracterizam o voto. É uma promessa: a religiosa; ao professar os votos, obriga-se a partir daquele momento, para o resto de sua vida ou enquanto permanecer na vida religiosa; deve ser realizado por vontade própria, ou seja, quem professa precisa estar no uso de suas razões e ter plena ciência da “gravidade da obrigação” que está assumindo; deve ainda ser livre e espontâneo; a promessa ainda é realizada para Deus, e, portanto, considerada um ato da virtude da religião e, por fim, possível, no sentido de que será realizado concretamente. Assim, ao professá-los, a religiosa impõe a si mesma a obrigação de viver de acordo com as normas da instituição e com a aprovação da Igreja.<sup>113</sup> É a partir da profissão dos votos que as religiosas são consideradas inseridas em uma ordem ou congregação.

Na vida em clausura pode-se dizer que esse desejo das religiosas precisa ser realizado e confirmado por diversas vezes, até que sejam considerados definitivos. Somente após o período de doze meses do postulante e dos dois anos do noviciado é que a religiosa faz a primeira profissão, chamada de profissão temporária. Esta é válida pelo período de 12 meses. Decorrido esse tempo, a religiosa, se aprovada pelo Capítulo e se manifestar interesse em permanecer na vida religiosa, deve professar novamente pelo período de mais um ano. As profissões temporárias são realizadas no mínimo três vezes. Durante o período em que se encontram em vigor os votos temporários, caso a religiosa queira desistir da vida em clausura, se faz necessário obter a autorização da Igreja. No entanto, uma vez decorrido o período de 12 meses dos votos temporários, a religiosa pode deixar

---

<sup>113</sup> HÄRING, B. *La ley de Cristo*. Barcelona: Herder, 1961 [p.830-842]. In [http://www.mercaba.org/Haring/830-842\\_los\\_votos.htm](http://www.mercaba.org/Haring/830-842_los_votos.htm); Acesso em 15.02.06.

livremente a clausura ou ainda pode ser convidada a se retirar, caso não tenha recebido a aprovação do Capítulo. Os votos solenes, assim reconhecidos pela Igreja, somente serão professados ao término da formação, que ocorre no mínimo após seis anos com reiteradas confirmações das religiosas e aceitações do Capítulo. Assim, para permanecer na vida em clausura, a vocacionada precisa mesmo querer realizar essa escolha e, segundo a irmã Priora do mosteiro CICMST, precisa também “ser querida”. Hoje, devido à pouca experiência ou mesmo vivência da religiosidade pelas candidatas antes de ingressarem na VRC, as irmãs mais antigas têm sentido necessidade cada vez mais de aumentar o período de formação das vocacionadas.

#### 2.4.1. O Voto de Castidade

A castidade é considerada, no campo religioso, uma virtude moral, um dom de Deus.<sup>114</sup> Apresenta-se como o “*ato de entrega incondicional a Deus de todo o ser até as raízes mais profundas da afetividade*”.<sup>115</sup> Na profissão do voto de castidade há o compromisso de viver o celibato e praticar essa castidade mantendo, assim, a integridade das forças vitais<sup>116</sup> depositadas no/a religioso/a.

O catecismo católico ainda afirma que na castidade existe uma *aprendizagem do domínio de si*, considerada uma pedagogia da liberdade humana, em contrapartida à idéia de cerceamento de uma liberdade individual. “*É através da castidade que o indivíduo se recompõe e pode dedicar-se mais facilmente a Deus*”.<sup>117</sup>

Como se observa, para a escolha da vida religiosa se faz necessário que a religiosa desvalorize a atividade sexual. Sua entrega deve ser completa. O prazer deve estar exclusivamente na contemplação do objeto do desejo, estabelecendo, assim, segundo Robin SCHOTT (1996), uma distância entre o/a sujeito/a e o seu próprio corpo. As relações sociais, objetificantes, que passam a ser estabelecidas pelas

---

<sup>114</sup> Cf. CATECISMO 2345, 1999, p. 607

<sup>115</sup> ROSADO-NUNES, Maria José. 1985, p. 43.

<sup>116</sup> Idem, p. 143

<sup>117</sup> Cf. CATECISMO 2339, 2340 e 2349, 1999, p. 606 e 608.

religiosas, geram uma sexualidade alienante. O corpo passa a ser visto como um objeto com o qual não existe uma conexão primordial. A integridade do ser, corpo e mente, precisa estar entregue de forma incondicionada a Deus. Assim, todos os prazeres do sexo são renunciados de forma a beneficiar uma superioridade espiritual. De certa forma, é admissível considerar que o prazer sexual passa a ser substituído pelo prazer intenso espiritual e na medida em que o relacionamento com o sagrado se aprofunda, a vida casta torna-se um fundamento condutor da vida, como apontado nos estudos de Sílvia FERNANDES.<sup>118</sup>

Pode-se ainda supor que as novas interpretações dadas ao sexo, as novas regras e o novo estilo de vida das religiosas possibilitam também a criação de uma nova ordem, em que a importância da sexualidade seja re-significada e permite que essas mulheres re-estabeleçam uma valorização de si<sup>119</sup>.

Robin SCHOTT, ao tentar encontrar as origens da necessidade da castidade feminina, depara-se com a idéia de Aristóteles, para quem *“os prazeres são um obstáculo ao pensamento”* e, enquanto alguém estiver envolvido nesses prazeres, principalmente no sexual, não é possível pensar em alguma outra coisa. Assim, pode-se entender que aceitar uma vida que não seja casta é afirmar que a busca da vivência da obra de Deus não será plena. Miriam GROSSI (1987, p. 71) apresenta o significado de castidade como *“a entrega total do corpo e da alma a Deus, na figura de Jesus Cristo, segundo o modelo da Virgem Maria”*. No entanto, a autora diferencia esse entendimento por parte das religiosas conservadoras e progressistas: *“enquanto as conservadoras explicam a necessidade de castidade para “chegarem puras a Jesus Cristo” (em analogia direta com o discurso tradicional sobre o valor da virgindade da mulher antes do casamento) e vêem na figura masculina o perigo ao cumprimento do voto, as progressistas têm um discurso bem mais elaborado para defender a castidade. Para elas o voto de castidade é o que lhes permite darem-se a todos, a todo o povo que sofre e necessita de amor”*.

---

<sup>118</sup> FERNANDES, Sílvia. 2004, p. 294.

<sup>119</sup> Wohlrab-Sahr Mônica - REVER, 2002, N.2, p. 1-17, identifica esse processo nos estudos realizados sobre a conversão ao Islã.

Não só nas regras atuais da Igreja, mas também o depoimento das religiosas confirmam e preservam pensamentos com o entendimento de que o prazer sexual divide a atenção. A castidade, ainda hoje, é defendida como requisito para obtenção de estado elevado da alma. As próprias religiosas, em algumas passagens de seus depoimentos, afirmam ser a castidade uma condição para que o coração seja dedicado integralmente a Deus, como se observa a seguir:

... E a castidade para mim é justamente assim, esse coração totalmente indiviso, totalmente de Deus. (...) Eu sinto, a castidade para mim é isso. O amor único e exclusivo ao meu Deus. E, nele a gente vê todas as pessoas, todas as coisas. E a gente ama com uma liberdade muito grande assim, não tem limite. *Irmã Renata, 43 anos, 25 anos de VRC.*

Todos os nossos desejos, são desejos de viver uma vida pura para Ele, né? De viver uma vida casta para Nosso Senhor, né? Então, assim, é uma atração mesmo, é uma atração à vida de oração, né? A oração é como que se completasse todo esse, todas as partes de, vamos dizer, de amor, de; porque assim, oração é amor, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Observa-se uma uniformidade no discurso das entrevistadas de que a castidade é sinônimo de coração “indiviso”, no qual o amor está direcionado somente a Deus. Pode-se ainda dizer que demonstram certa “herança da hostilidade ascética para com o corpo e as mulheres”.

#### **2.4.2. O Voto de Obediência**

O dever da obediência professado nos votos religiosos é considerado impositivo dentro do contexto de ordem social, partindo-se do pressuposto de que toda comunidade humana tem necessidade de uma autoridade para se manter e desenvolver.<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> Cf. CATECISMO 1919, 1999, p. 510

Na prática, o voto de obediência caracteriza-se pelo reconhecimento e subordinação das religiosas às autoridades instituídas.<sup>121</sup> Pressupõe uma obediência livre, cooperante e reconhecadora das regras da vida religiosa; uma renúncia à própria vontade, como expressão de subordinação à vontade de Deus.<sup>122</sup>

O entendimento da necessidade da obediência para a manutenção da ordem em grupos sociais e a “necessidade” da submissão das mulheres é demonstrada na obra de Robin SCHOTT. Para a autora, atingir o caminho da salvação supõe que sejam seguidas regras rígidas de conduta.

O conceito de obediência encontra-se enraizado na prática das religiosas. Podemos dizer tratar-se de algo para o qual foram preparadas. Em razão disso, entendem como algo natural. Estão habituadas a obedecer a essa que seria, segundo LA BOÉTIE, a primeira razão da servidão voluntária.<sup>123</sup>

As religiosas confirmam e com significativa expressão aceitam a questão da subordinação não somente a uma superiora, mas também ao sexo masculino, elaborador das regras da instituição a qual se encontram vinculadas. Admitem ainda tratar-se do voto mais difícil de ser observado; no entanto, aceitam essa condição, como se observa no depoimento a seguir:

... de todos os votos eu diria que esse [obediência] é o mais exigente (...) é o meu pensamento, é a minha concepção, até daquilo que é mais perfeito, daquilo que é mais certo, e que muitas vezes eu tenho que abdicar, e tenho que tentar rever para obedecer, né? (...) porque é onde tudo é mais difícil, né? Onde é mais difícil de rever, ter que aceitar aquela concepção, não é a melhor que a minha maneira de ver, não é a mais certa, que aquilo que eu tenho, que eu acho até que é o mais perfeito, pode não ser, né? Então há nos votos de obediência esse entregar mesmo à vontade, colocar nas mãos do outro, é difícil! E no dia-a-dia às vezes também a gente se pega nisso às vezes. Não sendo, não vivendo plenamente isso, por causa desse desprender-se da nossa vontade. (...) Mesmo dentro da norma da Igreja eu posso achar que não é a melhor, no meu modo de ver, (...) mas eu tenho que fazer aquilo que eu tenho que fazer, né? Eu tenho que fazer aquilo que é deixado.(...) quando tiver até alguma chance eu posso até colocar, posso até discutir, posso até colocar aquilo que eu penso e tentar argumentar de uma maneira que de repente aquilo pode mudar né, porque dentro da comunidade há esse espaço, essa possibilidade, né? (...) Pela nossa realidade aqui, certas

<sup>121</sup> DELANEY, Joseph F. *Obediência*, in <http://www.mercaba.org/FICHAS/Enciclopedia/O/obediencia.htm>; Acesso em: 01.03.2005.

<sup>122</sup> Enciclopédia Católica Popular. *Obediência*. <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>; Acesso em: 01.03.05.

<sup>123</sup> LA BOÉTIE, Étienne, 1999, p. 88.

questões né, mais assim, normativas da igreja em si, a gente não vai , mesmo que, é a gente não vai atingir, a gente não vai chegar a essas discussões. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Por se tratar de religiosas de clausura, com um modo de vida particular e de pouco contato externo - até mesmo com a hierarquia da Igreja -, muitas vezes o entendimento dessas mulheres é de que praticam e vivenciam certa autonomia, apesar de estarem subordinadas às autoridades da Igreja. O depoimento abaixo apresenta esta dicotomia:

Não! Não! O Bispo, não. No nosso Carmelo, (...) graças a Deus. Nós nunca tivemos gente, assim, quer dizer, (...) sempre eles perceberam. Sempre teve um relacionamento de muito respeito. O fato de a gente ser diferente também tem muita (...) nunca teve um Bispo que chegou aqui e disse agora isso vai ser assim (...) quem vê nossa casa, assim, do jeito que a nossa casa é, que tem uma mentalidade muito própria e tudo isso, (...) Ninguém vem aqui dizer você tem que ser diferente. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Entretanto, em outro depoimento a submissão às determinações da Igreja é taxativa e, como se pode observar - apesar da pouca idade da religiosa - até mesmo defendida. Poderíamos dizer que são sinais claros de perpetuação das idéias platônicas, como afirma Robin SHOTT (1996, p.24) "*Platão continua a considerar as mulheres mais fracas que os homens em todos os aspectos. Com isso quer dizer que a fragilidade das mulheres é não apenas física, mas aplica-se às qualidades necessárias para a atividade intelectual ou a liderança política*".

... porque na hierarquia da Igreja sempre tem um sacerdote em primeiro lugar, né? O papa sempre vai ser um homem, né? O bispo. Isso a gente conserva, né? E eu sou mesmo da idéia de conservar isso dentro da Igreja, né? (...) Na hierarquia da Igreja a gente vê sempre o homem, assim, o sacerdote, a pessoa do sacerdote, como a pessoa de Jesus mesmo, né? A pessoa de Jesus que vai salvar, né? E, mesmo, Jesus veio como homem, né? Então, assim, a gente sempre vê Ele; assim, toda a constituição Dele como homem, né? Então, o sacerdote sempre como homem, né? E mesmo ele falando em nome de Jesus, né? E a mulher, assim, a religiosa, sobretudo a religiosa, né? Que, na vida, assim, da religião católica, assim, a consagrada, sempre é tida como; um efeito para ela é Nossa Senhora, né? Estava sempre acompanhando Jesus, né, que estava sempre em silêncio, né? Sempre, assim, atenta às coisas que Jesus falava, guardando tudo isso em seu coração, né? E mesmo nunca tomando tanto à frente, como as responsabilidades de um sacerdote. Então, isso sempre é; a hierarquia da Igreja sempre é uma coisa de valor, que eu sinto que é de valor e sinto assim que isso, assim, na Igreja, assim, nunca deve ser mexido isso, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Uma peculiaridade da hierarquia dentro do mosteiro está na sua modalidade familiar. Apesar da dificuldade em vivenciar este voto, as religiosas freqüentemente atribuem à autoridade da priora, também chamada “madre”, a equivalência à autoridade materna. Na qual o amor e o carinho dedicado ao cuidado com suas “filhas” amenizam a dor da obediência. Esse também é o entendimento apresentado por Miriam GROSSI (1987, p. 85) ao afirmar que *“a hierarquia existente nos conventos se fundamenta no modelo familiar no qual existe a relação mãe/filha e a relação entre as irmãs. Ora, é em cima destes modelos que vai se construir os exemplos de afeto e hierarquia estruturantes do convento”* Essa – hierarquia - se concretiza a serviço de um bem maior, como descreve uma das religiosas:

Assim, toda regra, todos os horários é também cumprimento como obediência, né? Se a gente for obediente a gente vai cumprir aquele horário, por obediência, por amor a Nosso Senhor, né? Porque é vontade Dele que a gente faça aquilo, naquela hora. Mas, por exemplo, a gente está com mal-estar, dor de cabeça, não está passando bem, a gente chega na nossa madre, porque ao mesmo tempo que ela é superiora, ela é mãe, né? (...) *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Dessa forma, possível considerar que o voto da obediência refere-se a um meio utilizado pela instituição para, segundo Peter BERGER<sup>124</sup>, “enquadrar” os membros e manter o controle de uma sociedade. Nesse sentido, oportuna a afirmação de ROSADO-NUNES (1985, p.45), para quem:

[é] a obediência que permite a manutenção da estrutura rígida da VR<sup>125</sup> tradicional. É a referência ao sagrado que torna intocáveis as pessoas e impossibilita uma atitude crítica. Uma autoridade que representa na terra a própria divindade não pode ser contestada.

### **2.4.3. O Voto de Pobreza**

Por fim, o último dos três votos, nem por isso menos importante, é o voto de pobreza. Este implica geralmente na renúncia à disposição dos próprios bens. Tem o intuito de evitar que os membros que ingressam para uma ordem religiosa

---

<sup>124</sup> BERGER, Peter. 1986, p. 81.

<sup>125</sup> VR: abreviatura utilizada pela autora para “vida religiosa”.

preocupem-se com questões financeiras<sup>126</sup> permitindo que se dediquem com maior ênfase ao estado de consagração do instituto religioso a que ingressam.<sup>127</sup>

Assim, aqueles/as que se propõem a viver consagrados a Deus devem estar livres do uso das coisas mundanas e desprovidos do apego às riquezas.<sup>128</sup> Como se pode observar nos depoimentos seguintes, as religiosas confirmam a necessidade instituída do voto de pobreza e atribuem a ele também a busca de um dom maior:

Depois, o voto da obediência e o voto da pobreza eu renuncio as coisas externas, quer dizer as coisas materiais para receber um dom muito maior que é o amor de Deus que é doado para nós, né? (...) pelo voto de pobreza, eu renuncio o meu modo de pensar, meu modo de ser, para poder fazer a vontade do meu esposo.  
*Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

A gente vai se desprendendo de gostar tal coisa, de, pelo menos, o hábito, né? É aquele hábito, a gente não tem muita escolha, né? Não escolhe que roupa vai usar, como que vai pentear o cabelo, se nem cabelo não tem mais, né? Então, a gente vai cedendo aos poucos, né? Essa vaidade a gente vai perdendo aos poucos. E tudo isso para a gente é perda de tempo, assim, para nos, né? Imagina, ficar tanto tempo arrumando o cabelo, escolhendo uma roupa que vai usar, né?  
*Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Ao ingressarem na clausura e até à profissão dos votos temporários, as religiosas podem permanecer com a propriedade dos bens de que porventura disponham. No entanto, a administração dos mesmos precisa ser delegada “a quem ela preferir”<sup>129</sup>. Essa prerrogativa, no entanto, não é permitida por ocasião da profissão dos votos solenes. Antes da profissão destes, a noviça deve “renunciar plenamente aos seus bens”, de forma que essa renúncia tenha validade também na legislação civil. A religiosa expressamente renuncia a todas as suas posses e bens, móveis ou imóveis, ou mesmo a possíveis heranças que venha a receber. A disposição dos bens é livremente permitida à religiosa, sendo inclusive, algumas vezes, colocados em favor do próprio mosteiro.

O despojamento do voto de pobreza não inclui apenas a renúncia aos bens materiais, à vaidade, à posse. Envolve ainda o abandono do convívio familiar e a

<sup>126</sup> ROSADO NUNES, Maria José. 1985, p. 43.

<sup>127</sup> Enciclopédia Católica Popular. *Pobres, pobreza*. In <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia>; acesso em: 01.03.05.

<sup>128</sup> Cf CATECISMO 2545, 1999, p. 653.

<sup>129</sup> Constituição de 1991, item 32, p.44.



abdição dos estudos.<sup>130</sup> Os depoimentos das religiosas são pacíficos nesse sentido. Algumas vezes, dando a entender até como um dos motivos para o ingresso na vida religiosa de clausura. Observemos:

Na vida de clausura, não! [*seguir algum estudo*] Quando a gente opta pela vida de clausura a gente deixa tudo, tudo mesmo, do mundo, né? Todas, assim, as atividades que existem fora da clausura, a gente deixa tudo. A faculdade a irmã deixa, porque não tem necessidade, na verdade. Dentro do Carmelo, se você realmente tem vocação, não tem necessidade de ter uma faculdade, né? Porque a nossa vida é muito simples, né? Assim, o ideal mesmo é a oração, né? Porque é uma vida muito simples, mesmo. *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

É o que a gente chama de formação permanente, né, então tem alguns padres que dão o curso para gente, né? (...) Sempre mesmo em termos de formação mesmo religiosa, né? Que a gente tem aqui. É, cursos, por exemplo, de outros temas assim aí gente não tem". *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

O impedimento do acesso das mulheres aos estudos, pode ser considerado como um indicador de prática sexista dentro da Igreja. O controle da instituição encontra-se em poder de homens que são obrigatoriamente instruídos e incentivados a atingir o maior grau de escolaridade possível. Os custos são subsidiados pela ordem ou congregação de que participam. Os motivos e o entendimento dessas diferenças podem ser atribuídos ao interesse pela manutenção da submissão, como aponta Robin SCHOTT (1996, p.116):

... até o século XX , as mulheres foram proibidas de estudar filosofia e ciência e impedidas de receber instrução profissional , do mesmo modo como haviam sido excluídas das antigas escolas episcopais. (...) A ausência das mulheres da vida acadêmica refletia sua exclusão do sacerdócio e ministério.

Da mesma forma, a abdição do convívio familiar, exigida pelo voto de pobreza, pode ser entendida como a preservação da idéia do pensamento de Tomás de Aquino, para quem *“o desejo do prazer, senão regido pela razão, interfere na busca do conhecimento da obra de Deus que é acessível aos anjos. Portanto, para atingir*

<sup>130</sup> Cf afirma Débora DINIZ, (1995, p. 102), “a prática do exercício intelectual não é dos mais defendidos dentro do Carmelo”. Além disso, não é exigido internamente para as monjas estudos complementares. No mosteiro CICMST todos os cursos de formação realizados são mais no caráter doutrinal e teológico com o objetivo de manter a atualização das religiosas. Todos ministrados por homens (padres e/ou frades da própria congregação). Segundo uma das religiosas, nunca aconteceu de alguma mulher ou mesmo outra monja vir ministrar algum curso ou palestra no mosteiro.

*as verdades inteligíveis, deve-se estar livre dos laços e das preocupações temporais acarretados pela vida familiar.*<sup>131</sup>

Os votos religiosos podem encontrar suas raízes até mesmo em períodos anteriores a Cristo. No entanto, ainda hoje seus princípios estão presentes na vida das religiosas de clausura. O pensamento de importantes filósofos e pensadores cristãos com frequência fundamenta incoerências sobre a necessidade da submissão da mulher. Muitas delas, identificadas nas normas que regem a vida feminina contemplativa de forma a demonstrar uma persistência de pensamentos inflexíveis voltados à segregação dessas mulheres.

## 2.5. Atividades Diárias

O dia-a-dia na clausura é metodicamente estabelecido e possui uma programação intensa.<sup>132</sup> A agenda<sup>133</sup> é definida de acordo com o prescrito nas Regras e Constituições de Sta Teresa D'Ávila. O despertar acontece muito cedo, às 04h30, e o dia de trabalho se encerra às 22 horas. Só há mudanças na agenda, com maior horário para descanso, aos domingos e dias santos. A oração e o silêncio são as atividades preponderantes. São sete as recitações, realizadas cada uma em determinado horário do dia. O silêncio, apesar de existir um horário estabelecido como de “silêncio rigoroso”, é cultivado em todos os momentos e no exercício das tarefas do mosteiro. No entanto, como admite a própria priora, na prática o cumprimento dos horários não é tão rígido assim e, muitas vezes, precisa ser adaptado às novas circunstâncias: *“Mas assim, o dia assim, em tese é sempre móvel. Inclusive o horário de deitar o horário de levantar o horário que tem que se fazer, tudo isso é mais ou menos.” Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

<sup>131</sup> SCHOTT, Robin. 1996, p. 93.

<sup>132</sup> GROSSI, Miriam. 1987, p. 47, relata também as “atividades são minuciosamente detalhadas, quase que de 5 em 5 minutos, (...) não havendo nenhum tempo livre entre uma atividade e outra, apenas durante 1 hora diária intitulada “recreio”, na qual cada uma delas pode realizar a tarefa que desejar numa sala junto com as outras: bordado, leitura, etc. O dia assim delimitado impede qualquer pensamento ou atividade que não diga respeito unicamente à construção do projeto religioso, (...).

<sup>133</sup> Ver anexo 5 com a agenda diária do mosteiro CICMST.

As irmãs dividem-se no exercício das atividades necessárias ao bom funcionamento do convento. A priora é quem, anualmente, estabelece o ofício que cada religiosa deverá exercer. Débora DINIZ (1995, p.101) menciona serem aproximadamente quinze os ofícios que também se fazem presente no mosteiro CICMST. São eles os de: 1) -arquivista: responsável por arquivar as crônicas e os documentos importantes, como recibos, atas conventuais, óbito, profissão, etc. (o mosteiro CICMST dispõe de uma sala específica para o arquivo); 2) - bibliotecária: responsável por catalogar e organizar a biblioteca (no mosteiro CICMST a irmã que exerce este ofício também realiza o de arquivista); 3) - cozinha: trata-se de oficina provisória, onde as escalas são realizadas em forma de rodízio. No mosteiro CICMST a escala é apresentada sempre aos sábados para os dias da próxima semana; pela cozinha todas as irmãs passam em um dos dias. A exceção é aberta à priora e à irmã mais antiga, que, por estarem em posições de administração do mosteiro, não dispõem de tempo para esse ofício; 4) – cronista: irmã que tem a responsabilidade de escrever o diário com o relato dos principais acontecimentos de cada dia no mosteiro (Crônicas da Fundação até os dias atuais); 5) - depositária: esse ofício é sempre assumido por uma irmã conselheira – é a responsável pela organização da casa, que inclui consertos e compras - a limpeza dos salões de depósito são também de sua responsabilidade; 6) - ecônoma: responsável pela parte financeira e contábil, realiza também o controle dos gastos da casa – é de sua responsabilidade anotar débitos e créditos da casa no livro de contas e realizar pagamentos, por exemplo do INSS, luz, água, etc. Normalmente ocupado por uma irmã conselheira ou pela própria priora; 7) - enfermeira: ofício realizado por irmã professa solene para o cuidado das irmãs com problemas de saúde, pode ainda ser auxiliada por outras religiosas em razão da necessidade. No mosteiro CICMST, no momento, em razão de duas irmãs estarem gravemente enfermas e solicitarem assistência integral, o ofício da enfermagem é realizado por mais duas irmãs; 8) - lavanderia: oficina com a atribuição da lavagem de roupa do mosteiro; 9) - porteira: tem a responsabilidade de fazer o primeiro atendimento de quem visita o Carmelo e também do telefone. No mosteiro CICMST semanalmente são designadas duas irmãs porteiras, que se revezam no turno da manhã e da tarde; 10) - provisora: a quem compete determinar o cardápio e controlar o estoque de alimentos, exerce ofício durante um ano inteiro; 11) - refeitório: oficina que exerce a função de servir a refeição e arrumar a mesa, bem como recolher os pratos e limpar a sala de

refeições; também com escala apresentada sempre aos sábados para os dias da próxima semana; por ele todas as irmãs também devem passar; 12) - roupeira: responsável pela organização de todas as roupas, incluídas as de uso pessoal, banho, cozinha e quarto; 13) - sacristã: a ela compete cuidar de tudo que diz respeito à capela externa do mosteiro.



Cozinha do mosteiro CICMST com a irmã que realizava o ofício.

Existem ainda os ofícios de priora e conselheira, que distinguem-se dos demais pelo fato de, para assumirem essas atividades, as irmãs precisam ser eleitas<sup>134</sup> pelas demais monjas professoras solenes do mosteiro, conforme esclarece a priora no seu depoimento ao ser indagada sobre os procedimentos para o cargo:<sup>135</sup>

Então, tem eleição de três em três anos que pode ser reeleita. Só que exige mais votos para a reeleição. Então, na primeira eleição as irmãs que votam são aquelas irmãs que já têm compromisso para sempre. O voto solene que a gente fala, o voto perpétuo que a gente fala. Mas quem não tem os votos perpétuos não pode votar. Todas as que são capitular, são as que já estão para sempre no convento, né? Essas que participam da eleição. Então, assim, para quem quer ser priora precisa ter a metade mais um dos votos das irmãs. Agora para ser reeleita, ela precisa de dois terços dos votos, né? Precisa um número maior de pessoas que estão aqui, né? Então, isso para a eleição. Quer dizer, a gente é eleita pela comunidade, né? Então, não é que a gente faça nada. E eu procuro amar elas,

<sup>134</sup> A cerimônia de eleição da priora ainda hoje é assistida pelo bispo.

<sup>135</sup> A priora do mosteiro CICMST encontra-se no seu segundo mandato.

lógico que também o tempo de vida no Carmelo, me ajudou muito. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

As irmãs Conselheiras são também, todas, irmãs professoras solenes, podendo ser três ou quatro religiosas. Assim como os ofícios, variam em número de acordo com o tamanho do mosteiro. No mosteiro CICMST são quatro as conselheiras. A função delas é compor o conselho do convento, responsável por auxiliar a priora na administração da casa.

O objetivo está em distribuir as atividades entre as monjas, de forma a que todas contribuam ativamente. Muitas vezes, em virtude do número de religiosas ser inferior ao número de ofícios, pode ocorrer de uma mesma irmã acumular mais de uma função. Para o exercício dos ofícios que se destinam ao sustento do convento, geralmente são observadas as qualidades e/ou os dons pessoais das religiosas. Um exemplo disso são as traduções de livros realizadas - geralmente obras de Santa Teresa ou sobre sua vida - que se tornaram uma tradição do Carmelo CICMST. Da mesma forma os trabalhos de pintura, fabricação de velas, confecção de convites, bordados e costura são distribuídos conforme a aptidão das religiosas. Por outro lado, caso uma monja não apresente talento específico ou surjam novas atividades, se faz necessário que a mesma se qualifique ou colabore com alguma das funções existentes. O uso do computador é um exemplo recente ocorrido no Carmelo CICMST. Para utilizá-lo nos trabalhos de digitação do convento e na confecção de convites, santinhos, lembranças de primeira comunhão, etc. foi necessário que uma das irmãs recebesse aulas de informática.<sup>136</sup>

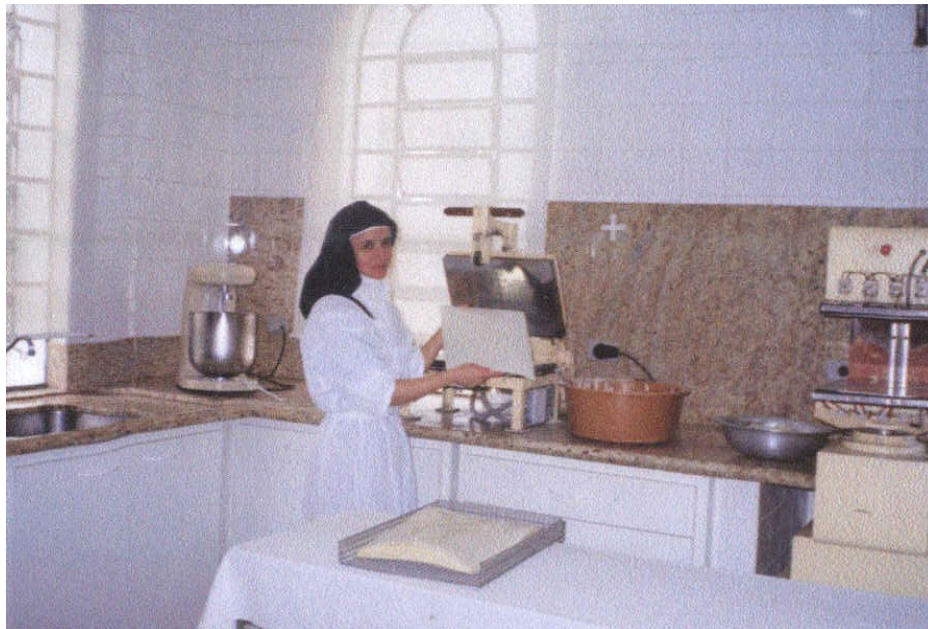
Hoje, também as religiosas sentem reflexos da modernidade e a ela atribuem maior dificuldade à aceitação de seus trabalhos, conforme descreve a irmã Priora:

Teve uma época que era mais fácil o nosso trabalho, que as pessoas aceitavam. Se fosse possível a gente ganhar algum dinheiro com esse trabalho, mas depois, teve época que foi mais difícil. Agora, por exemplo, na nossa casa, sempre teve gente que pegava encomenda assim que as pessoas pegavam. Hoje com o negócio de ter máquina, tudo isso, muita coisa já desapareceu, a gente não pode mais fazer. Mas agora o que atualmente o que a gente faz mais é a hóstia. Porque daí é com máquina, as nossas máquinas não são muito

---

<sup>136</sup> Os ensinamentos foram dados por um amigo das religiosas que se prontificou a ir ao mosteiro e transmitir os conhecimentos de informática para duas irmãs.

modernas, mas tem uma produção relativamente boa. E daí a gente oferece para as paróquias, sobretudo as da diocese, né? Quer dizer então, que é uma entrada boa. (...) Porque é uma coisa que tem que ser muito bem feita, (...) tem que ter cuidado. Cuidado que uma fábrica por aí pode fazer mal feita. Então, a gente fica feliz de poder fazer isso, né? Depois outra coisa que a gente faz, e que você deve ter percebido é que agora os padres estão muito mais preocupados de usar paramentas e estolas, e tudo isso. Teve uma época que, tudo mundo estava deixando um pouco de lado, celebrava missa com menos cuidado, assim, né? Não tinha aquele cuidado mesmo. Agora não. Muita coisa já está retomando. Tem padre agora que já quer uma porção de coisa (risos). Mais bordado, mais trabalhado. Então, nós também fazemos isso. Esse trabalho, né? (...) Nós fazemos mais sob encomenda. (...) E, ultimamente, a gente também tem tido (...) cartão, até convite de casamento, isso também está dando uma entrada, né? Isso daí já é uma coisa nova.” *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*



Fabricação de hóstias no mosteiro CICMST com Irmã Irene

A devoção ao aprofundamento da espiritualidade exclui da rotina das contemplativas a dedicação aos cuidados com a aparência e o corpo.<sup>137</sup> Espelho, batom, perfume, cremes, bijuterias, diferentes estilos de roupa não fazem mais parte da vida dessas mulheres. A renúncia às coisas materiais externas é realizada ao ingressar no

<sup>137</sup>Para GROSSI, Miriam. 1987, p. 53, elas não são estimuladas a cuidar do corpo, pois o importante é o “espiritual”. Também abandonando o corpo, elas abandonam mais facilmente os valores do “mundo de fora” e deixam de ser “corpos desejantes” para se tornarem unicamente “espíritos desejantes”.

mosteiro, com a profissão do voto de pobreza. O desprendimento da vaidade é exercido em busca de “receber um dom maior que é o amor de Deus”.<sup>138</sup>

A renúncia à vontade-própria e aos desejos é um trabalho constante no dia-a-dia das monjas. Produtos de higiene, roupa íntima e demais objetos de uso pessoal são adquiridos por uma irmã responsável ou recebidos como donativos. Todos são guardados em um depósito, onde o controle e organização ficam sob responsabilidade da irmã “depositária”. A ela compete a entrega do produto solicitado pelas irmãs, que não escolhem ou expressam qualquer preferência por marcas. Recebem o que há de disponível, conforme se verifica no depoimento a seguir, de uma das irmãs que foi indagada sobre a eventual escolha de um sabonete ou pasta de dente:

Não, não escolho. A não ser, por exemplo assim, se a irmã tem alguma alergia, aí que ela não pode usar aquele sabonete, só tem que usar o de glicerina que é antialérgico, tudo, aí, a necessidade nunca tem lei! Nunca tem lei, né, para isso. Aí então, ela pode falar: eu não posso usar esse sabonete porque me dá alergia. Aí, sim. Num caso de necessidade, mas, para escolher, só, não. É o que a gente ganha. *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Para as irmãs, trata-se de valores superficiais praticamente inerentes ao universo feminino, fato que as obriga a trabalharem constantemente a renúncia. Elas consideram a vaidade como mais uma preocupação para desvirtuá-las da dedicação exclusiva a Deus.

Uma das coisas da mulher é ser bonita, é ser vaidosa, né? Então, a gente se, é, a gente tem essa ruptura mesmo, né? E como a gente vive, assim, escondida, assim, aos poucos vai se desprendendo também. A gente vai se desprendendo de gostar tal coisa, de, pelo menos, o hábito, né? É aquele hábito, a gente não tem muita escolha, né? Não escolhe que roupa vai usar, como que vai pentear o cabelo, se nem cabelo não tem mais, né? Então, a gente vai cedendo aos poucos, né? Essa vaidade a gente vai perdendo aos poucos. E tudo isso para a gente é perda de tempo, assim, para nós, né? Imagina, ficar tanto tempo arrumando o cabelo, escolhendo uma roupa que vai usar, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

---

<sup>138</sup> Depoimento da Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.

A simplicidade das Carmelitas é visível também nas vestimentas. A própria cerimônia de vestição, que anteriormente era repleta de pompa, conforme descreve Débora DINIZ (19995, p.76), foi objeto de simplificação.

A cerimônia de entrada para o noviciado era uma das festas mais bonitas do mosteiro, até meados da década de sessenta. Chama-se, e ainda hoje conserva o nome, apesar das diferenças, de cerimônia de vestição. É na vestição que a candidata recebe, pela primeira vez, um dos Hábitos da Ordem, já que durante a experiência se usa roupas comuns e durante o postulante usa-se uma roupa de religiosa bem mais simples e diferente do Hábito tradicional das Carmelitas.

No passado, durante a Missa de vestição a candidata usava um vestido de noiva, como sinal de sua consagração e de seu casamento com Cristo. Toda a cerimônia se assemelhava a um casamento secular, até mesmo a noiva sendo levada ao altar pelo pai. As raras fotos dessa cerimônia, principalmente as do início do século, são belíssimas. Os vestidos eram ricamente trabalhados e continham todos os paramentos comuns a uma noiva secular: buquês com flores de lírios, véus compridos e minuciosamente ornamentados.

O depoimento da irmã mais antiga do mosteiro CICMST confirma a simplificação da cerimônia. É uma cerimônia interna, em que as vaidades foram abandonadas. *“Simplificou tudo, a própria Igreja simplificou, porque era muita pompa, muita vaidade de coisas, né?” (Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC)*. Hoje as posses das irmãs consistem no hábito, no escapulário, na correia,<sup>139</sup> na capa branca, no véu grande, na coroa<sup>140</sup> e num crucifixo que carregam do lado esquerdo, lado do coração. Os demais objetos são de propriedade do mosteiro.

Quando se trata de penitência, além do jejum e da abstinência (Cf. Cânone 1249-1253), uma peculiaridade ainda vigente e incentivada no mosteiro CICMST são as chamadas práticas de mortificação, entendidas por elas como “penitência corporal” ou, ainda, uma forma de “disciplina”, pois *“mortificação todos têm que ter, em todos os sentidos”*. Admitem as religiosas tratar-se de um tema polêmico, no entanto entendem e consideram uma prática válida. Hoje em dia realizada com advertências e algumas restrições que foram inclusive impostas pela Igreja, como por exemplo a de flagelar as próprias costas com uma espécie de “mini-chicote”.<sup>141</sup> O ataque a essa parte do corpo foi proibida pelo bispo em razão dos riscos e da possibilidade de

<sup>139</sup> Correia: assim chamado um cinto de couro utilizado pelas religiosas.

<sup>140</sup> Coroa: denominação dada ao terço de tamanho grande, com seis dezenas, confeccionado geralmente de madeira pelas próprias religiosas, e fica preso ao cinto.

<sup>141</sup> “Mini-chicote”: instrumento em formato reduzido de chicote confeccionado de cordão/barbante no próprio mosteiro CICMST.



atingir especialmente o pulmão. No mosteiro CICMST a aplicação dessas disciplinas deve partir individualmente de cada religiosa, não podendo ser imposta às monjas que não queiram praticá-la. São práticas exercidas particularmente, na cela, e autorizadas apenas no glúteo, de forma leve, sem o objetivo de machucar. Apesar de ainda constar na Constituição de 1991, conforme se observa abaixo, muitos Carmelos excluíram essa prática.

Parágrafo 51 - Sem prejuízo do estabelecido no número 50, as normas particulares ou, em sua falta, o Capítulo do mosteiro, terão o cuidado de rever certas penitências tradicionais, onde tenham caído em desuso, introduzindo em seu lugar, novas formas de penitência comunitária, que correspondam melhor às diversas situações ou condições dos tempos e lugares.

Parágrafo 52 - A monja que se sinta inspirada a cumprir outros atos de mortificação e penitência, responda com generosidade; porém sempre com autorização da Priora.

Quanto às leituras, estas são incentivadas no mosteiro. No entanto, as irmãs somente recebem e lêem jornais ou revistas vindos da Santa Sé. Os livros podem ser escolhidos através do catálogo - relação dos livros disponíveis - da biblioteca do convento. Às irmãs não é permitido o manuseio das obras e a consulta direta na biblioteca. Uma vez interessadas por alguma obra, devem solicitar à irmã bibliotecária - responsável pela manutenção e organização da biblioteca. É o que relata uma das irmãs:

Tem uma biblioteca até que grande aqui. A nossa comunidade a irmã não tem assim de ir até lá, entrar a qualquer hora e pegar o livro não. Mas, assim, a gente pede e a irmã que é responsável, ela é bem organizada lá e tudo, tem o jeito dela, mas o livro que a gente quer a gente pede. E a biblioteca até que é bem grande mesmo. Tem lá os catálogos né, tem, lá a gente procura o que a gente quer e pede. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

As irmãs também podem sugerir a compra de livros que não constem na biblioteca do mosteiro. A aquisição, no entanto, somente será efetivada se aprovada pela irmã bibliotecária e pela priora.

Nesse sentido, a solicitação condicionada à vontade de uma pessoa hierarquicamente superior pode ser considerada um indicativo do funcionamento de uma “instituição total”, onde se verifica uma ausência de individualidade, bem como

um certo interesse em “uniformizar” as religiosas. São “comodidades materiais” perdidas pelas monjas, que caracterizam uma renúncia à vontade.<sup>142</sup>

Assistir televisão e acessar a internet são também práticas da vida cotidiana que não fazem parte da rotina das irmãs do mosteiro CICMST. Por opção<sup>143</sup>, e por entenderem que televisão e internet aumentariam suas atividades e diminuiriam o tempo para dedicação à prática da contemplação, as religiosas desse mosteiro não as adquiriram. Quando da eleição do último papa, para assistirem as transmissões pela TV, solicitaram um equipamento emprestado. No entanto, cabe destacar que essa não é uma prática em todos os Carmelos, mas pode-se considerar quase como uma peculiaridade do mosteiro onde se realizou o trabalho empírico. Hoje já é significativo o número de mosteiros com acesso à internet e que possuem endereço de e-mail - até mesmo contas individuais para as religiosas. Alguns mosteiros inclusive possuem site<sup>144</sup> exclusivo em que disponibilizam informações sobre a vida contemplativa e sobre sua rotina. O recurso da comunicação por e-mail tem facilitado o contato entre os próprios mosteiros. Mesmo a irmã Priora do Carmelo CICMST reconhece ser um ótimo instrumento e sinaliza que em breve não terão como evitar a adoção desse recurso. Verifica-se que os mosteiros que primeiro se utilizaram desse meio de comunicação foram os que participam da Associação<sup>145</sup> dos Carmelos que, dessa forma, podem se comunicar mais facilmente e com menor custo. Cabe apontar ainda que o meu contato com uma das religiosas do mosteiro da minha cidade natal, que indicou os contatos do Carmelo no estado de São Paulo, e com as irmãs coordenadoras das quatro associações, foi realizado por e-mail.

---

<sup>142</sup> GOFFMAN, Erving. 1961, p. 46 e GROSSI, Miriam. 1987, p. 80 apresentam o mesmo entendimento, considerando como uma busca de “aniquilar com individualidades criando uma identidade única”.

<sup>143</sup> Sobre os meios de comunicação, o documento que instrui sobre a vida contemplativa e clausura das monjas – Verbi Sponsa, p.20, determina: “As normas relacionadas com os meios de comunicação social, em toda a variedade que hoje se apresenta, visam salvaguardar o recolhimento; pode-se realmente esvaziar o silêncio contemplativo quando se enche a clausura de ruídos, de notícias e de palavras. Por isso, tais meios devem ser usados com sobriedade e discrição, não só quanto aos conteúdos mas também quanto à quantidade de informações e ao tipo de comunicação. Leve-se em conta que, nas pessoas habituadas ao silêncio interior, tudo isto se imprime mais intensamente na sensibilidade e emotividade, tornando mais difícil o recolhimento. O uso do rádio e da televisão pode ser permitido em circunstâncias particulares de carácter religioso. O eventual uso de outros meios modernos de comunicação, como fax, telefone celular, internet, por motivos de informação ou de trabalho, pode ser consentido no mosteiro, com prudente discernimento, para utilidade comum, conforme as disposições do Capítulo conventual.”

<sup>144</sup> Ver, p. ex, <http://www.mosteirosoajose.com.br/>; consulta em 28.08.06.

<sup>145</sup> As Associações dos Carmelos são abordadas no item 2.3.

Da mesma forma que a disciplina, fazem parte da rotina das irmãs alguns momentos de descontração. São assim chamados os recreios, que ocorrem duas vezes ao dia pelo período de uma hora – após o almoço e após o jantar. Segundo Débora DINIZ (1995, p.98) “*são os únicos momentos do dia em que a comunidade se encontra sem o som do silêncio.*” São oportunidades que as monjas têm de interagir e se conhecer melhor. No entanto, esses momentos somente são compartilhados entre as irmãs professoras solenes e as noviças nos finais de semana e durante os dias festivos. Nos demais dias da semana, as irmãs professoras solenes e as noviças fazem recreio em separado. Os motivos dessa separação são atribuídos ao fato de as irmãs noviças estarem ainda em formação e muitas vezes não apresentarem um comportamento adequado, podendo gerar má interpretação das irmãs professoras solenes. Essas observações são de responsabilidade da mestra das noviças que, ao verificar eventuais impropriedades, deve trabalhar na formação dessas religiosas.



Atividades realizadas durante o recreio

É de se considerar que a disciplina, nas atividades diárias, é orientada para uma prática ascética, em que os procedimentos estão a serviço de um ideal, a contemplação. Para Robin SCHOTT, (1996, p. 207) “*o ascetismo não é descritivo da ausência de sensorialidade na realidade fenomênica; ao contrário, é um ideal, um preceito a como [sic] se deve proceder*”. Pode-se dizer que permanece a percepção das religiosas da existência de fatores externos ao seu cotidiano que não são negados. No entanto, procuram ser suprimidos, dentro do possível de suas rotinas,

através, por exemplo, da ausência de meios de comunicação como televisão, internet, jornais etc. O depoimento da priora, a seguir, confirma ser muitas vezes necessária uma adequação da rotina do convento em razão da influência, por exemplo, de visitas inesperadas:

Mas sempre tem coisas diferentes que acontecem, né? E está muito menos sossegado do que era. Agora tudo muda muito depressa (...) não tem uma rotina no Carmelo, porque sempre tem uma coisa diferente. As vezes a gente costuma dizer, Deus sempre renova, né? Tem dias que a gente acha, puxa, nada de novo acontece. Mas, por outro lado, tem dias que não. E nessa diversidade assim, não sinto problema que a gente tenha propriamente nova, de todo dia sempre a mesma coisa. Não é, não consegue ser. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Nos últimos tempos a rotina do convento CICMST também tem sido alterada com maior frequência em razão do crescimento da necessidade de saída das religiosas. Não obstante ser exigido que os motivos de saída do mosteiro estejam estabelecidos, e que a autorização seja dada previamente, percebe-se que, cada vez mais, os compromissos do dia-a-dia e o cumprimento das obrigações civis fazem com que as monjas se ausentem do Carmelo. O depoimento da priora confirma:

A gente sempre aproveita quando sai, porque a gente sai muito mais que antigamente, por causa de médico, por qualquer exame, você precisa ir a médico, geralmente três a quatro viagens que a gente precisa fazer. Porque você vai para a consulta, depois você vai para o exame, depois você vai para o retorno, se tem cirurgia, pior ainda, se tem tratamento. Nós tínhamos uma irmã que fazia hemodiálise, por exemplo, a madre T. precisa fazer radioterapia. Aí ela ia para São Paulo e fazia todo dia radioterapia, em São Paulo mesmo. Era no S.L. Então, é variado. (...) Então, aí a gente aproveita uma ida dessas e a gente faz. É claro que a gente vai em velório, tudo que precisar a gente vai né? A gente evita, mas as vezes que precisa a gente também. (...) Aí precisa um pouquinho também de bom senso, né? (...) Se for uma necessidade absoluta. Também acabou assim uma espécie de tabu de carmelita não pode mais sair. Então, esse tipo de tabu que existia antigamente não existe mais. Agora, cada convento tem a sua realidade e cada uma vê o que pode fazer e o que não pode fazer, né? *Irmã Flávia, 65 anos, 44 de VRC.*

Tais evidências confirmam uma certa “invasão da clausura” pelo contexto social no qual encontram-se inseridas as irmãs carmelitas, como será exposto no próximo item. Ainda assim, as atividades diárias, com mortificações e renúncias, podem ser entendidas dentro de um conceito ascético de Émile DURKHEIM (1989, p. 376) no sentido de que “*para que haja ascetismo propriamente dito, basta pois, que essas práticas se desenvolvam de maneira a tornar-se a base de verdadeiro regime de*

*vida*". No caso do estilo de vida das religiosas, as alterações de rotina ocorrem em razão de um cotidiano imprevisível; no entanto, não são habituais. Por essa razão, possível é ainda admitir o caráter místico, uma vez que contemplam a valorização do silêncio. E, segundo Max WEBER (1980, p. 242), "*para o verdadeiro místico vale o princípio: a criatura deve estar calada, de modo que Deus possa falar*".

Também não se pode negar que a rigidez na determinação das atividades do dia a dia atende ao interesse de manutenção de uma ordem e hierarquia. Entendimento que se demonstrou pacífico nos estudos realizados de Maria José ROSADO-NUNES (1985), Sílvia FERNANDES (2004), Débora DINIZ (1995), Miriam GROSSI (1987) e outros.

Como reconhece a irmã priora do Carmelo CICMST, a obediência hierárquica é uma necessidade para a convivência em comunidade e para uma determinada "produção". A comparação foi realizada com a necessidade de obediência de um soldado, ou ainda, dos músicos ao maestro de uma orquestra:

E às vezes as pessoas falam que acham absurdo viver sob obediência. Você consegue viver durante muito tempo? É uma bobeira esse negócio. Às vezes as pessoas não vêem (...) A gente vive bem, a gente tem que obedecer. Mas todas elas me obedecem, que funcionou. Não existe a obediência de soldado? Muitas vezes por uma coisa estúpida, mas eles têm que obedecer. E isso assim eu acho bonito, a gente aprende é (...) da obediência ao maestro numa orquestra. Que lindo, né? Quer dizer, se vocês não obedecem, e como a música é uma coisa linda, se sente infeliz porque obedece? Não! Obedece uma pessoa. E é a mesma coisa na vida religiosa. Você obedece não porque, via aí, porque obedece. Não! Você põe a sua cabeça no seu lugar, funciona, toda vez que você vai fazer aquilo pelo menos, porque daí, você vai produzir. Porque senão, daí vira um absurdo só. Não tenho raiva dela né. E é tão lindo isso, né? Essa comparação é muito antiga, né? Justamente essa espécie de, juntos, obedecerem um. Porque um maestro é uma razão daquelas, né? Eles têm que ter aquela energia que eles honram. E como fica o compromisso, né? Porque? Porque obedeceu. Se cada um vai fazer o que ele quer, vira um horror. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Oportuno também aqui o esclarecimento de Sílvia FERNANDES (2004, p.163) sobre a distinção de poder, obediência e disciplina. Para a autora:

O pós-estruturalismo o analisa sobejamente sobretudo nas obras de **Michel Foucault** (1986) que percebe o poder como a capacidade dos mecanismos sociais em disciplinar os indivíduos. **Max Weber** (1998, p. 33) distingue poder, dominação e disciplina considerando que o poder representa toda e qualquer

probabilidade de imposição da vontade própria numa relação social; a dominação seria a chance de se encontrar obediência a uma determinada ordem entre determinadas pessoas indiciáveis e a disciplina implicaria na probabilidade de ser obedecido pronta e automaticamente em virtude de atividades treinadas.

O próprio período de treinamento das irmãs está imbuído do propósito de reforçar uma dominação. As etapas de formação das religiosas são dedicadas à transmissão de conhecimentos doutrinários e teológicos. Estes são entendidos como suficientes para o exercício da vida contemplativa, uma vez que não se exige das monjas qualquer outra formação. Nem mesmo a graduação em Filosofia e Teologia, como requerido para os frades/clero, o que é um indicativo de diferença de gênero. Tal fato pode ainda demonstrar que, para obedecer e melhor cumprir a submissão dentro de um mosteiro, se faz necessário que a instrução não seja valorizada.

A desvalorização do conhecimento para a dedicação à vida contemplativa confirma-se também no mosteiro CICMST, onde nove de dezenove irmãs possuem o ensino médio completo, exigência mínima para o ingresso na clausura. Oito monjas possuem nível superior, sendo que duas delas não concluíram.<sup>146</sup> Apenas uma religiosa, hoje com noventa anos de idade, possui o ensino fundamental.<sup>147</sup> As áreas de formação são Letras, Farmácia, Enfermagem e Pedagogia.

A inexistência de dados sobre as mulheres de clausura no Brasil não nos permitiu uma análise, mesmo que superficial, do perfil de escolaridade dessa população. Necessário seria um levantamento individual em cada mosteiro das diferentes ordens e/ou congregações, o que foge do escopo do presente estudo. No entanto, pode-se considerar tal fato um indicativo de diferença de gênero em relação ao clero, uma vez que é conhecido o seu grau de escolaridade.

Independentemente do nível sócio-econômico<sup>148</sup> e do grau de instrução das religiosas, observa-se que também a vida em clausura, em suas diferentes etapas,

---

<sup>146</sup> Os dados levantados por Débora DINIZ (1995) apontam que, de trinta e uma religiosas que ingressaram no que autora denominou de “Carmelo-mãe”, cinco possuíam curso universitário (tabela 5). Outro dado apontado pela autora é de que, de cinco candidatas que estavam à espera de vagas para ingresso no mosteiro, quatro possuíam nível universitário (tabela 6).

<sup>147</sup> Trata-se de uma irmã “veleira” que devido a problemas graves de saúde que exigem acompanhamento durante 24h, entrou para a clausura para receber o devido atendimento.

<sup>148</sup> O nível sócio-econômico das religiosas do mosteiro CICMST é abordado no Capítulo 3.

está permeada de conflitos<sup>149</sup> existenciais que decorrem dos mais variados motivos. Eles têm crescido de forma significativa nos últimos tempos e despertado maior preocupação das prioras em fornecer um adequado suporte às irmãs. Geralmente trata-se de questões pessoais como afetividade, identidade, papel social, participação na dinâmica do grupo ou, ainda, crise de valores compartilhados no mosteiro que, em determinada altura da vida, se apresentam com maior intensidade. Os motivos apontados no Carmelo CICMST estão geralmente nas questões biográficas<sup>150</sup> das religiosas, que, depois de determinado período, por não estarem bem resolvidas, voltam à tona.

Com o intuito de auxiliar as monjas e fornecer um adequado suporte no tratamento desses conflitos, o mosteiro vem promovendo palestras com psicólogo voluntário, amigo de uma das irmãs. Segundo a priora, é um trabalho que cada vez mais tem sido identificado como necessário e para o qual mesmo as religiosas mais antigas não se vêem preparadas para realizar. No entanto, se deparam também com uma significativa resistência das irmãs, que, na grande maioria dos casos, vêem esse profissional como alguém que trata de pessoas que apresentam problemas graves, quase beirando a “loucura”. O depoimento a seguir descreve essa nova preocupação:

Cada vez mais a gente precisa tomar cuidado na preparação dessas meninas, então ele dá conselho mesmo, ele é uma pessoa, mesmo na ordem, para ter que trabalhar com as questões definitivas, né? Então, ele como se preparou muito bem, elas mesmas acharam ótimo. A gente faz um acompanhamento, como você falou, não é que a gente tenha tido um problema mais sério. É uma coisa que a gente está percebendo que é muito bom. Tanto que eu convidei esse M. para fazer umas palestras para a comunidade. Porque é muito importante. (...) E é bom para todas nós. Tem gente que é bem resistente para psicólogo. Acha que é só para quem está. E foi justamente isso que ele fez uma palestra e falou para nós, que eles são tão discriminados e que ele não sabe porque são tão discriminados. Quer dizer então, isso daí já quebrou um pouquinho e as mais novas estão aproveitando e tudo isso. E acho que se Deus quiser ele vai dar uma continuidade e vir. (...) Porque são conhecimentos que nós não temos, nós mais velhas não temos. E as meninas também, além de não ter, elas também não tem o mesmo

---

<sup>149</sup> GROSSI Miriam. 1987, p. 56, relata que autores como LEANEC observam que a maior parte dos distúrbios mentais entre freiras se manifesta neste período, em que há uma grande busca de introspecção que favorece a manifestação de problemas psíquicos.

<sup>150</sup> GROSSI, Miriam. 1987, p. 91, relata que nas reuniões de “cultivo” elas também estudam psicologia para tentar compreender melhor suas motivações internas e evitar projetar problemas pessoais nas relações grupais. Além dos retiros, as conservadoras “ficam em adoração” uma quinta feira por mês e em alguns períodos especiais como durante o carnaval onde elas ficam em adoração frente ao Santíssimo Sacramento na capela durante vários dias, alternando as irmãs que ficam a rezar.

preparo de família que nós tivemos. Eu nunca tinha sentido necessidade tempos atrás, mas agora eu acho imprescindível faz parte da formação, né. E a gente vê que não tem condição mais de você não ter. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Os estudos realizados por Sílvia FERNANDES.<sup>151</sup> confirmam ser essa uma nova tendência também utilizada na vida religiosa ativa; os trabalhos psicológicos foram identificados positivamente pelas religiosas e aplicados eficazmente nas reflexões sobre inquietações pessoais.

Como se pode perceber, a determinação de uma rotina rígida das monjas de clausura é estabelecida com o intuito de preservar o seu ideal. Os jejuns, as penitências, as vigílias, os retiros e o silêncio permanecem como a proposta da vida contemplativa. Entendem as religiosas como necessários para o processo de santificação ao qual todas irmãs contemplativas almejam. Por outro lado, conforme veremos no próximo item, verifica-se que as situações do contexto social no qual estão inseridas fazem-se presente cada vez mais no dia a dia dessas mulheres e dinamizam o seu estilo de vida.

### **2.5.1. Relações com a sociedade**

Para expor a vida em clausura a uma análise sociológica torna-se indispensável considerar as relações estabelecidas por esse grupo de mulheres com a sociedade. Cabe ressaltar que, para essa análise, não nos deteremos na questão da estrutura política da VRC e da instituição a qual encontram-se vinculadas as religiosas. Tal fato, no entanto, não pode ser interpretado como negação ou mesmo desconhecimento da estrutura interna e hierárquica imposta incondicionalmente ao estilo de vida dessas mulheres.

O propósito consiste em verificar os elementos de inserção na sociedade abandonando a idéia inicial de clausura como uma opção para “fugir do mundo”

---

<sup>151</sup> FERNANDES, Sílvia. “Vida Religiosa feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea”, art. disp. em <http://chip.cchla.ufpb.br/caos/01-fernandes.html>; acesso em 20.06.05.



proposta por Weber ou, ainda, a idéia Durkheim de que, para haver religião, há a necessidade de dois mundos – sagrado e profano – que são absolutamente heterogêneos, que não se confundem - realidades que não se encontram.<sup>152</sup>

Obviamente tanto o pensamento de Weber quanto o de Durkheim podem ser objeto de distintas interpretações nos diversos aspectos que envolvem a VRC. No entanto, nos deteremos em considerá-los, como dito acima, no que se referem às relações das religiosas com a sociedade.

Especificamente no trato das relações sociais das monjas carmelitas descalças, entende-se como não aplicável a idéia weberiana do conceito de misticismo, que se inclinaria para uma forma religiosa de *fuga do mundo*, isto é, uma fuga contemplativa do mundo em que a monja se retira da vida mundana ativa para dedicar-se a uma vida regrada em clausura. A característica da atitude de *silêncio* – ou de “*uma minimização da ação*” a colocaria “*à prova contra o mundo, contra sua ação no mundo*”.<sup>153</sup>

Pode-se considerar aplicável o entendimento de Durkheim no que se refere à divisão da religião em dois fenômenos – sagrado e profano - os quais se complementam e tornam-se fundamentais para a vida social,<sup>154</sup> ao mesmo tempo em que não podem coexistir. Para ser religiosa de clausura e levar uma vida mística, com regras ascéticas, é necessário que se ausente ou separe do mundo.

Nos propomos a observar que, apesar do estilo de vida rígido e disciplinado, dedicado à contemplação e oração, essas mulheres também participam de um contexto social. Não podem ser simplesmente excluídas do universo social de onde emergiram ou do novo contexto social que passaram a integrar.

Fato social, aqui entendido como “*algo dotado de vida própria, externo aos membros da sociedade e que exerce sobre seus corações e mentes uma autoridade que os*

---

<sup>152</sup> DURKHEIM, Émile. 1989, p. 70.

<sup>153</sup> WEBER, Max. 1980, p. 241.

<sup>154</sup> ERICKSON, Victoria Lee. 1996, p. 59.

*leva a agir, a pensar e a sentir de determinadas maneiras.*<sup>155</sup> Aquele que, mesmo sob o controle rígido e austero da clausura, a invade de diversas formas: através da preocupação dos/as fiéis que as visitam; do contato com os parentes e familiares; das saídas autorizadas, da mídia ou ainda pelo cumprimento das obrigações civis. A consideração do teólogo COMBLIN é assertiva nesse sentido. Para ele, afirmar que os religiosos vivem fora do mundo é não assumir que

Na realidade, os religiosos nunca estiveram fora do mundo. Ninguém pode viver fora do mundo. Os religiosos comem, bebem, moram em casas, possuem, vendem e fazem, de modo geral, todas as operações econômicas. Os religiosos estão na sociedade rural ou urbana. Vivem na cidade ou no campo, têm relações sociais, têm certo relacionamento com as autoridades públicas, etc. Fazem parte da sociedade, ainda que residam dentro de recintos fechados com grades de ferro, atrás de muros altíssimos.<sup>156</sup>

Essas relações, de fato se verificaram na rotina de vida das monjas do mosteiro CICMST. As irmãs, desde a fundação do convento, relatam as dificuldades de obtenção dos recursos para viabilizar a sua construção, bem como os desafios que lhes foram impostos. Foi através dos esforços delas, do contato com a população, com amigos, familiares, conhecidos, etc. que tornou exeqüível a ereção do Carmelo.

Além disso, o fato de serem religiosas e se proporem a viver enclausuradas não as exime das obrigações civis. A condição da afiliação religiosa, por si só, não as imuniza frente às obrigações sociais. Mesmo porque delas precisam utilizar-se para garantir a sua autonomia e permanência do patrimônio para um adequado exercício da contemplação. Tanto assim que o mosteiro está constituído juridicamente e devidamente registrado no cartório civil, possui imóveis em seu nome, conta bancária, recolhe CPMF, declara anualmente Imposto de Renda<sup>157</sup> e impostos. As religiosas, por sua vez, possuem documento de identidade; cadastro de pessoa física junto à Receita Federal; título de eleitora; votam; administram os recursos financeiros do mosteiro; alugam os imóveis doados ou recebidos como herança pelo mosteiro; recebem os respectivos aluguéis; contribuem com a previdência social (INSS), recebem aposentadoria, cumprem com uma série de obrigações da vida

<sup>155</sup> QUNITANEIRO, Tânia. 2002, p. 69.

<sup>156</sup> COMBLIN, apud ROSADO-NUNES, 1985, p. 62.

<sup>157</sup> Segundo a legislação atual, as religiosas são isentas do IR; no entanto, declaram anualmente. Com relação ao IPTU, o mosteiro tem isenção do imposto, concedida através de lei municipal, conforme informação da irmã Telma.

civil. E, ao realizar tais tarefas, participam ativamente de fatos e do contexto social. Nesse sentido, tais atividades ocorrem paralelamente à opção pela dedicação à vida contemplativa. Sem excluir uma à outra.

Utilizamo-nos da citação de Leila ALGRANTI (1999, p.51) para melhor caracterizar a vida das carmelitas com a sociedade:

Estamos acostumados a pensar as instituições de clausura como espaços fechados ao exterior, mas quando se trata de analisar a dinâmica dessas instituições e seu significado, percebe-se que os limites entre elas e a sociedade não existem. As instituições são criadas a partir de normas que expressam o sentimento e os valores dos indivíduos; moldam-se às necessidades da sociedade e possuem, assim, certa dose de flexibilidade. Sem dúvida são espaços de encerramento, mas é exatamente esta dinâmica - encerramento/abertura – que permite captar sua ligação com a sociedade.

Cada vez mais, situações curiosas e tipicamente contemporâneas, acabam, mesmo sem a solicitação das religiosas, “invadindo” o mundo da clausura. Por exemplo, o fato de as religiosas terem sido procuradas por uma operadora de telefonia celular com o propósito de alugar uma área do terreno do mosteiro e implantar uma antena transmissora, em razão da localização estratégica do convento. O inusitado do fato demandou alterações na rotina do Carmelo, fazendo-se necessária, inclusive, uma consulta ao bispo para tal concessão.

Dessa forma, pode-se dizer que a realidade do contexto social onde estão inseridas as religiosas sobrepõe-se às muralhas do mosteiro. Mesmo sem dispor de acesso a internet; de utilizarem o telefone de modo restrito; não possuírem televisão; não lerem diariamente os jornais, nem revistas, as religiosas acabam sendo constantemente influenciadas pelas atividades do mundo externo. A própria violência urbana também as ameaça constantemente. Nem mesmo o fato de estarem há poucos metros de uma delegacia de polícia e rodeadas com muros e portões de ferro exime as religiosas do mosteiro CICMST dos temores de uma eventual invasão e/ou agressão. A preocupação é constante em proteger-se adequadamente com sistemas mais atualizados de segurança, cogitando inclusive instalação de alarmes e outros mecanismos disponíveis atualmente. Também vivem as aflições de garantir o seu futuro, a estrutura para as necessidades com a saúde. Hoje raros são os hospitais de propriedade de instituições religiosas que promovem

a assistência médica de religiosas sem repassar os custos. Conforme depoimento das irmãs, daí originou-se a necessidade de aquisição de plano de saúde:

(...) todo mundo nos aconselhava, inclusive o bispo, também aconselhou, que a gente tivesse convênio de saúde. (...) Porque antigamente ficava assim, se uma irmã ficava doente, todo mundo tinha um parente, amigo, para ajudar. O médico vinha em casa, (...) hoje mudou muito essa parte. (...) As irmãs tinham muitas amigas na Santa Casa, porque elas tinham, a condição delas fazia com que elas pudessem atender qualquer religiosa. Hoje não existe mais. Tem irmã lá, mas não tem mais funcionário na Santa Casa. Quer dizer que tudo é difícil. Tem o SUS, mas você não consegue entrar, você tem que entrar como indigente. (...) quer dizer é super difícil. Depois as irmãs que tinham o Hospital Santa Catarina, elas eram donas do hospital, de uma maneira que elas podiam (...) Hoje elas não podem. O Hospital é uma sociedade. Elas não podem dizer: a essa aqui é minha amiga. As vezes nem para a família delas elas conseguem. Então, com o tempo a gente foi vendo que era mesmo necessário. Tem um hospital, que é o hospital de uma Congregação de Guarulhos que a gente ainda tem isso, que quando é uma irmã, elas são amigas nossas atendem, porque elas são realmente donas, né?  
*Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Com o objetivo de garantirem uma remuneração mínima para o convento, todas as irmãs contribuem com o INSS para o recebimento de futura aposentadoria. O valor da contribuição mensal é obtido dos recursos do mosteiro; da mesma forma que as aposentadorias também para lá retornam. Em muitos momentos pode ocorrer dos valores se equivalerem, mas a maior preocupação está em garantir uma eventual necessidade em momento que a população seja muito idosa. Esse é um dos motivos que reforçam o mencionado processo de “seleção” das candidatas, relatado no capítulo 1.

Com tudo isso, verifica-se que a altura das muralhas, por si só, não pode ser considerada elemento garantidor de uma separação com mundo externo. Por conseqüência, nos leva a discordar da posição de Débora DINIZ (1995, p.150), que afirma ser o convento é uma *“instituição total no sentido mais profundo do termo onde a principal característica são as barreiras físicas que o estabelecimento possui em relação ao mundo circundante”*. A dependência exclusiva das muralhas para o isolamento já não pode mais garantir o caráter de instituição total. Se assim fosse, seria plausível a extensão do conceito também aos condomínios residenciais, residências particulares etc., que, por conseqüência da violência, buscam um isolamento e uma intransponibilidade de suas estruturas.

Dessa forma, afirmar simplesmente que a escolha delas foi “fugir do mundo” e que são mulheres “desprezadas”, de “pouco conhecimento”, ou ainda que, por sofrerem desilusão amorosa, optaram por não tentar um novo relacionamento, parece um tanto quanto ultrapassada; tal afirmação nos levaria, mesmo, a persistir em um discurso discriminador de gênero. Da mesma forma, não poderíamos também deixar de considerar as situações e escolhas de mulheres comuns que desiludem-se amorosamente e, no entanto, não tentam novos relacionamentos, optam por viver sozinhas, apesar de não reclusas; ou mesmo voltam-se exclusivamente para uma realização profissional. Recusam-se a assumir os papéis que ainda lhe são atribuídos pela sociedade patriarcal: esposa e mãe. A partir dessa premissa, pode-se considerar a VRC como apenas mais das possibilidades de escolha de vida da mulher moderna.

Sem dúvida uma escolha realizada por mulheres que, presume-se, entendem os percalços e as dificuldades da vida contemplativa e não atribuem a eles desafios menores que o convívio matrimonial, profissional, ou mesmo individual. Pois, conforme afirma uma das religiosas, é possível levar uma vida contemplativa no meio social:

Isso aqui é uma separação, mas é uma separação, vamos dizer, muito simbólica. Porque o fato de estar na clausura do que mesmo jeito que você está aqui. (...) Então, não é que. Ajuda! Também é muito importante a gente estar bem, né? É uma ajuda, é um sinal e é uma ajuda. Tem tanta gente que consegue levar uma vida super contemplativa no meio da cidade. (...) São contemplativos. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

*“É duro viver fora, mas também é duro viver dentro [da clausura]”*<sup>158</sup> Na verdade, essas mulheres não abrem mão da vida, aceitam e suportam outros desafios, não menos difíceis, mas pode-se dizer que com menor frequência e, talvez, pelo que se tem conhecimento, em número não tão expressivo. Quem sabe, até por isso sejam desafios e conflitos maiores do que se pode imaginar.

---

<sup>158</sup> Citação da professora Eliane Hojaij Gouveia, na banca de qualificação na análise do trabalho proposto.

É de se concordar que essa aparência de fechamento pode propiciar condições para um tipo próprio de atuação na sociedade, como argumentado por Maria José ROSADO-NUNES (1985, p. 66).

A Igreja não só lhes reconhece, como também as obriga a terem uma “autonomia jurídica de vida e de governo”. Só assim, ficariam garantidas as condições e a permanência da clausura com a integridade do seu patrimônio.<sup>159</sup>

É lícito ainda interpretar a situação das religiosas como representativa da falta de ambição em obter altos postos de comando na Igreja e serem reconhecidas ou mesmo receberem o sacramento da ordenação. A importância atribuída por elas a esses postos de comando é possível que não representem os objetivos costumeiros. Por essa razão, aceitam de forma tácita a condição e, dentro dela, buscam viver da melhor maneira. É reconhecida aqui estrutura interna e hierárquica tanto do mosteiro quanto da Igreja. No entanto, essa mesma hierarquia pode caracterizar o status participativo das religiosas de clausura na sociedade. Para Raymond ARON (2003, p.516), “*a hierarquia é exclusivamente uma coisa social. Só na sociedade existem superiores, inferiores e iguais*”. Dessa forma, possível entender que a hierarquia do mosteiro está a serviço da caracterização de um grupo. Este, que, apesar de viver em disciplina rígida e contato externo restrito, se insere e integra o contexto social.

---

<sup>159</sup> *Verbi Sponsa*, p. 12.

## **CAPÍTULO 3: MOTIVOS PARA O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NA VRC**

### **3.1. As mulheres do claustro**

Quando elaboramos o projeto que deu origem ao presente estudo, tínhamos interesse em conhecer a população das mulheres enclausuradas no Brasil, participantes das diversas ordens e congregações. Supúnhamos ser uma informação básica e possível de ser obtida junto aos órgãos competentes da Igreja. No entanto, no decorrer da pesquisa, nos deparamos com a inexistência desses dados. Fato esse que pode-se atribuir ao nível de segregação das mulheres na Igreja, principalmente no que se refere às religiosas de clausura. Nosso objetivo, então, passou a ser obter a população das mulheres de clausura da O.C.D. Nova surpresa: também são desconhecidos os dados estatísticos dessas mulheres. Não existe escritório ou administração da ordem no Brasil que tenha essas informações centralizadas. Os motivos informados referem-se ao fato de, uma vez que os mosteiros são independentes e autônomos, cada um administra individualmente sua população e conhece a mesma. No entanto, as quatro coordenadoras dos Carmelos Associados possuem dados mais abrangentes, uma vez que contabilizam a população dos conventos que participam da sua associação. Para tanto, é necessário o contato com as mesmas. Ainda assim, os dados não são completos, na razão em que existem mosteiros que não são associados e “vivem muito fechados”.

Surpreendente ainda o fato de, quando se trata de obter dados sobre o clero da mesma ordem, isso é possível através de uma simples consulta ao website<sup>160</sup> da Arquidiocese de São Paulo, que disponibiliza o banco de dados, com sistema de busca, e fornece informações como endereço, data de nascimento, data da ordenação e cargo do padre/frei que se procura. Pode-se aqui apontar uma forte discriminação de gênero no que se refere ao interesse no conhecimento de suas integrantes.

---

<sup>160</sup> [http://www.arquidiocesedesapaulo.org.br/banco\\_dados/busca\\_clero.asp](http://www.arquidiocesedesapaulo.org.br/banco_dados/busca_clero.asp)

Persistindo nas tentativas de obter alguma referência sobre a população de clausura, foi contatada a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), que, apesar de ter a preocupação de auxiliar na formação das religiosas tanto de vida ativa como de vida em clausura, não possui informações sobre o contingente nacional dessas mulheres. Restou então, o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS –, que em 2005 incluiu, pela primeira vez, uma relação de 35 mil religiosas brasileiras em sua publicação Anuário Católico do Brasil (Volume 2). Vale observar que a publicação existe desde 1957.

Obtivemos um exemplar desse Anuário com o mosteiro CICMST, onde foi possível acessar uma relação das congregações femininas, porém sem distinção entre as congregações de vida ativa ou vida em clausura. Obtive, assim, algumas informações sobre os 54 mosteiros femininos da O.C.D., bem como o número de monjas em cada uma dessas unidades. No entanto, ainda assim não se pode dizer que os dados encontram-se completos ou mesmo corretos, uma vez que na não constam, por exemplo, o nome das monjas do Carmelo CICMST. De qualquer forma, pode-se considerar como um movimento inicial no sentido de conhecer as mulheres devotas da Igreja.

O estranhamento diante da dificuldade de obter-se dados numéricos decorre do fato de que todas as mulheres, ao ingressarem na clausura, necessitam de autorização expressa do bispo da diocese a que se encontram vinculadas. Como confirmado pela priora do mosteiro CICMST, ao ingressar as irmãs preenchem um cadastro com todos seus dados e enviam para o bispo. Ao ser indagada sobre os possíveis motivos que dificultam a disponibilidade de tais informações, a irmã priora disse acreditar que os cadastros devam ficar arquivados em “uma pasta”. Por outro lado, as religiosas relataram com alegria o fato de a diocese à qual encontram-se vinculadas atualmente ter divulgado um “Guia Diocesano 2006”, em que constam todas as integrantes do mosteiro, com as respectivas datas de nascimento.

Diante do quadro revelado por nossa prospecção de dados estatísticos, optamos por trabalhar com os números de religiosas da O.C.D. divulgado no anuário do CERIS,



que aponta uma população<sup>161</sup> de 694 religiosas em 51, dos 54 mosteiros – em três mosteiros não consta a informação do número de monjas.

### **3.1.1. A população do mosteiro**

Em razão das divergências acima apontadas, para fins de análise utilizamos as informações das 19 religiosas que responderam ao questionário aplicado no mosteiro CICMST. Segundo a irmã priora, são dados de todas as irmãs da clausura. Os questionários referente a duas religiosas que se encontravam gravemente enfermas e praticamente inconscientes à época da pesquisa foram respondidos pela priora, com o intuito de nos auxiliar. Segundo ela, nenhuma irmã se opôs a preencher, apesar de algumas informações, em um ou outro caso, não terem sido fornecidas.

As cinco religiosas que foram entrevistadas também responderam o questionário. Este teve o propósito de obter informações sobre o nível sócio-econômico das enclausuradas, uma vez que não se tem essa estatística no contexto nacional. Apresentamos no Anexo 7 os dados de forma tabulada.

A primeira análise diz respeito à idade das monjas, em média<sup>162</sup> 50 anos. Uma média que pode ser considerada alta; tal fato, no entanto, pode ser também atribuída ao fato de tratar-se de um mosteiro com mais de cinquenta anos. Das 19 irmãs, sete têm idade superior a 60 anos – três têm mais de 80 anos. Se considerarmos ainda o fato de que cinco religiosas têm entre 40 e 45 anos, poderíamos entender a preocupação no mosteiro de não aceitar vocacionadas que estejam nessa faixa etária. Pode-se perceber uma certa proporcionalidade no número de religiosas da mesma faixa etária, o que revela a atenção para com a manutenção da comunidade, de forma a que as monjas mais velhas, caso necessitem em idade mais avançada cuidados especiais, possam ser atendidas pelas religiosas mais novas. Essa experiência está sendo vivenciada hoje no mosteiro: duas irmãs sofreram respectivamente há três e quatro anos, acidente

---

<sup>161</sup> Ver anexo 6.

<sup>162</sup> Essa média foi obtida através da soma de todas as idades, dividida pelo número de monjas.

vascular cerebral (AVC) e encontram-se inconscientes, exigindo cuidados em período integral, o que demanda a necessidade de revezamento em seu atendimento e ainda uma estrutura especial - cama hospitalar, tubo de oxigênio, soro etc. - que foi implantada especialmente para essas enfermas.

Um segundo fator para análise refere-se ao nível de instrução das mulheres que optam pela clausura. Ao realizarmos as entrevistas, duas das cinco monjas apresentaram formação superior completa e uma, incompleta (em nosso estudo, a consideramos como graduada no ensino médio), nos levaram inicialmente a supor ser aquela uma qualificação preponderante no mosteiro CICMST. No entanto, após a obtenção dos questionários pode-se observar que, na verdade, o grau de instrução mais elevado é uma característica facilmente detectável entre as monjas que ingressaram até os anos sessenta – quatro das seis religiosas com nível superior completo. Apenas três, de 13 religiosas que ingressaram a partir dos anos setenta, informam ter ingressado com formação superior - duas concluíram o curso e uma cursou apenas um ano e meio. É oportuno ressaltar que uma das duas religiosas que têm curso superior completo teve o mesmo patrocinado pela congregação de vida ativa a que pertencia antes de ingressar na clausura. Portanto, é preponderante a formação de ensino médio das religiosas que ingressam na clausura.

Outro dado que nos chama a atenção é o nível de instrução do pai e da mãe dessas religiosas. De 18 pais (um não foi informado), cinco possuem nível superior completo – quatro dos quais são pais das religiosas que ingressaram até os anos sessenta. Apenas um pai das últimas 13 monjas que ingressaram no mosteiro possui nível superior completo; dois, ensino médio, nove, ensino fundamental – desses, quatro incompleto – e um pai que não estudou.

No que se refere ao nível de instrução das mães das religiosas, observa-se um comportamento distinto ao dos pais. Apenas três das 18 possuem nível superior completo – uma destas com pós-graduação -, sendo que uma é mãe de religiosa que ingressou até os anos sessenta; cinco concluíram o ensino médio, sete possuem o ensino fundamental – sendo que quatro de forma incompleta, duas não estudaram e uma foi somente alfabetizada. Esses dados, por si só, nos possibilitam supor a confirmação de uma discriminação de gênero também no contexto familiar

das religiosas. Pode-se supor que seria um elemento reforçador da submissão dessas mulheres aos maridos, como apontado por três das cinco religiosas entrevistadas (apresentadas na análise do item 3.2).

Quanto à raça, pode-se afirmar serem as religiosas predominantemente de raça branca – 17 de 19 religiosas. Duas indicaram ser afro-descendentes. No que se refere à naturalidade/procedência das religiosas, identifica-se serem significativamente de meios urbanos: oito são provenientes de capitais de Estados do Brasil, quatro de cidades do interior paulista, três do interior do estado do Piauí, duas do interior de Minas Gerais, uma do interior do Paraná e uma do interior de Santa Catarina. Das 11 religiosas naturais de cidades do interior, duas não informaram a atividade profissional dos pais; as demais informaram estar entre as atividades dos pais: operário, lavrador (dois), administrador de fazenda, cafeicultor, vigia, mestre de obras, comerciante e eletricitista.

No que se refere ao exercício de atividade profissional das monjas antes do ingresso na clausura, identificamos que, das 19, cinco não exerceram nenhuma atividade; uma apesar de indicar que trabalhava, não informou qual a função; quatro eram religiosas de vida ativa e realizavam trabalhos nas congregações; as demais indicam terem exercido as atividades de professora (duas), operária de fábrica de tecidos, farmacêutica, vendedora, bibliotecária e manicure.

Em razão dos dados apresentados, pode-se apontar uma diferença entre o perfil sócio-econômico das religiosas que ingressaram até os anos sessenta e as que ingressaram posteriormente. Efetivamente percebe-se um grau de instrução superior tanto da família quanto das religiosas mais antigas. Hoje, no caso das monjas do Carmelo CICMST, não se pode confirmar que os motivos de ingresso na clausura estão vinculados ao ethos rural apontado nos estudos de Miriam GROSSI, uma vez que são provenientes de centros urbanos. Por outro lado, confirma-se a característica do menor grau de escolaridade dos pais da maioria das religiosas que ingressam na clausura, assim como indicado nos estudos de Sílvia FERNANDES,<sup>163</sup>

---

<sup>163</sup> FERNANDES, Sílvia. 2004, p.65: Entre as 19 moças entrevistadas – 7 são de pais separados; 3 mencionaram alcoolismo na família sempre por parte do pai. Pais com baixíssimo grau de escolaridade, sendo analfabetos ou possuindo somente ensino fundamental incompleto. Apenas um caso de nível superior.

e ainda o nível sócio-econômico superior das religiosas que ingressaram até os anos sessenta, como apontado por Débora DINIZ.<sup>164</sup>

Viagens ao exterior foram realizadas por cinco religiosas – sendo uma para país da América Latina e as demais para países da Europa. Empregados/as domésticos/as existiam na residência de cinco religiosas.

Diante do perfil apresentado, pode-se supor que a escolha da vida em clausura, além de outros fatores, apresenta, em alguns casos, certa relação com questões de ordem financeira e até mesmo de perspectiva de vida dessas mulheres.<sup>165</sup>

Distintamente das mulheres seculares, as monjas têm diminuído o interesse na sua formação, preferem crer e afirmar sua crença de que pertencem a um grupo sagrado, e aceitam assim o controle de suas ações individuais.<sup>166</sup> Dessa forma, sentem-se portadoras de uma força maior, capaz de fazê-las vencer e superar as dificuldades da existência.<sup>167</sup> Se considerarmos o contexto social sexista em que viviam, é possível admitir que, para essas mulheres, a vida em clausura permite, pelo menos aparentemente, e na comparação com sua vida anterior, maior estabilidade.

Por outro lado, apesar das restrições, dos eventuais conflitos que a escolha possa ter produzido - o rompimento dos relacionamentos mais próximos e importantes, a impossibilidade de permanecer freqüentando os locais a que estavam acostumadas, a necessidade de abdicar do convívio com familiares e amigos/as -, essas mulheres atribuíram à vida em clausura um valor maior. O mundo material deixa ter valor e significado para essas mulheres.

---

<sup>164</sup> DINIZ, Débora, 1995, p.77: identificou no mosteiro onde realizou trabalho empírico que todas as monjas que ingressaram no mosteiro até a década de cinquenta eram oriundas de famílias abastadas. (p.116) Hoje as moças que procuram o mosteiro são, quase que totalmente provenientes de uma grande classe média (ou remediadas, segundo a terminologia das monjas), como filhas de funcionários públicos ou profissionais liberais.

<sup>165</sup> ALGRANTI, Leila, 1999, p.83, considera, da mesma forma, essas possibilidades.

<sup>166</sup> ERICKSON, Victoria Lee, 1996, p.43.

<sup>167</sup> DURKHEIM, Émile, 1989, p.193.

### 3.2. “Em nome do pai...?”

A escolha e o efetivo ingresso na VRC são entendidos pelas mulheres entrevistadas como parte de um processo que ocorre em suas vidas. São uma seqüência contínua de fatos que se iniciam no contexto familiar e irão exercer influências determinantes nessa opção.

O ambiente familiar se sobressai, em distintos momentos, no discurso das cinco religiosas entrevistadas. Por essa razão, se faz necessária uma breve exposição sobre a importância da família no contexto social. Atribuímos à família o sentido de uma “instituição”. Esta é definida por Peter BERGER como “*um complexo específico de ações sociais*”<sup>168</sup>, em que o modo de agir do indivíduo recebe as primeiras orientações segundo os interesses sociais. Assim, partimos do princípio de que é na família que se originam os processos constitutivos do indivíduo e da sociedade. É nela que serão estabelecidas as primeiras relações; transmitidos os primeiros conceitos; realizada a primeira educação; nela, ainda, o indivíduo é recebido de forma incondicional. É o primeiro grupo de inserção social, ao mesmo tempo em que é o espaço privado do indivíduo. É à família que se atribui a função de amar, cuidar e educar.<sup>169</sup> É através dela que o indivíduo se protege, se separa dos conflitos sociais e aprende uma forma peculiar de se relacionar e enfrentar as situações do dia-a-dia. Da mesma forma, os procedimentos sociais repercutem na família e podem alterar o seu comportamento. Em suma, é na família que serão formados os/as sujeitos/as das relações sociais.

O que se identificou no depoimento das religiosas é que a estrutura familiar atende a um estilo “formal”, representado pela ordem natural reprodutiva composta de: pai, mãe e filhos. No que se refere ao número de irmãs/ãos, pode-se considerar que é pequeno.<sup>170</sup> Das cinco entrevistadas, quatro possuem entre uma e duas

---

<sup>168</sup> BERGER, Peter. 1986, p.100. O autor ainda utiliza-se da definição de instituição do sociólogo alemão Arnold Gehlen, para quem a instituição é “um órgão canalizador que canaliza as ações humanas quase da mesma forma como os instintos canalizam o comportamento animal”. Nas palavras de Berger, (p.101) “as instituições proporcionam métodos pelos quais a conduta humana é padronizada, obrigada a seguir por caminhos considerados desejáveis pela sociedade” e que pareçam ao indivíduo como os únicos possíveis.

<sup>169</sup> FETTER, Marco Antônio. *Afinal qual é o lugar da família?* Disp. em site [http://www.unifam.com.br/opiniao\\_unifam.php](http://www.unifam.com.br/opiniao_unifam.php) ; Acesso em 10.08.06.

<sup>170</sup> FERNANDES Sílvia. 2004, p.65. apresenta que de dezenove famílias das religiosas entrevistadas, doze possuíam entre um e três irmãos, demonstrando, segundo a autora, uma consonância com o perfil demográfico

irmãs/irmãos. Apenas uma possui um número mais significativo, doze irmãs/irmãos. A autoridade paterna é reconhecida expressamente como presente em três das cinco famílias das religiosas – uma das religiosas atribui ao pai o poder de decisão das questões familiares, com a observação que esse poder é exercido de forma amorosa, como cabe a um “homem de Deus”; outra irmã afirma ser muito amiga e muito unida ao pai e à família.

Adentraremos um pouco na abordagem da autoridade paterna para tecer algumas considerações sobre a sua possível influência na escolha da VRC. Vale ressaltar que tal autoridade foi contemplada também nos estudos de Sílvia FERNANDES<sup>171</sup> e Miriam GROSSI.<sup>172</sup> Oportuno esclarecer que, como nos estudos de Débora DINIZ (1995, p.56) não encontramos “*uniformidade aparente nos lares de origem*” e tampouco “*um padrão na religião familiar ou na vida profissional e afetiva das vocacionadas*”. O que observamos no depoimento de três das cinco religiosas é uma manifestação expressa do poder autocrático do pai. As mães, mesmo em situações em que concordam com as filhas, buscam evitar os possíveis conflitos em favor da manutenção de uma harmonia familiar. A seguir, os depoimentos:

Meu pai sempre foi o tipo muito rigoroso, ele não deixava, não deixava nada quase. Mas, com o tempo, como eu trabalhava fora, era independente, tinha meu dinheiro, tinha tudo. Depois dos 18 anos, eu fui adquirindo um pouco mais de liberdade do meu pai, né? *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

(...) Ela só sofria porque meu pai sofria muito e então ela sofria com ele, né?(...) Você não pode agora fazer seu pai ficar bravo porque ele perdeu a mãe dele, acabou de perder a sua avó e não vai sofrer muito com tudo isso, espera um pouco. Aí eu esperei mais um ano (...)” *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

Assim, teve um tempo que ele foi bastante [autoritário], assim, o pai, né? Ele foi assim, ele se impunha muito, nossa! Sempre nessa parte, a gente morria de medo. Ai! Se o pai ficar sabendo alguma coisa [de namoro]. Porque se a gente está gostando a gente acabava mesmo, né? Ele cuidava muito dessa parte da gente assim, né? A gente morria de medo dele, né? O pai sempre foi assim muito paizão mesmo, né? Muito assim, perto da gente, muito próximo, né? E sempre preocupado com a gente, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

---

brasileiro. Diferentemente dos estudos realizados por Miriam GROSSI, (1987, p. 25), segundo os quais “as famílias camponesas das religiosas estudadas, a maioria com mais de dez irmãos”.

<sup>171</sup> Idem, p. 318 - para a autora, a severidade dos pais das religiosas pode ser a justificativa para “certa dificuldade das moças em lidar com a figura masculina” e de se afastarem dos mesmos.

<sup>172</sup> Para Miriam GROSSI (1987, p. 25), o grande número de filhos explicaria em parte a principal tensão entre pai e filha. Esse que se opõe de forma rígida ao ingresso no convento durante adolescência (doze a quinze anos) e permite posteriormente (de vinte a vinte e quatro anos).

A partir da leitura dos três depoimentos das religiosas é de se supor que a relação dessas mulheres com o pai fosse marcada de autoritarismo. A utilização das expressões “tipo muito rigoroso”, “ficar bravo” ou ainda “a gente morria de medo dele” remetem a uma idéia de rígido controle sobre as ações e comportamento dessas mulheres. Admita-se, ainda, que essa autoridade também é causadora de uma “tensão doméstica”<sup>173</sup> na relação familiar e tem significativa importância sobre a escolha da VRC.

A opção pela VRC, segundo o depoimento das irmãs, foi influenciada: pela formação religiosa familiar (três das cinco religiosas); e pelo convívio com irmãs de vida ativa<sup>174</sup> (uma das cinco religiosas). Uma das irmãs faz referência à participação em grupos de jovens da Igreja e comenta a sua admiração pela vida monástica.

O que se observa é que nenhuma das religiosas atribui a escolha da VRC a uma tentativa libertação de uma educação possessiva e autoritária paterna. No entanto, tal fato é passível presunção, se considerarmos alguns fatores: a escolha ocorre quando a mulher está numa idade em que se vêem na necessidade de “definir sua vida”; essas adolescentes quase não tiveram relacionamentos amorosos ou atribuem pouca importância aos mesmos; consideram que, no convento, terão mais independência do que a que lhes foi permitida no convívio em família; e, ainda, vislumbram a possibilidade de manter-se numa comunidade onde as relações são equiparadas às relações familiares e a figura masculina, paterna, está na divindade.

O ingresso na clausura de quatro das religiosas ocorreu entre dezoito e vinte e dois anos. Uma das irmãs ingressou aos vinte anos na vida ativa e aos trinta e três na clausura. Um período da vida em que normalmente ocorrerem definições quanto à atividade profissional ou à tessitura de perspectivas, como relatam as religiosas:

---

<sup>173</sup> A expressão “tensão doméstica”, elemento da tese de John Burdick (1998, p. 110) ao abordar a conversão dos filhos Católicos, foi confirmada por Maria das Dores MACHADO (1996, p. 98) no que se refere a conversão de mulheres casadas a tensão ocorre entre marido e esposa.

<sup>174</sup> Para FERNANDES (2004, p. 80) A maior parte do grupo (quinze) declarou que seu desejo de ser freira foi despertado a partir do contato com religiosas ou padres.

Quando cheguei no terceiro ano do colegial eu tinha que tomar uma decisão para saber o que é que eu ia estudar o que é que eu ia fazer, porque eu não tinha muito bem. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC*

Quando eu comecei a pensar em vocação, eu fazia Ciências Sociais, estava no segundo ano de Ciências sociais. E aí eu deixei o curso, porque, pela necessidade que eu sentia de poder discernir melhor assim. A faculdade tomava muito tempo. Eu estudava a noite, eu trabalhava. E eu tinha sede assim de poder estar mais na paróquia, eu participava de grupo de oração carismática, na época. E eu tinha necessidade assim de poder estar mais, viver mais intensamente isso, para poder discernir assim o que era, né? Se realmente o meu caminho era esse ou não. E aí eu tranquei a matrícula na faculdade de Ciências Sociais. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Aí, quando eu terminei o segundo grau, aí todos os jovens preparam-se para a faculdade, né? Eu também me preparei, né? Fiquei pensando, o que eu vou fazer, né? Qual a faculdade que eu vou fazer? Não conseguia achar a resposta que me satisfazia, né? Se Teologia ou Filosofia, né? (...) faz Filosofia, depois faz Teologia, né? E, nesse meio tempo, antes, antes de terminar, um pouquinho antes, talvez, do terceiro ano para acabar, eu conheci uma jovem que conhecia o Carmelo, né? Eu também nunca tinha ouvido falar de Carmelo. Aí, ela começou a falar que ela vinha aqui, freqüentava, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Eu era professora, me formei lá na faculdade S.S., não sei se a você conhece? E comecei a lecionar. Mas eu sempre pensava assim, que eu tinha influência, que o bem que eu poderia fazer era muito pequeno numa classe de aula assim. Porque eu dava espanhol e depois latim, dava num colégio. Também no colégio S.J. eu lecionava também E também trabalhava com as irmãs P., dava uma aula para as P. que não tinham recebido ainda e formavam-se formavam em religiosas, né? Mas achava que era muito limitado o trabalho, e com Santa Teresinha que ela queria ser missionária no mundo inteiro, né? Em todas as praças do mundo, então a vida religiosa contemplativa atinge o mundo inteiro. *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

A vivência de um relacionamento amoroso somente existiu no caso de duas religiosas, ainda assim, atribuíram pouca importância, como ilustram os depoimentos a seguir:

Namorado tive um só. (...) Até mesmo assim quando eu comecei a pensar tudo isso, bem no começo de eu, porque primeiro, a primeira vez que eu pensei em vida religiosa, primeiro que eu achei a louca endoidou de vez agora, né?! Você ser religiosa, né? (...) E nesse tempo até que eu arranjei um namorado que eu achava que tinha sido paquera, tive umas coisas assim, mas eu não tive namorado, e eu sentia necessidade de namorar primeiro para poder discernir melhor, né, esse caminho. E até foi nesse meio tempo que eu tive um namorado. Mas também durou pouco tempo, a gente terminou, e aí depois foi voltando aquilo. Nessa época que a gente pensa a aquilo lá não tem nada a ver mesmo, né? *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*



(...) nunca me interessei por ninguém. Algumas moças às vezes se interessavam, né? Mas, ali. E também nunca ninguém se interessou por mim.” (...) algumas pessoas assim, ou melhor uma, né? não, duas pessoas, né? que me interessei por um tempo, né? Mas, assim, foi coisa rápida, né? Não foi assim muito tempo. Foi mesmo um namorico. *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Esse descaso apresentado pelo namoro, ou até mesmo a inexistência de relacionamento amoroso - como ocorreu com três outras religiosas -, leva-nos a concordar com a interpretação de Sílvia FERNANDES (2004, p.318) que atribui a essa pouca valorização o interesse em “*garantir a legitimidade da vocação*” e excluir a possibilidade de escolha da vida matrimonial. É admissível, ainda, que o pouco interesse seja decorrente da vontade de não repetirem o exemplo do vínculo conjugal de seus pais - caracterizado predominantemente pela significativa submissão de suas mães. Deixar a família de origem para constituir a sua própria família, no matrimônio, pode significar a possibilidade de reproduzir a relação de domínio patriarcal - uma opção de vida que essas mulheres não encontraram motivação para concretizar.<sup>175</sup>

Entrar na VRC pode exprimir a busca por um espaço onde seja possível “*curar cicatrizes internas – vergonha, humilhação*”.<sup>176</sup> Lá – na clausura - é possível que essas mulheres vivam de forma a não coexistir com o mundo masculino. Este que, no relacionamento com os pais, não lhes remete a uma experiência positiva.<sup>177</sup>

O mosteiro, mesmo com toda a sua rígida disciplina e rotina, com a necessária abnegação dos valores materiais e do propósito de viver na castidade, na obediência e na pobreza, permite a essas mulheres viverem um estilo de vida no qual sejam portadoras de maior independência que no convívio familiar. Leila ALGRANTI<sup>178</sup> considera essa uma “*idéia recorrente na historiografia*”. Conforme se

<sup>175</sup> FERNANDES, Sílvia. 2004, p. 318. Também atribui o desinteresse por namorados à existência de uma “certa dificuldade das moças em lidar com a figura masculina, aspecto que pode ser justificado pela severidade ou alcoolismo dos pais de várias moças.”

<sup>176</sup> CUCCHIARI, apud MACHADO, Maria das Dores. 1996, p.111.

<sup>177</sup> FERNANDES, Sílvia. 2004 p. 8. Tem o mesmo entendimento: “Parece ser razoável pensar que a experiência negativa de algumas moças no relacionamento com os pais na infância e adolescência pode produzir nestas jovens o desejo de afastamento do mundo masculino. Situação que pode ser plenamente vivida no modelo de vida conventual”.

<sup>178</sup> Considera-se a independência de hoje dentro de uma vida de devoção e não a independência vivida na segunda metade do século XVIII - narrada por Leila ALGRANTI (1999, p.214). A VRC tinha características realçadas na forma como as mulheres transformaram os conventos em “espaços e sociabilidade e de cultura feminina”.

verifica o depoimento das monjas a seguir, o mosteiro proporciona uma vida “normal” e alegre.

Mas não é bem assim, nós somos de carne e osso como todo mundo, a gente dorme, a gente come, a gente acorda, a gente trabalha. A nossa vida não é só rezar também. Quer dizer, é uma vida normal, né? Humana. *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

(...) quando a gente é feliz por dentro, a gente sente que isso não acaba, né. É uma alegria muito maior, porque na verdade essas alegrias das festas é só no momento feliz, depois passa, né? E a alegria aqui é uma alegria perene né cada dia aumenta mais né? É diferente.” *Irmã Renata, 43 anos, 25 anos de VRC.*

Porque a gente, de falar a gente não convencia, né? E, assim, no meu coração eu sentia, (...) eles vão ver que eu não estou num lugar triste, né? Se eles conhecerem as irmãs, eles vão sentir a alegria do coração das irmãs e vão perceber que eu vou ficar num local onde realmente as irmãs são felizes, e são alegres, e onde também, se eu gostar, eu também vou ser feliz. Eles vão perceber a alegria das irmãs, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Mesmo sendo necessária a obediência, admitem as religiosas haver, dentro da comunidade do convento, a possibilidade de argumentação e diálogo com a superiora, contrariamente ao manifestado na obediência paterna.

Na questão teológica assim não cabe a nós discutir, então nesse ponto talvez seja diferente, né? Mas em propostas assim mais de viver em comunidade da estrutura da comunidade, em algum momento, quando tiver até alguma chance eu posso até colocar, posso até discutir, posso até colocar aquilo que eu penso e tentar argumentar de uma maneira que de repente aquilo pode mudar, né, porque dentro da comunidade há esse espaço, essa possibilidade, né. No caso talvez essa seja só uma diferença, né? Pela nossa realidade aqui, certas questões, né, mais assim normativas da Igreja em si a gente não vai, mesmo que, é a gente não vai atingir, a gente não vai chegar a essas discussões. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Lógico, essa obediência sempre dialogada. Naquilo, por exemplo, que eu me sinto limitada, eu posso dialogar com meu superior [sic], né? Eu acho que eu não vou conseguir, é, eu posso expor as minhas dificuldades. Não que eu me cale e: pronto! Vai ser assim, eu vou me lançar, né? Não! Eu sempre posso dialogar, assim; e até é bonito, né, essa humildade de sentir as limitações, das dificuldades. Ao mesmo tempo que o superior [sic], é, assim, impõem uma ordem, de a gente realizar como o seu desejo, ele é um pai, né, no caso de masculino. Ao mesmo tempo a superiora é mãe, né? Assim, ela tenta compreender aquela alma, aquela pessoa, né? Não é que seja aquela coisa assim, imperativa, e pronto. Vai ser assim e não tem nem conversa. Não! Sempre tem diálogo. Mas a gente tem que sempre estar, assim, bem atenta, né, para não escapar, tipo assim, com jeitinho não obedecer o que é. Porque sempre a gente vê no superior [sic] a vontade de Deus. *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Oportuno aqui salientar ainda a repercussão da autoridade paterna na vida dessas mulheres que optaram pela vida religiosa. O maior opositor à escolha das filhas está na figura do pai. Apenas uma religiosa afirma ter o pai – definido como um homem de muita fé e muita oração – respeitado e concordado com a sua escolha, mesmo tendo admitido posteriormente que seu entendimento ocorreu somente quatro meses após o ingresso da filha na clausura.

(...) a minha mãe estava contrariada, os meus irmãos estavam contrariados, então eu senti uma força muito grande no pai. De vez em quando ele perguntava né, porque que eu queria, porque que eu não queria mais ir para a África. Tudo que eu falava para ele, ele ficava quietinho. Ele não ficava argumentando. Mas ele só perguntava de vez em quando, né? E aí ele dizia assim para mim, que se eu sentisse que não era a minha vocação, não era para eu ficar. Mas ao mesmo tempo ele dizia que eu tinha toda benção dele, né? Mas aí foi engraçado que depois de quatro meses que eu estava no Carmelo, que eu recebo a primeira carta dele, me surpreendeu tanto, porque nessa carta ele dizia assim: “filha, só hoje eu vim entender e aceitar a sua vocação”. Isso me surpreendeu, porque eu achava que ele era o único que entendia. Então eu ficava toda feliz e falava assim: bom, aqui em casa o pai entende a minha vocação, até me sentia toda orgulhosa porque o pai atendia e aceitava, e na verdade ele não entendia e não aceitava. Ele respeitava. Ele respeitava, ele sentia, inclusive ele falava para minha mãe, né, que quando Deus chama alguém, ninguém pode se opor. Se é mesmo o chamado de Deus, os pais tem que respeitar, né? E o meu pai dizia para minha mãe, né, que acima do pai e da mãe estava Deus, né? Então, se eu sentia que Deus estava me chamando, eles não podiam se opor; falava assim para a minha mãe. Então, com isso, eu achava que ele estava super-feliz com a minha vocação. (...) Aí ele me contou toda uma história, que quando eu saí de casa ele ficou tão nervoso. Ele ficou muito assim deprimido, que ele começou a sofrer muito. (...) Na verdade ele não conhecia assim a vida religiosa contemplativa. Aí ele ficava assim sofrendo, pensando, né, de mim aqui, atrás das grades, para nunca mais voltar em casa. Então ele começou a sofrer muito com isso. *Irmã Renata, 43 anos, 25 anos de VRC.*

Três religiosas confirmam que o pai se opôs à escolha da vida religiosa. Dessas, duas afirmam ter rompido drasticamente as relações com o pai. No entanto, futuramente restabeleceram o relacionamento. Para uma dessas duas religiosas, a ruptura ocorreu quando do seu ingresso na vida religiosa ativa e, somente ingressou na clausura após o falecimento do pai, por entender que o mesmo não suportaria essa sua escolha.

É o primeiro choque foi pior assim quando eu resolvi ir para a vida religiosa, porque quando eu vim para o Carmelo meus pais já haviam falecido. Mas quando eu fui para a vida religiosa em primeiro lugar, o meu pai não aceitou de maneira nenhuma, né? Ficou quatro anos sem falar comigo. Ele não aceitou de maneira

nenhuma e ele dizia para mim assim: se eu fosse, para ele seria assim como se meu caixão estivesse saindo de casa e eu poderia esquecer que tinha pai, porque ele disse que ia esquecer que tinha filha. Ele falou com essas palavras mesmo. E... nos quatro anos primeiros né, da vida religiosa, ele nunca falou comigo mesmo. E lá a gente tinha férias, quando a gente ia para casa, e se eu tentava me aproximar dele ele virava de costas, não me respondia. Eu escrevia sempre assim, várias cartas para ele, mas ele nunca respondia. E de vez em quando, quando ele está mais nervoso, ele dizia assim: eu falava: pai, ele falava: não sou seu pai. Então foi assim bem difícil mesmo nesse sentido, porque ele não conseguia aceitar de maneira nenhuma. Porque meu pai sempre se disse ateu. Então ele não conseguia aceitar de maneira nenhuma. Só depois que a minha mãe morreu é que ele mudou. Acho que pare ele foi um choque muito grande assim a morte da minha mãe, acho que talvez ele foi rever acho muitas coisas né? E aí foi só depois disso que ele voltou a falar comigo. Aí depois ele, ele vinha me visitar sempre. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Mas papai foi muito influenciado por um amigo, que era ateu, e um irmão dele que também era espírita. Então com essas idéias ele não ia aceitar nunca a Igreja, né? Então ele viu que ter uma filha religiosa seria uma vergonha à família. Não uma vergonha assim, mas uma inutilidade, ainda mais a vida contemplativa, é uma coisa inútil, você vai ficar fechada, freira no convento, egoísmo para ser santa, ficar fechada egoisticamente. Então fica aqui fora, você tem seu diploma, você pode trabalhar, e obviamente se fosse enfermeira, se fosse professora, então era uma maravilha. Então ele foi sempre contra, né? E assim mesmo foi muito dura a minha entrada, porque ele não aceitou de jeito nenhum, mas fiquei firme e entrei. (...) Eu tenho dois irmãos. Um irmão mais velho seis anos, e uma irmã mais nova três anos, né. Eram muito amigos, muito unidos. Mas eles aceitaram. É sua vocação, você vai se sentir bem, então siga seu caminho. A minha irmã dizia, siga, siga mesmo. Ajudou bastante. Vá firme, porque nunca vai alcançar que papai dê licença, então me aconselhavam: fuja, fuja! Eu, não, fugir não vou fugir, porque se eu fugir é mais doloroso para ele e eu quero que ele me consulta, que diga: pode ir, né? Mas não chegou esse dia, não. Ele falou “pode ir”, mas não chegou esse dia, não. Ele falou que pode ir, mas não era para voltar de novo. *Irmã Telma, 82 anos; 60 anos de VRC.*

E eles faziam uma idéia muito assim, é, muito triste do Carmelo, né? Achavam, assim, que eu ia ficar aqui, triste, que eu ia perder a minha vida aqui, assim. Eles tinham uma idéia muito triste. Eles não entendiam ainda assim o valor da vida contemplativa. Sobretudo meu pai falava assim: “porque você tem que virar freira, porque você tem que ir lá, tão longe, e ainda atrás das grades?” Meu pai não acreditava. (...) É, e aí, assim, ele não aceitava de jeito nenhum. (...) Então, aí, eles vieram [no dia da entrada]. E foi assim muito gratificante, porque ao mesmo tempo em que ele sentia aquela alegria que vinha aqui de dentro, assim, das irmãs, ia perdendo aquele medo de que parecia um enterro. (...) não, isso aqui não é um “se é Carmelo, morreu”! Porque assim, aqueles olhos bem vermelhos, chorando, chorando. (...) Voltavam com: o lugar dela é aí mesmo, porque ela está muito feliz aí, né? As irmãs são muito alegres, são muito felizes, é uma família, né? Não é nada daquilo que a gente pensava. E sempre dessa forma, né? E aí eles foram se convencendo, aos pouquinhos. *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Em dois casos as mães se opuseram, no entanto respeitaram a posição das filhas, vindo posteriormente aceitar.

Porque minha mãe, de cara ela se opôs, ela ficou muito brava, porque aí ela já estava conformada com a minha vocação de irmã, tudo né? E ela ficou muito assim... ela não queria de forma alguma. (...) O meu pai dizia assim para a minha mãe, né, que lá em casa todos os meus irmãos e as minhas irmãs escolheram o esposo e a esposa que quiseram, que eles tiveram a liberdade de escolher quem eles quiseram, então eles não poderiam se opor também a minha vocação. Que eu também tinha a liberdade de escolher aquilo que eu queria, então isso era um argumento muito forte do meu pai e ele colocava isso muito sério com a minha mãe. Minha mãe, então, ela não dizia nada para mim, mas ela chorava. *Irmã Renata, 43 anos, 25 anos de VRC.*

Minha mãe, sobretudo, ela, assim, no começo, sentia, tinha muita resistência. Mas todas as vezes que ela vinha visitar, ela dizia: “dessa vez você vai voltar comigo. Você volta comigo!” Mas aí, eu fui falando da madre T., fui escrevendo, eu fui falando assim, dando notícias assim como é que eu estava no Carmelo. Das alegrias que eu sentia no Carmelo. Mostrando sempre para eles assim, né? Assim, como eu estava realizada, né? E, todas as vezes que eles vinham aqui, voltavam diferente, né? *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Ao que se percebe, a escolha pelo ingresso na VRC gera inicialmente uma controvérsia<sup>179</sup> com a instituição da família. Com significativa frequência, ocorre de forma ríspida e exige das mulheres vocacionadas uma grande determinação em prosseguir na sua decisão.<sup>180</sup> É possível aqui também atribuir a esse propósito das mulheres, como nos casos de conversão estudados por Maria das Dores MACHADO<sup>181</sup>, uma “*reação das mulheres à posição subalterna que lhes foi reservada na ordem hegemônica dos gêneros?*”. Os motivos pelos quais essas mulheres se propõem a persistir podem ser inúmeros. No entanto, através do depoimento das religiosas entrevistadas, nos foi possível contemplar – entre outros que serão também abordados nesse capítulo – o interesse dessas mulheres em

<sup>179</sup> GROSSI, Miriam. 1987, p. 26. Identifica que “a filha passa por um processo de ruptura com sua família de origem, ao ingressar na Ordem Religiosa. Ruptura que tem um duplo sentido pois é desejada pela filha ao se afastar do meio familiar mas que é sobretudo imposta pela Congregação, que as impõe a volta a família antes de terem sido feitos a Primeira Profissão, que significa o compromisso com a Vida Religiosa. Esse conflito pai/filha que antecede a ruptura deixa de existir à partir do momento que a filha faz seus primeiros votos. Pois uma vez consagrada a filha se torna fonte de prestígio para a família frente à sua comunidade. Os pais elaboram a dimensão do sacrifício de uma filha à Deus como um dom que se reverte para eles”.

<sup>180</sup> DINIZ, Débora. 1995, p.55. Também identifica oposição da família à escolha das mulheres do mosteiro onde realizou sua pesquisa e considera – a oposição familiar – juntamente com o fato de a VRC ser pouco conhecida socialmente, obstáculos a serem superados pelas mulheres que desejam ingressar na VRC.

<sup>181</sup> Essa questão é realizada por Maria das Dores MACHADO (1996, p. 94), quando da análise do processo de conversão das mulheres, ao supor que esta poderia ser entendida como uma “*reação das mulheres à posição subalterna que lhes foi reservada na ordem hegemônica dos gêneros?*”

perpetuar, através de sua escolha, a vivência das relações familiares num estilo de vida em que o convívio com o masculino é, *sim*, diário e de dedicação total, porém de ordem divina. Essa mesma divindade que tem atribuída a responsabilidade de pai e, muitas vezes também de esposo, como observamos no depoimento a seguir:

Eu acho assim que a gente tem que tratar as irmãs com amor de mãe. Isso é muito característico. (...) é como mãe mesmo. Então, eu disse bom, já que, eu fiquei priora, quanto tempo? Que às vezes a gente não soma; vinte filhas. Então, eu ficava com isso assim: “olha eu não sou nem mãe solteira, nem mãe viúva. Então, quer dizer que as minhas filhas têm um pai”. Então, eu vou ter que equilibrar bem essas coisas. Isso me consola. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

A equiparação da VRC com a família é recorrente no depoimento das religiosas entrevistadas.<sup>182</sup> O mosteiro é o local onde essas mulheres recebem os primeiros ensinamentos e onde são formadas<sup>183</sup> para viver adequadamente a vida contemplativa. Assim como na família, cada mosteiro “educa”, atendendo os preceitos da Igreja. No entanto, da mesma forma que a educação dos/as filhos/as é transmitida pela família conforme seus preceitos, o mosteiro transmite a sua interpretação e a forma de praticar que lhe é peculiar.

A própria estrutura familiar do convento, pode-se afirmar, atende a uma idealização, em que o papel da mãe<sup>184</sup> é assumido pela priora e tem a função de proteger, orientar, dar carinho e preservar o funcionamento e a organização dessa família. Dessa forma, torna possível vivenciar essas relações – familiares - até o final de suas vidas, da mesma forma como são preservadas as relações de parentesco.

Porque a gente sente assim [que é] uma família. Isso eu posso dizer que é. A gente se sente em casa. Então quer dizer, a estrutura, não é aquela estrutura de cada um faz o que quer, é uma vida comunitária, mas, por exemplo assim, a priora é chamada madre porque ela é mãe, né, ela é vista como mãe né.” *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

---

<sup>182</sup> GROSSI, Miriam. 1987, p. 87. Confirma a “comparação das relações dentro da congregação com as relações familiares é permanentemente dita e redita, assim como as comparações da escolha da vida religiosa com o casamento”.

<sup>183</sup> Como já vimos, é um direito atribuído ao mosteiro a formação de suas monjas. Verbi Sponsa p. 11.

<sup>184</sup> ALGRANTI, Leila. 1999, p. 208. Reconhece o papel de mãe realizado pela Madre – pois levava esse título, velava pelas religiosas e assumia as responsabilidades morais da instituição. Em seu papel maternal delegava poderes às religiosas imediatamente abaixo dela na hierarquia: a vice priora, a mestre das noviças a vigária.

Cada vez que entra uma [irmã] é uma renovação da família, né? Por mais que a gente queira recebê-la, a gente aprende muita coisa, é sempre uma alegria. É como uma criança numa família, né? Uma criança é uma alegria na família, né? Então, a gente pode estar passando por essas vicissitudes, né?" *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

No convento, contrariamente ao que ocorre na família natural, há um processo inicial de seleção em que se verificam as condições já comentadas no item 1.2.2. Por outro lado, após o ingresso, cumpridas as exigências determinadas pela Igreja e sanadas as questões de seleção de ordem prática do mosteiro, conforme se observa no depoimento a seguir, a aceitação de inclusão passa a ser incondicional, sem rejeições e/ou discriminações, sem cobranças quanto a qualificação, ao conhecimento. As exigências são quanto ao cumprimento das normas do Carmelo e a dedicação à devoção.

Assim como a família, o mosteiro é também um grupo de inserção social, ao mesmo tempo em que garante a privacidade das religiosas. É no convento que essas mulheres se separam dos conflitos sociais, estabelecem uma forma de se comportar, de se relacionar com o mundo exterior, e onde enfrentam as situações do dia-a-dia. Da mesma forma que o comportamento da família é influenciado pelo comportamento da sociedade, também a clausura é, de certa forma, invadida pela dinâmica social, como se observou no item 2.5.1. E, é possível de se presumir que é no mosteiro que serão formadas as sujeitas que se inserem num novo contexto social.

A peculiaridade das relações familiares do mosteiro está justamente na figura masculina. Essa, contrariamente à do pai da família natural, que agia de forma severa e autoritária e impunha sua posição, na clausura é representada pela divindade. Ela, que é poderosa, exigente e ciumenta, é ainda bondosa e amorosa. A devoção e a adoração das religiosas à divindade, mesmo com muito sacrifício, as investe de um poder tal, capaz de alcançar pessoas do mundo todo, e justificar todas as limitações, como ilustra o depoimento das religiosas a seguir:

É uma pessoa que bate na minha porta. Eu acolho. Me abro para Ele. E, ao estar me abrindo a Ele, eu não me abro a um homem. Eu me abro à divindade. Eu me abro a Ele, a todo mundo, porque Nele está tudo incluído, né? Quer dizer então,

eu acho que, [em termos de] realização como mulher, eu me sinto perfeita. *Irmã Flávia, 65 anos, 44 anos de VRC.*

Porque estou aqui e sou feliz. A minha celinha é pequena, né? Três metros por dois, pequenininha, um ovinho, mas ali eu sou feliz. Eu abro minha janela, um quadradinho só, vejo o céu azul, mas sou feliz, me sinto, meu fim é aqui. Eu conto com Jesus no Céu, né? Aqui não me limita. Ao contrário, me dá expansão, né? Porque a minha vocação é abraçar o mundo todo. É rezar pelo mundo todo. É salvar as almas que precisam, né? Quantos pobres, quantos pecadores estão longe de Deus? Amarrados com droga e problemas sexuais, com problemas de todos os tipos que podem existir nesse mundo, né? Na miséria, na pobreza. Então precisam de uma ajuda, né? Eu não posso estar lá para dar a mão, mas eu posso rezar e pedir a Deus que dê alguma solução aqueles problemas. E a gente vê como Deus escuta a oração da gente. Quantas vezes a gente reza por pessoas que precisam, que as mães vem aqui dizendo meu filho está assim num caminho difícil, em caminhos perigosos, e pedem ajuda. E depois dizem “graças a Deus nossos filhos estão bem agora, estão em paz”, então a gente fica feliz de ver como Deus trabalha. Como a graça vai profundo nos corações, né? [13:30] Você não está em contato com eles, mas a oração atinge e as pessoas se voltam para Deus. *Irmã Telma, 82 anos, 60 anos de VRC.*

Outro fator da vida em clausura que pode ser equiparado a de uma família está no controle financeiro e na provisão dos bens necessários a sobrevivência. Ambas precisam garantir o seu sustento. Apesar de as religiosas estarem vinculadas hierarquicamente a uma instituição, é esta quem lhes impõe a autonomia no sentido de se auto-sustentarem e proverem os recursos necessários para a própria subsistência. Essa exigência lhes permite um estilo próprio de se organizar e administrar o seu dia-a-dia, como abordado no capítulo 2, item 2.5. No entanto, as monjas atribuem à hierarquia interna do mosteiro o modelo familiar,<sup>185</sup> em que o papel de mãe é exercido e atribuído à madre e as demais religiosas definidas como irmãs. Suas relações serão baseadas e entendidas dentro dessa estrutura.

Porque a gente sente assim uma família. Isso eu posso dizer que é. A gente se sente em casa. Então, quer dizer, a estrutura, não é aquela estrutura de cada um faz o que quer, é uma vida comunitária, mas, por exemplo assim, a priora é chamada madre porque ela é mãe, né, ela é vista como mãe, né. Eu sinto muito esse clima mesmo. Então quer dizer que, a gente esta aqui para fazer bem feito, né? Procurar ceder as nossas inclinações, os nossos caprichos, né? É um trabalho que a gente tem que fazer para gente. Então quer dizer, até a santa Madre tem, não sei se você já leu a santa Madre, ela é ótima né, ela tem assim: a irmã não vai no coro hoje porque está com dor de cabeça, amanhã porque teve dor de cabeça ontem, e depois de amanhã porque está com medo de ter dor de cabeça (risos). Então, quer dizer, a gente tem que trabalhar nesse sentido, cada

<sup>185</sup> Esse também é o entendimento de Miriam GROSSI (1987, p.85); ela, no entanto, admite essa relação e atribui ao fato de se tratarem de religiosas providas do meio rural. O que se observa é que esse modelo também se confirma nas religiosas de clausura provenientes do meio urbano.



uma sabe que tem que trabalhar nesse sentido. Mas a gente tem essa liberdade, né, de falar. Aqui em nossa comunidade a gente tem esse ambiente assim tranquilo nesse sentido. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Dessa forma, pode-se presumir que é na vida conventual que essas mulheres concretizam, mesmo que de uma forma ressignificada, o convívio familiar harmônico. Ao assumirem um voto de castidade, deixam de cumprir o que é atribuído pela sociedade às mulheres: a reprodução humana. Pode-se dizer que isso é ressignificado na atribuição de uma maternidade espiritual. Não deixam de ser mães, no entanto são “mães espirituais” responsáveis pela salvação do mundo através de suas orações. Ainda assim, segundo Robin SCHOTT (1996, p.87), mesmo sem realizarem a possibilidade de reprodução física, permanecem mulheres, isto é, seres inferiores, segundo o pensamento de Tomás de Aquino, na medida em que se tornam mães espirituais e realizam, assim, simbolicamente, a sua tarefa reprodutiva.

As atividades domésticas não lhes dificultam nenhum desempenho profissional, pelo contrário, são realizadas num horário possível e metodicamente organizado. O trabalho realizado não lhes garante remuneração individual e/ou independência financeira, apenas atendem ao objetivo de preservação da comunidade e de suas condições básicas de sobrevivência – por exemplo alimentação, saúde. Apesar de não lhes ser exigido nenhum padrão de beleza estético, precisam deparar-se com esse desapego de forma constante.

Pode-se ainda considerar como um possível efeito positivo da segregação dessas mulheres o fato de possivelmente não terem que enfrentar a violência doméstica, apesar de a presença masculina ser freqüente no mosteiro, tanto por parte dos confessores, palestrantes, religiosos e visitantes, quanto de funcionários (e os filhos destes), que auxiliam no cuidado do pomar, da horta e do terreno, e que residem nas proximidades do espaço da clausura.

O destino pode ser o casamento, mas o noivo é transcendente, divino. A submissão a ele está na prática das orações, no silêncio e na contemplação. A responsabilidade da família é atribuída a uma das mulheres, a mãe, no entanto, não é assumida sozinha. É auxiliada pelo conselho e pelas demais religiosas que já professaram os votos solenes. Também guardam seus direitos civis, são eleitoras,

votam, apesar de admitirem o pouco acesso a informação dos/as candidatos/as, orientam-se segundo comentários de parentes e outras informações que lhes chegam por amigos, visitantes, e mesmo pelo clero.

Dessa forma, é possível concluir que o mosteiro reproduz, de forma simbólica, a figura e a hierarquia familiar. Ainda que atravessada pela escolha dessas mulheres, reproduzem um esquema familiar que tem na sua estrutura um padrão muito conservador.

### **3.3. Um sentido de liberdade**

A escolha da clausura foi apontada como uma expressão de liberdade pelas cinco religiosas entrevistadas; essa idéia também nos motivou para o título do presente trabalho. Duas palavras com sentidos antagônicos e que parecem complementar-se na expressão dessas mulheres. Buscaremos, assim, tecer algumas considerações sobre a atribuição do sentimento de liberdade dado à vida no claustro. Com base nos relatos da história das monjas, partimos da suposição de que as mesmas vivem na clausura em consequência de uma opção própria, que, na maioria das vezes, ocorreu com forte oposição da família. Deixamos de considerar, portanto, a possibilidade, em vigor no período do Brasil Colônia, de terem sido aí colocadas com o objetivo de preservar a honra ou ainda o patrimônio de sua família.

Importante apontar, ainda, nossa dificuldade de afirmar, mesmo que por suposição, a vivência da liberdade. Por tratar-se de uma questão na qual elementos subjetivos são parte integrante e atribuídos a um sentimento, compartilhamos do pensamento de Peter BERGER, (1986, p.137) para quem:

A liberdade não é acessível empiricamente. Mais precisamente, embora a liberdade possa ser por nós experimentada como uma certeza, juntamente com outras certezas empíricas, não é passível de demonstração por quaisquer métodos científicos.

Por isso, é importante tentar perceber a compreensão de liberdade e sua expressão na vida concreta dessas mulheres, atendendo aos elementos subjetivos de que tratamos. E, por outro lado, atendem a certos indicadores objetivos de liberdade, com a possibilidade de ir e vir. Quer dizer, cruzam-se, na consideração do *quê* constitui a liberdade. Elementos subjetivos e indicadores objetivos. Assim, consideraremos, em primeiro lugar, a motivação das religiosas ao optarem por esse estilo de vida. Distintos e diversos podem ser os elementos que motivaram essas mulheres a optar pela VRC, assim como o entendimento que as mesmas têm do sentimento de liberdade. Percorrendo a trajetória dessas mulheres, podemos verificar alguns elementos que compõem estudos sobre a conversão ou, ainda, sobre a teoria de compensações que integram também o conceito de liberdade numa visão sociológica. Com isso, talvez possamos contemplar algumas possibilidades para uma análise do sentimento de liberdade das monjas. Entendemos não serem essas considerações possíveis de esgotar o tema da liberdade.

Um elemento que se faz presente na análise de estudos de conversão<sup>186</sup> e que pode também ser destacado na vida das monjas de clausura consiste nos dados biográficos dessas mulheres. Em todos os depoimentos das religiosas a biografia foi explicitada através de uma seqüência de acontecimentos que ocorreram em suas vidas. Situações, experiências, fatos que foram vivenciados por essas mulheres e que, em determinada época foram por elas interpretados e reinterpretados.<sup>187</sup> São as compreensões realizadas desses momentos que atribuem um verdadeiro significado a suas vidas. Entendem elas que é nessa trajetória de vida que encontra-se a razão do ingresso na clausura. Os eventos que ocorreram em suas vidas, na época, não tinham nenhum sentido para elas, mas, após o ingresso na VRC, são interpretados como sinais da vontade divina.<sup>188</sup> Admite-se que esse sentimento seja resultante de uma “cadeia de causalidade”<sup>189</sup> que atribui a essas mulheres uma consciência subjetiva da liberdade de que são hoje portadoras.

---

<sup>186</sup> Utilizamos aqui os estudos de JAMES, Willian e WOHLRAB-SAHR, Mônica.

<sup>187</sup> BERGER, Peter. 1986, p. 68. Afirma que nós nunca deixamos de interpretar e reinterpretar nossa própria vida.

<sup>188</sup> GROSSI, Miriam. 1987, p. 31. Identifica no seu estudo o mistério do chamado de Deus que é mencionado pelas entrevistadas.

<sup>189</sup> BERGER, Peter. 1986, p.138.

O depoimento abaixo confirma o entendimento da trajetória de vida:

Sobretudo, porque, assim, a nossa vida tem que ser um chamado, né? Tem que ser um desejo que Nosso Senhor mesmo coloca, né? Porque quando não é, a gente não agüenta ficar uma semana no Carmelo, né? Porque assim, a vida da gente, ao mesmo tempo que para mim era tudo encantador desde que eu entrei até agora, né? Tudo encantador, tudo me faz ver que eu sou como um peixe dentro da água. Que em outro lugar eu nunca iria sentir a felicidade que eu sinto no Carmelo, iria ser, assim, como um peixe fora da água, mesmo, né? Certeza eu tenho, essa liberdade, né? Assim, tudo isso tem essa escolha, com uma liberdade total. Livre para fazer isso como um chamado mesmo de Nosso Senhor. Como Deus quis. Coloca desejos de ser só Dele, de se consagrar só a Ele e de cuidar só das coisas Dele, de viver só para Ele. De pensar nas coisas Dele, e deixar tudo que há no mundo, de uma forma radical. Que nada no mundo parece que preenche e que tudo fica assim como que um estorvo, né, na vida da gente, no mundo, né? Se não tiver essa liberdade, a gente não fica. *Irmã Carina, 28 anos, 8 anos de VRC.*

Outro elemento que podemos apontar como possível indicador da presença da liberdade na escolha realizada pelas religiosas está em considerar o mundo da clausura como a possibilidade de um novo mundo nos termos apresentados por Peter BERGER (1986, p.166), segundo o qual

a liberdade pressupõe uma certa liberação de consciência. Quaisquer que sejam nossas possibilidades de liberdade, elas não se poderão concretizar se continuarmos a pressupor que o “mundo aprovado” da sociedade seja o único que existe. A sociedade nos oferece cavernas quentes, razoavelmente confortáveis, onde podemos nos aconchegar a outros homens (...)

É o ingresso nesse novo mundo que irá permitir a essas mulheres se inserirem em novo grupo e constituir um mundo próprio. Deixar para trás a participação no grupo em que foram socializadas<sup>190</sup>. O fator surpresa encontra-se no fato de a escolha do novo mundo dessas mulheres não guardar relação com os que a sociedade lhes impõe, como o matrimônio ou a dedicação à carreira profissional - mas sim à VRC. E, nesse sentido, pode-se entender a escolha dessas mulheres como um ato de liberdade. Dentro da idéia de liberdade de Zygmunt BAUMANN, é necessário que elas não tenham tido receio de sofrer punições - o que é plausível de ter ocorrido na maioria dos casos. A responsabilidade do ato de escolha foi das próprias religiosas que se manifestaram livres para concretizarem seus objetivos, ao mesmo tempo em que lhes foi/é permitido não prosseguir na sua escolha. A condição da liberdade

---

<sup>190</sup> Idem, p. 149.

para tanto decorre da certeza de que não haverá impedimentos para a ação realizada, situação essa que também se verificou junto às monjas entrevistadas. Apesar de alguns familiares não apoiarem a escolha pela VRC, elas não foram impedidas de exercer a própria vontade.

Por outro lado, o novo grupo em que se inserem é que irá dar nova ordem aos dados de suas biografias de uma forma compensadora.<sup>191</sup> O novo grupo, assim como a família, encontra-se estruturado hierarquicamente com o objetivo de manter o controle social e garantir a sua preservação.<sup>192</sup> O comportamento é padronizado, com horários determinados e disciplina rígida, de forma que faça possível o entendimento das religiosas de ser esse o único comportamento possível. Ou ainda, uma forma para a conquista da salvação.<sup>193</sup> Contraditoriamente, no entanto, é esse mesmo comportamento que, segundo elas, permite viver em um mundo autêntico e de confiança, como exemplifica o depoimento a seguir.

É impressionante, e é uma coisa que eu tinha comentado muito com as pessoas que hoje a gente vendo assim um pouquinho né, daquilo que o é que as pessoas vivem no mundo. Assim cada dia mais assim, é, tantas pessoas que vem aqui cheias de problemas, traumatizadas, é assalto, é isso, é aquilo. Então às vezes as pessoas ficam muito angustiadas, muito ansiosas, com problemas assim tão sérios. Então eu já começo, eu fico tão assustada, eu falo “meu Deus, onde que está liberdade?” Então eu começo a ver que os meus amigos, assim, que prisioneiro é quem está aí fora, Miriam. Eu estou vendo assim, nossa! É impressionante assim, por exemplo, tem amigas minhas, né, que falam assim: em ambiente de trabalho às vezes não consegue ter relacionamento com uma colega, não pode confiar uma coisa de si mesma, de família, é uma inveja, é uma fofoca, é isso, é aquilo, só que não tem, ela acaba assim se fechando embora esteja num mundo com muita gente, mas acaba tanta gente solitária, que não tem assim com quem você conversar, com quem você compartilhar coisas da sua alma. Então isso para mim eu fico assustada. “Meu Deus, o que que é isso?” E aí eu penso o que é a liberdade! Eu falo assim, a liberdade é atrás das grades! Eu nunca imaginava! E hoje eu vejo assim isso tão grande, tão grande. E aqui não, a gente só cresce, para gente não existe um mesmo, não existe nada. Impressionante! Então hoje eu estou olhando assim, ao contrário, eu falo, eu olho aqui, eu vejo você atrás da grade. Que o nosso mundo é tão assim, estranho, né, que as pessoas estão assim cada dia mais assim angustiadas, né, então cadê essa liberdade? E acho que liberdade é justamente você ser você mesma, né? Quando você consegue ser você mesma você é livre. E aqui, através da oração, a gente acaba se abrindo tanto, que acaba sendo transparente. Porque você se coloca diante daquele que conhece tudo!

---

<sup>191</sup> Ibid, p. 74.

<sup>192</sup> Ibid, p.81. Segundo o autor, nenhuma sociedade pode existir sem controle social. Até mesmo um pequeno grupo de pessoas que se encontrem apenas ocasionalmente terá de criar seus mecanismos de controle para que o grupo não se desfaça em muito pouco tempo.

<sup>193</sup> FOUCAULT, Michel. 1987, p. 137.

Que é Deus, né! Então você não precisa ter nenhuma máscara. Você é aquilo que você é. Então acaba caindo tudo. Isso para mim que é a liberdade. *Irmã Renata, 43 anos, 25 anos de VRC.*

Observa-se ainda no depoimento acima que, apesar de viverem na clausura, essas mulheres sentem-se portadoras de uma liberdade que é capaz de atingir o mundo todo. Para elas, são as suas orações que chegam a todos os necessitados e as investem do sentimento de liberdade. Para a vontade da divindade não há limites, e a pressão social não interfere na sua ação – da divindade. A satisfação delas é tanta que as barreiras materiais, como grades e muros, não agridem ou mesmo interferem no seu sentimento de liberdade, como observamos a seguir:

Mas é difícil da gente que, depois que entra para cá, é uma coisa tão impressionante, é uma coisa de uma liberdade mesmo assim que, sabe, não vejo grade, não vejo muro, para mim assim é uma coisa assim, que é até difícil explicar sabe assim, é uma coisa assim que; um dia até escrevendo para um padre até a respeito mais ou menos disso né? Eu dizia que é uma coisa assim que é ... tudo que eu sentia, pelo menos que eu experimentava, mesmo querendo entrar no Carmelo, e experimentava fora, assim não vejo nada disso; é como se a gente passando aqui para dentro é a gente sentir que é uma coisa assim uma liberdade tão diferente, uma coisa tão assim, interior, uma coisa tão assim que flui, que parece, que não tem grade, não tem muro. Aqui dentro assim eu nem penso né? naquilo que está lá fora, que existe. Aquela impressão assim, que eu mesma tive, de opressão, de uma coisa pesada, não tem nada disso. Não sinto nada disso. *Irmã Irene, 39 anos, 6 anos de VRC.*

Servir a Deus é a razão que, segundo elas, as realiza. A primazia está na vida espiritual e silenciosa. Esse processo de doação, por outro lado, é ainda carregado de sacrifícios. Resta-nos, então, interrogar mais uma vez os motivos que as levam a se propor a tantas restrições. Na tentativa desse entendimento, podemos nos utilizar da teoria de Rodney STARK (1996, p.57), para quem “*os problemas humanos são situações recorrentes que requerem investimentos (custos) particulares para a obtenção de recompensas*”. Podemos, então, supor que essas mulheres, ao ingressarem no mosteiro e ressignificarem a sua biografia, investem em busca de uma recompensa que representa para elas um bem maior. Atribuem, assim, a sua nova escolha um valor superior, capaz de compensar todas as eventuais restrições que necessitem sofrer. Esses valores, segundo STARK, são transmitidos e/ou informados por outras pessoas, o que nos leva a pensar, no caso das religiosas, nas pessoas que participaram de seu mundo anterior. As avaliações realizadas pelas religiosas, portanto, dependem também de avaliações que lhes foram repassadas

por outras pessoas. Assim, o valor que essas mulheres atribuem à realização que vivem na clausura pode ser entendida como uma recompensa.

É possível supor que a convivência com o novo grupo seja fornecedora de uma resposta mais favorável às questões anteriores dessas mulheres, e que o convívio com qualquer outro grupo não as colocaria nessa situação. A compreensão e a atenção com que as demais irmãs se voltam para auxiliar e manter o grupo é possível que crie essa harmonia tão desejada em períodos anteriores de suas vidas e produzam um elevado nível de auto-estima que as levem a se adaptar rapidamente, atribuindo tudo isso a um mistério ou chamado divino.

Podemos assim compreender uma liberdade no sentido de que essas mulheres, ao ingressarem, agiram conforme seus desejos e, o fato de terem concretizado essa vontade foi portador de liberdade. É através da prática da liberdade dessas mulheres que foi possível a elas se integrarem nesse novo grupo social.

Entretanto, pode-se claramente identificar uma ambivalência na concepção de liberdade apresentada pelas religiosas, que ocorre em dois momentos de suas vidas: uma, ao ingressar na vida em clausura; e outro em relação ao estilo de vida que levam atualmente no convento.

Essas mulheres fizeram valer a sua vontade ao concretizarem suas escolhas; no entanto, o estilo de vida controlado dentro da clausura não lhes permite continuar praticando e, conseqüentemente, faz com que a liberdade afirmada por essas mulheres tenha um caráter particular. A imposição do controle rígido, da necessidade da obediência através da profissão dos votos religiosos, acarreta o pouco ou quase nenhum uso de suas liberdades. Essas imposições podem ser entendidas não como uma privação da liberdade dessas mulheres, mas sim de as tornarem “incapazes” de serem livres. Ao proibir ou mesmo condicionar o exercício livre dessas mulheres, a instituição as impede de estruturar e administrar a sua própria vida. Dessa forma, para serem aceitas e fazer parte da Igreja, essas mulheres necessitam da clausura, da “não-liberdade”.

Assim, é a organização da instituição que se estende ao convento e que se estabelece por uma rede de dependências que exercerá o controle sobre o comportamento dessas religiosas. Nesse sentido, podemos também nos utilizar aqui da posição de Zygmunt BAUMANN (1989, p. 37) ao destacar a interpretação de Michel FOUCAULT sobre a obra de Jeremy Bentham “O Panopticon” – A casa de Fiscalização – e atribui um novo princípio que pode ser aplicado a todas espécies de estabelecimento. Locais que possuem um poder disciplinador e de vigilância permanente sobre as pessoas e, como no convento, apresentam uma idéia de oposição entre liberdade e não-liberdade. Para tanto, pode-se considerar também o convento como um modelo de sociedade em miniatura, onde o controle é realizado nos locais necessários. No convento também se verifica uma seleção de suas participantes. Estas devem atender exigências e requisitos estabelecidos pela instituição. Uma vez aceitas e integradas ao novo grupo, ocupam diferentes posições hierárquicas. As categorias distinguem-se em diferentes medidas de liberdade e poder em razão da qualificação – apesar de não ser incentivada para o ingresso – e dos cargos que ocupam. Também no convento cria-se um ambiente harmônico e de felicidade que reflete e proporciona a todas as religiosas um ambiente seguro que traz paz e tranqüilidade, permitindo que todas se adaptem e sintam-se acolhidas.

À luz dessa interpretação, o ato de liberdade que foi praticado no momento da escolha pela vida em clausura passa agora a ser um privilégio que, a serviço de uma instituição, não é concedido para essas mulheres. O exercício dos papéis que lhes são atribuídos pela instituição é condicionado ao controle e à fiscalização. A liberdade deixa de ser um direito, mas passa a ser uma concessão. Uma deliberação de “poderosos” que se incumbem do poder de libertar essas mulheres de uma servidão, mesmo que escolhida.

Dessa forma, verifica-se que a participação da mulher, tanto no contexto social secular como no da clausura, pode ser analisada sob um mesmo prisma: da segregação. Em ambos os contextos, as questões discriminatórias são latentes. As lutas em busca de uma conquista devem persistir nos dois ambientes. Os pequenos avanços (se é que assim se pode considerar) conquistados nos últimos tempos pelas mulheres no contexto social - no matrimônio, no mercado de trabalho, na



família - podem ser equiparados, na clausura, aos movimentos de associação dos conventos, criados com o intuito de refletir sobre as questões que envolvem a realidade dessas mulheres. A afirmação de liberdade que as religiosas fazem distingue-se da que inicialmente tinham, e que as permitiu suprir um desejo. Talvez vislumbre a idéia de “liberdade completa”, que, segundo Zygmunt BAUMANN (1989, p. 84), *“só pode ser imaginada (embora não praticada) como plena solidão: abstenção total de comunicação com outras pessoas”*. No entanto, esse estado - até mesmo na teoria - não pode ser sustentado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi motivado pelo interesse em buscar identificar os elementos que impulsionam ainda hoje mulheres a escolher a vida em clausura. Esse tipo de vida baseia-se em valores e prioridades drasticamente diferentes dos valores e interesses das mulheres na vida secular. Posso dizer que foi um trabalho apaixonante e, ao mesmo tempo, de uma complexidade superior a que supúnhamos envolver.

Ao trabalharmos motivação, levantamos o contexto social moderno de onde emergem as mulheres que escolhem a vida em clausura. Consideramos os papéis sociais do contingente feminino, que cada vez mais exigem o envolvimento e a abrangência de funções em diferentes grupos sociais. As lutas e as conquistas, em sua grande maioria decorrentes dos movimentos feministas, sem dúvida contribuíram para uma emancipação da mulher, tendo em alguns aspectos acarretado significativas mudanças na realidade feminina. No entanto, são inúmeras, ainda hoje, as desigualdades de gênero no plano jurídico, familiar, profissional e social. A predominância feminina populacional em diversos segmentos como universidade, política, eleitorado e mesmo religioso não lhes garante a mesma proporcionalidade na participação das posições de comando nesses espaços. Da mesma forma na Igreja, em que a grande participação feminina pouco ou quase nada representa na participação do processo hierárquico. O poder, as regras, as determinações permanecem predominantes na mão de homens. Ainda hoje, eles são os portadores do poder de definir e determinar regras que orientam também a vida religiosa feminina de clausura de uma forma conservadora e submissa.

Ao verificarmos os dados e condições da sociedade contemporânea em que se encontram as mulheres, podemos facilmente atribuir o interesse pela VRC como sendo uma opção em rejeição a todos os valores e papéis que a sociedade lhes atribui, ainda nos dias de hoje.

Por outro lado, identificamos no presente estudo uma certa ambivalência na vida prática das religiosas em relação ao comando masculino. Ao mesmo tempo em que as religiosas estão hierarquicamente subordinadas, atendem aos ritos e ficam restritas ao cumprimento das determinações que lhes são impostas pela Santa Sé, na prática, apresentam um estilo próprio de viver. Suas rotinas e horários são pré-estabelecidos e procuram ser cumpridos como determinado; no entanto, são as situações distintas que vivenciam no dia-a-dia que as faz se adequarem e viverem a clausura.

Especificamente no mosteiro CICMST nos deparamos com essa realidade ambígua. Por um lado, as religiosas afirmam o desejo de forte rejeição dos valores defendidos na sociedade e, por outro lado, manifestam um desejo de reger o mosteiro de forma independente. No entanto, essa independência pode ser vista mais como uma expressão de submissão a um modelo que é devedor de obediência absoluta aos parâmetros que emanam da Santa Sé para elas. Pode-se dizer que a idéia do estilo de vida praticado no mosteiro é de uma completa autonomia, independência e um interesse quase exclusivo da vivência no próprio grupo. Esse fato fica evidente na ausência do interesse das religiosas em participar de movimentos associativos da vida em clausura. A troca de experiência, o convívio com outros mosteiros e até mesmo o próprio contato e necessidade de participação das reuniões é entendido como uma atividade desnecessária. Essas mulheres vivem e preservam o interesse restrito na realidade do seu espaço, em manter-se fiel as determinações da Igreja. Pouco se propõem a colaborar na construção de uma nova identidade da vida feminina em clausura. Uma posição que poderíamos classificar como “conservadora”, com a qual não esperávamos defrontar.

Alguns fatores podem ajudar a explicar essa visão tradicionalista dentro do mosteiro, como por exemplo uma população com significativo número de religiosas idosas, provenientes de um contexto social patriarcal extremamente sexista, e de onde o exemplo hierárquico familiar rígido pode ter sido herdado. Uma visão que se perpetuou, resistindo as novas questões sociais em busca de igualdade de gênero.

Essas posições de certa forma nos surpreenderam, uma vez que os contatos desenvolvidos com mosteiros da mesma ordem em outros Estados nos

demonstravam uma visão mais atualizada e participativa das mulheres da clausura. Pode-se supor que a participação na associação dos mosteiros seja reflexo dessa nova visão e consciência das mulheres enclausuradas. No entanto, é necessário que novos estudos sejam realizados nesse sentido. O que se observou, através do contato com as religiosas que coordenam essas quatro associações, foi uma maior facilidade de acesso, comunicação e o interesse nas questões que envolvem e tratam de suas vidas. Até mesmo os meios de comunicação utilizados pelas monjas atendem a uma atualização e pode-se dizer que permitem maior participação e integração dessas mulheres com a sociedade. Possível é pensar que a proposta da vida contemplativa, nesses mosteiros, esteja dentro dos princípios de contemplação, silêncio e devoção a Deus; no entanto, a integração com o contexto social, ao qual se inserem, ocorre de forma atualizada e, da mesma forma, procura auxiliar através de suas orações. Sinalizam, ao mesmo tempo, uma preocupação em manterem-se unidas e serem participativas umas com as outras. Estão preocupadas em preservar, conscientemente, a opção e o estilo que escolheram para suas vidas.

O que se confirmou no presente estudo, entre todas as religiosas que contatamos, tanto do mosteiro CICMST quanto dos demais Carmelos, foi uma forte motivação em fazer conhecer a beleza que atribuem a sua escolha. A alegria e satisfação de uma vida contemplativa foi unânime. Nesse sentido, tentar identificar os elementos que as motivaram nessa escolha somente é possível em cima de suposições, que decorrem dos elementos que identificamos nos relatos e possibilitaram essa interpretação. No entanto, estão longe de serem considerados uma verdade absoluta, pois a história e as demais experiências que essas mulheres tiveram em suas vidas são de transmissão impossível em uma entrevista. A biografia de cada uma delas foi fortemente enfatizada nos depoimentos, o que nos induz a afirmar que é o contexto e a experiência desses fatos que fizeram com que concretizassem essa escolha. Dentro dessas questões biográficas, a estrutura do contexto familiar e, mais especificamente a relação com a autoridade paterna e a vivência da submissão da mãe, foram elementos que nos chamaram atenção e mereceram destaque como um dos indicadores dos motivos de escolha pela clausura. Da mesma forma que, vivendo num contexto familiar rígido e hierárquico, precisam fazer valer sua escolha, muitas vezes com uma drástica ruptura. Essa mesma escolha volta-se a uma perpetuação de relações hierárquicas, similares a estrutura familiar de onde foram

provenientes. O contexto familiar é ressignificado para atribuir a figura paterna a uma divindade que lhes concede poderes, trata com carinho, é ciumenta, exige sacrifício e submissão, mas retribui, podemos dizer que compensa tudo isso através dos prazeres espirituais que concede a essas mulheres. Daí, o sentimento de paz e felicidade que demonstram. De forma alguma pretendemos concluir, com isso, que a vida contemplativa não exige sacrifícios, não gera conflitos e frustrações nessas mulheres. No entanto, às realizações e à paz que vivem, inseridas dentro de um contexto conventual que reproduz relações familiares é atribuído um valor maior que os eventuais benefícios que a sociedade secular lhes pode fornecer.

Atribuir um perfil as mulheres do claustro no Brasil é uma coisa que exige interesse e novos estudos. O descaso e aparente ignorância ou desrespeito da representação participativa dessas mulheres de vida contemplativa foi um fator que nos surpreendeu significativamente. Mais ainda pela naturalidade que muitos órgãos demonstraram em atribuir esse desconhecimento a uma realidade natural e de pouca importância para ser diferente. A impressão particular nesse sentido foi de que: “se estão enclausuradas, mesmo, pouco importa quantas são...”; pouco representam ou pouco afetam a rotina, o comando ou mesmo a vida na instituição Igreja. Dessa forma, as características das religiosas identificadas nesse trabalho basearam-se exclusivamente no perfil populacional do mosteiro CICMST, que demonstrou um divisor marcante: mulheres que ingressaram até os anos sessenta apresentam um perfil sócio-cultural e econômico significativamente superior às religiosas que ingressaram após esse período. No entanto, em razão das características do mosteiro citadas acima e no corpo do trabalho, não temos elementos para afirmar ser essa uma tendência na vida religiosa em clausura nos dias atuais. É de nos interrogarmos se, em outros mosteiros que eventualmente apresentassem o mesmo perfil, seria possível buscar uma participação mais ativa, como se verifica nos Carmelos Associados. É de se supor que os demais mosteiros, pela visão associativa e comunitária que apresentam, até mesmo entre si, desenvolvam ou apresentem um perfil sócio-cultural diferente superior.

Por fim, entender a escolha da vida no claustro como expressão de liberdade, um conceito que pode ser entendido como uma ausência de restrição de ir e vir ou mesmo de oposição. Nessa análise nos deparamos também com um forte

sentimento ambivalente, a expressão da liberdade dessas mulheres em fazer valer a sua escolha e de realizar a sua vontade. Pode-se dizer que, por estarem onde se encontram, exerceram esse direito, foram livres para ingressar. No entanto escolhem uma vida de submissão, de abdicação de todos os seus bens e de renúncia a sua sexualidade. Restrições que, no discurso, encontram-se direcionadas a uma satisfação espiritual. No entanto, mais uma vez, trata-se de uma questão muito subjetiva, e, como afirma Peter BERGER, impossível de ser comprovada. É de se supor que, segundo as religiosas, a liberdade está no ambiente seguro em que transitam, protegidas, mesmo que não totalmente, mas de parte dos sentimentos que aterrorizam a sociedade moderna, como violência, discriminação etc. Nesse sentido é possível admitir que, ao preservarem a solidão e o convívio com um grupo restrito, estariam se aproximando da concepção de liberdade plena suposta como possível por Zygmunt BAUMAN apenas na completa solidão. Situação essa impossível, pois como apresenta um importante tradutor de “*La Boétie*”, Manuel J. Gomes, ser “a liberdade *“demasiado amarga”*, por estar demasiado próxima da solidão. E da loucura.<sup>194</sup>

Observar essa liberdade em relação ao atendimento de outros direitos, com direitos humanos e ainda se em consonância com algum outro princípio, não foi objeto do presente estudo. Pode-se pensar que a liberdade está no convívio com um grupo menor, que apesar da hierarquia e da restrição do espaço de acesso, preserva a solidão e a introspecção na maior parte do tempo. Todas voltadas para a satisfação espiritual. Não nos cabe aqui avaliar ou discorrer sobre essas interpretações, por entendermos ser realmente uma escolha dessas mulheres que, em tal condição, fizeram valer e preservam o seu desejo. Uma situação que solicita reiteradas confirmações e análises pessoais e que é de modificação possível a qualquer momento. No entanto, respeita a vontade particular de cada religiosa. Situação nem sempre possível para as mulheres da sociedade moderna que, muitas vezes, não conseguem descobrir o sentido da liberdade em suas vidas e condicionam-se a aceitar as “amarras” sociais que lhes são impostas em prol da manutenção de uma sociedade discriminatória de sexo e gênero.

---

<sup>194</sup> Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/boetie.htm>; Acesso em 29.06.06.

Impossível deixar de apontar a nossa gratificação na realização do presente estudo, que particularmente nos permitiu inúmeras reflexões e, ao mesmo tempo, deparar com uma complexidade maior que a inicialmente suposta, principalmente por envolver questões tão pessoais e íntimas das religiosas entrevistadas. A utilização de seus depoimentos e exemplos fazem parte de suas histórias de vida e, portanto, merecem o nosso profundo respeito e consideração. A presença de um sentimento de ter invadido parte de suas vidas e do contexto onde vivem, nos gratifica pela confiança e ao mesmo tempo nos leva a outras reflexões. Por outro lado, é impossível conhecer a clausura sem que essas mulheres compartilhem conosco suas histórias de vida, ansiedades, conflitos e limitações. Buscar desvendar o mundo ainda desconhecido da clausura, mas que se perpetua mesmo com todos seus desafios, somente é possível com a participação dessas mulheres. Um estilo de vida que mesmo após todas as mutações ocorridas no contexto social e por diversos séculos, permanece como opção de vida de muitas mulheres, com uma devoção incomparável em busca da paz.

**Anexo 1: MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO****Liberdade em clausura: opção pela Vida Religiosa Feminina<sup>195</sup>****TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar dessa pesquisa que tem como objetivo abordar a vida religiosa feminina em clausura.

Foi-me comunicado que minha identidade será mantida em sigilo e que tenho liberdade para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento.

Minha participação na pesquisa compreenderá, por meio de entrevista, informar sobre o meu processo de ingresso e participação na vida religiosa em clausura.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2005

\_\_\_\_\_  
Assinatura

<sup>195</sup> Título provisório do presente estudo no período de a realização das entrevistas. Foi alterado após a banca de qualificação, com a sugestão da Profa. Maria Lúcia Carvalho da Silva.



## Anexo 2: MODELO DE QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

Ano de Ingresso no mosteiro: \_\_\_\_\_

Idade ao ingressar: \_\_\_\_\_

Idade atual: \_\_\_\_\_

Fase atual de formação: ( ) postulante ( ) noviça ( ) professa solene

Naturalidade: cidade onde nasceu: \_\_\_\_\_ estado: \_\_\_\_\_

Etnia/Cor:

( ) branca ( ) negra ( ) afro-descendente ( ) oriental ( ) indígena

Qual o seu grau de instrução:

( ) não estudou

( ) primeiro grau (ensino fundamental) incompleto. Quantos anos cursou? \_\_\_\_\_

( ) primeiro grau (ensino fundamental) completo.

( ) segundo grau (ensino médio) incompleto. Quantos anos cursou? \_\_\_\_\_

( ) segundo grau/ensino médio completo.

( ) nível superior incompleto Quantos anos cursou: \_\_\_\_\_

( ) nível superior completo Qual o curso: \_\_\_\_\_

( ) pós-graduação/mestrado/doutorado incompleto Qual o curso: \_\_\_\_\_

( ) pós-graduação/mestrado/doutorado completo Qual o curso: \_\_\_\_\_

Estudou em:

( ) Escola pública

( ) Escola particular.

Os custos eram pagos por:

( ) pai/mãe ( ) você ( ) bolsa estudo ( ) Outro \_\_\_\_\_

Ao de ingressar no mosteiro morava com:

( ) família

quem residia no mesmo endereço? \_\_\_\_\_

( ) amigas/amigos

( ) sozinha

( ) outros informe: \_\_\_\_\_

O tipo da residência:

( ) própria (da família) ( ) alugada ( ) outro qual? \_\_\_\_\_

Disponha de Dormitório individual

( ) sim ( ) não Dividia com quem? \_\_\_\_\_

Você trabalhava?

( ) não ( ) sim Qual a atividade? \_\_\_\_\_

Remuneração aproximada:

(o valor do salário mínimo atual R\$ 350,00 apenas como indicativo)

(....) 1 a 5 salários mínimos (R\$350,00 a R\$ 1.750,00)

(....) 6 a 10 salários mínimos (R\$2.100,00 a R\$ 3.500,00)

(....) 11 a 19 salários mínimos (R\$ 3.850,00 a R\$ 6.650,00)

( ) 20 salários mínimos ou mais (R\$ 7.000,00 ou mais)

Você ou a família possuía automóvel / moto?

( ) não ( ) sim Quantos: \_\_\_\_\_

Quem era o/a responsável por suas despesas (alimentação, transporte, moradia)?

( ) pai

( ) mãe

( ) pai e mãe

( ) você própria

( ) outro/a Quem? \_\_\_\_\_

Nível de instrução (escolaridade):

#### **Do Pai**

( ) não estudou

( ) primeiro grau (ensino fundamental) incompleto. Quantos anos cursou? \_\_\_\_\_

( ) primeiro grau (ensino fundamental) completo.

( ) segundo grau (ensino médio) incompleto. Quantos anos cursou? \_\_\_\_\_

( ) segundo grau/ensino médio completo.

( ) nível superior incompleto Quantos anos cursou: \_\_\_\_\_

( ) nível superior completo Qual o curso: \_\_\_\_\_

( ) pós-graduação/mestrado/doutorado incompleto Qual o curso: \_\_\_\_\_

( ) pós-graduação/mestrado/doutorado completo Qual o curso: \_\_\_\_\_

#### **Da Mãe**

( ) não estudou

( ) primeiro grau (ensino fundamental) incompleto. Quantos anos cursou? \_\_\_\_\_

( ) primeiro grau (ensino fundamental) completo.

( ) segundo grau (ensino médio) incompleto. Quantos anos cursou? \_\_\_\_\_

( ) segundo grau/ensino médio completo.

( ) nível superior incompleto Quantos anos cursou: \_\_\_\_\_

( ) nível superior completo Qual o curso: \_\_\_\_\_

( ) pós-graduação/mestrado/doutorado incompleto Qual o curso: \_\_\_\_\_

( ) pós-graduação/mestrado/doutorado completo Qual o curso: \_\_\_\_\_

Atividade profissional:

Do pai:

\_\_\_\_\_

Da mãe:

\_\_\_\_\_

Renda média familiar (incluindo pai, mãe e outros colaboradores da família)

(o valor do salário mínimo atual R\$ 350,00 apenas como indicativo)

(....) 1 a 5 salários mínimos (R\$350,00 a R\$ 1.750,00)

(....) 6 a 10 salários mínimos (R\$2.100,00 a R\$ 3.500,00)

(....) 11 a 19 salários mínimos (R\$ 3.850,00 a R\$ 6.650,00)

( ) 20 salários mínimos ou mais (R\$ 7.000,00 ou mais)

Você viajava ?

( ) não ( ) sim Com que frequência? \_\_\_\_\_

Principal motivo das viagens geralmente era:

(....) férias/turismo

(....) visita a parente

Realizou alguma viagem ao exterior?

( ) não ( ) sim Qual País \_\_\_\_\_

Em sua residência havia:

Televisão:

( ) não (....) uma ( ) mais de uma

Geladeira

( ) não (....) uma ( ) mais de uma

Computador

( ) não (....) um ( ) mais de um

Acesso a Internet

( ) não (....) um ( ) mais de um

Possuía empregada doméstica/faxineira na casa?

( ) não ( ) sim Quantos: \_\_\_\_\_

Outros/as funcionários/as?

( ) não ( ) sim Quantos: \_\_\_\_\_

## **Anexo 3: DIVULGAÇÃO DO CURSO PARA RELIGIOSAS NA CRB**

### **PROFOCO - Programa de Formação para Contemplativas**

**Coordenação: Ir. Maria Helenita Sperotto, ICM**

#### **Curso de Teologia - 3º Módulo**

**Tema: Cristologia e Eclesiologia**

**Data:** 01 a 15 de setembro

**Local:** Igarapé - MG

Em fidelidade ao Espírito e à sua missão de animar, articular e acompanhar a Vida Religiosa no Brasil no seguimento a Jesus Cristo e no serviço profético-testemunhal de promover a comunhão na diversidade de dons e carismas, a CRB mantém um programa de formação para a Vida Religiosa Contemplativa Feminina. Ouvindo seus apelos de formação e conhecendo as dificuldades de auto-sustentação, a CRB, em conjunto com a Equipe PROFOCO, organizou este “Curso de Teologia em 05 Módulos”.

**Objetivo Geral:** Oferecer à Vida Religiosa Feminina Dedicada à Contemplação, um curso de atualização teológica, abrangente, para atender seus apelos e sonhos de formação, realizando a missão da CRB de animar a Vida Religiosa no Brasil.

**Período:** 2004 a 2008

Curso de Teologia - 3º Módulo

Dando continuidade ao Curso de Teologia, neste ano de 2006 a CRB Nacional estará oferecendo o terceiro módulo:

- Tema: Cristologia e Eclesiologia – subdividido em três blocos: Cristologia; Eclesiologia e Vida Religiosa Consagrada e Contemplativa.
- Objetivo específico: Proporcionar um aprofundamento da Vida Religiosa Consagrada como seguimento de Cristo e uma inserção na Igreja local, contribuindo assim, na construção do Reino de Deus.
- Data: de 01 a 15 de setembro de 2006
- Local: Retiro Vicente de Paulo – Igarapé, MG

Continuamos contando com a carinhosa acolhida e participação conforme as etapas anteriores.

**Informações com Ir. M<sup>a</sup> Helenita Sperotto, ICM:** <mailto:zenilda@crbnacional.org.br>

\*Informações disponível junto ao website: <http://www.crbnacional.org.br/cursos.htm>  
acesso em: 29.07.2006.

## **Anexo 4: DOCUMENTO: RELATO DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO**

Carmelo CICMST

O Nosso Carmelo nasceu do coração de Nossa Madre Fundadora, Madre V. de Nossa Senhora das Dores e da Santa Face, no século, S.M.B., cearense do C.

Em 1945, Irmã V. era Mestra de Noviças no Convento de S. T., em São Paulo. Ela era muito alegre e dizia, brincando com as Irmãs, que iria fazer uma fundação no Crato. Certo dia, conversando no locutório com uma amiga, H. C., contou-lhe sobre uma festinha, das que fazemos em comunidade, em que ela estava preparando a fundação do Crato e que colocara no carrinho da portaria alguns objetos velhos e estragados, os quais deviam seguir para a fundação. Fora um riso geral na comunidade. Sua amiga lhe disse: "Pois eu quero ajudar nessa fundação, Irmã V., e dou-lhe 10 contos de réis". Uma semana depois, sua amiga volta e lhe dá o prometido. Irmã V. ficou espantada e foi entregar o dinheiro a Madre Priora, Madre M. do S. S. que lhe disse para guardar o dinheiro para a fundação. Irmã V., mais assustada ainda, foi consultar Nossa Madre R., venerável e santa religiosa, que viera do Rio de Janeiro para reformar o antigo Recolhimento de Santa Teresa, tornando-o um Carmelo regular. Fora ela quem, em 1919, recebera Irmã V. como postulante e estivera muitos anos ao seu lado como Priora. Madre R. lhe disse: "Não leve na brincadeira, minha filha. Nosso Senhor está mostrando sua vontade; continue a tratar da fundação". Irmã V. falou, então, com as noviças que se entusiasmaram: Irmã M. S. C. J., Irmã T.M. J. e Irmã G.I.C.M. Seria mais um sacrário a ser aberto para Jesus Sacramentado onde ele seria amado, louvado, adorado; mais um mosteiro onde as almas sedentas de Deus encontrariam seu deserto para viver na presença divina. E Irmã V. propôs ainda a intenção de reparar o cisma provocado pela "Igreja Católica Brasileira", recém fundada pelo bispo de M. Escreveu, então, à Madre R.A, sua velha amiga mesmo antes de entrar para o Carmelo, cearense como ela, propondo a fundação e perguntando se viria ajudá-la, pois Madre R. acabara de deixar o cargo de Priora no Carmelo de S.T.M.C. (atualmente, em A.N.). Também pediu a vinda de Irmã R.I.C., que deixara o cargo de Subpriora.

Foi passando o tempo e um dia em que o Sr. Cônego A.M.A.S., mais tarde, Bispo

Auxiliar de São Paulo, foi ao Carmelo atender algumas Irmãs em confissão, Irmã V. falou-lhe do acontecido e ele mostrou-se realmente entusiasmado, prometendo falar com o Sr. Cardeal Dom C.C.V.M., Arcebispo de São Paulo. O Sr. Cardeal ouviu com atenção o Sr. Cônego e, depois, lhe disse: "Eu aprovo. Tome conta disso". O Sr. Cônego pediu às Irmãs do Carmelo de São Paulo que Irmã M.V.D., Irmã Conversa e sua dirigida, também fosse para a nova fundação nascente. E, assim, o Carmelo de C., que já estava no plano de Deus, foi tomando corpo.

Irmã V. começou a pedir ajuda a pessoas amigas para formar um pequeno patrimônio: Dr. F.P.V.A., Dr. C.S., D. M.S. e outros conhecidos também iam fazendo suas doações espontâneas. Abriu-se um "Livro de Ouro", onde constam todos os donativos angariados.

Mas, faltava uma casa para iniciar o Carmelo. A então noviça Irmã M.S.C.J. conhecia a cidade de C. e seu vigário, o Padre M.P.. Falou-se com ele, que ficou muito feliz com a idéia de um Carmelo em sua paróquia e encarregou-se de arranjar uma casa provisória.

Assim, entrou em contato com seu amigo Sr. D.A.F. que possuía uma chácara, à Via R.T. km 39. O Sr. D. entusiasmou-se pela idéia e cedeu sua casa por três anos. Mais ainda: às suas custas, adaptou-a para um pequeno mosteiro, dividindo os quartos com tabique de madeira para formar as celas; cercando a casa e parte do terreno com cerca de tábuas, de modo a formar a clausura, como tinha pedido Madre V.; formou-se um convento com um bom jardim e horta. O sino do Carmelo nascente, que deveria marcar a cadência dos atos comunitários, foi colocado num coqueiro. Dr. C.S. encarregou-se de mandar, todos os meses, mantimento de sua fazenda. Assim, estando garantidas a assistência espiritual pelo Padre M. P., pároco de C., bem como a casa e a manutenção do Carmelo, foi feito o pedido do Breve em Roma pelo Sr. Cardeal, Dom C.C.M. Contávamos com a Providência para podermos comprar um terreno e começar a construção do Carmelo definitivo.

Assim, no dia 13 de fevereiro de 1947, foi fundado o pequeno Carmelo, numa cerimônia muito simples. Após as despedidas do Carmelo de São Paulo, Madre M.S.S., Priora, deu a benção às Irmãs fundadoras que partiram para C., divididas em carros de suas famílias. Eram elas: Madre R.A., Priora; Irmã M.R.I.C., Subpriora; Irmã V.N.S.D., Clavária; Irmã M.V.D.; Irmã Conversa; Irmã M.S.C.J., noviça; Irmã T.M.J.S.F., noviça e, como postulante veleira, ajuntava-se ao grupo, Irmã M.P.S.C.J. No carro em que vinha, Madre V. trazia a grande imagem de São José. Sua grande devota,

pedia-lhe que fosse o protetor e guia da nova fundação.

Após a Santa Missa na capela improvisada do novo Carmelo, celebrada por Dom A.M.A.S., a casa ficou aberta à visitação do povo. A tarde, o Sr. Cardeal M. veio abençoar a comunidade e fechar a clausura, que foi sempre observada com muito zelo pelas Irmãs.

O tempo foi passando. Chegaram várias vocações. A casa ia ficando pequena, sem que fosse possível começar a construção do convento definitivo. Madre R. também viera por três anos e, no final de 1949, deveria voltar para M.C. Então, Dr. C.S., vendo a aflição das Madres, ofereceu-se para comprar um terreno chamado "Chumbinho", à entrada da cidade, e começar a construção. Foi uma alegria para as Madres responsáveis. Dr. C.S. comprou o terreno em nome do CICMST e começou a construção de uma ala. O muro da clausura foi feito com as mesmas tábuas transportadas da casa provisória. Tudo pronto, no dia 24 de novembro de 1949, então festa de Nosso Santo Padre João da Cruz, as Irmãs puderam mudar no tempo certo de entregar a casa do Sr. D.A. e de Madre R. poder voltar para M.C. onde fora novamente eleita como Priora. O Carmelo estava bem amparado em casa definitiva.

Em 1967, terminou-se a construção do Carmelo, sempre com grande ajuda do Dr. C.S., de famílias amigas e do trabalho das irmãs.

Durante todos esses anos que se seguiram, nossa comunidade teve assistência de sacerdotes para a celebração da Santa Missa, sendo, às vezes, os próprios párocos de C., outra vez, capelães do Carmelo. Para confessores, tivemos nossos padres carmelitas que, ora vinham de São Paulo, ora de São Roque, além de outros sacerdotes amigos que para isso se dispunham.

Madre V., como Priora e Mestra, formou a comunidade mantendo uma harmoniosa unidade. Era muito alegre e maternal, sabendo também exigir muita fidelidade no essencial.

Manteve amizade com sacerdotes que ajudaram espiritualmente a formação das Irmãs com pregações e retiros. Dado que desde a infância tinha especial devoção por Santa Teresinha, correspondia-se fraternalmente com o Carmelo de Lisieux. Isso acabou por favorecer o trabalho de traduções de livros da Santa.

Com a vinda de novas vocações e conforme suas aptidões, foi-se delineando o tipo de trabalho para a manutenção: traduções e revisões de livros; trabalhos de confecção de alfaias; trabalhos artesanais e, sobretudo, a fabricação de hóstias.

Tendo 57 anos de fundação, foram muitas as Irmãs que passaram por nosso Carmelo. Daqui saíram irmãs para as fundações de Passos, Três Pontas, Vitória do Espírito Santo (Cariacica), Franca e Brasília, somando um total de nove Irmãs. A fundação do Carmelo de Santa Teresa e da Beata Miriam de Jesus Crucificado, em Franca, foi assumida pelo nosso Carmelo.

Quatro de nossas limas saíram secularizadas no período pós-Concílio. Atualmente, somos vinte três: 1 postulante; 2 noviças; 3 Professas Temporárias; 14 Professas Solenes e 3 Irmãs Veleiras. Faleceram 10 irmãs, a primeira em 1967 e a última em 2002.

Recebemos as visitas de vários Cardeais: Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, nosso Fundador; Dom Agnelo Rossi, quando Cardeal Arcebispo de São Paulo; Dom Paulo Evaristo Arns, que, também enquanto foi Arcebispo de São Paulo, todas as Quaresmas nos visitava e, depois da celebração da Santa Missa, entrava na clausura, pedindo orações pela Arquidiocese. Ainda o Cardeal Dom Lucas Moreira Neves esteve aqui mais de uma vez.

Recebemos a honrosa visita de muitos Padres Gerais, desde Frei Anastácio do Santíssimo Rosário – o Cardeal Ballestrero – ; Frei Miguel Ângelo de São José; Frei Felipe Sainz de Baranda; Frei Camilo Maccise e, recentemente, Frei Luis Aróstegui Gamboa.

Em 1º de Fevereiro de 1997, como parte das celebrações pelos cinquenta anos de Fundação, nossa capela foi consagrada.

Ainda, sem dúvida, foi de grande importância para nosso Carmelo, dedicado também a Santa Teresinha, recebermos, por ocasião da peregrinação de suas relíquias ao Brasil, em comemoração ao I Centenário de sua morte, a urna-relicário contendo seus ossos.

Carmelo CICMST



## **Anexo 5: O DIA A DIA NO CARMELO CICMST**

### **Horários:**

04:30 – Despertar

04:50 – Recitação de Laudes (Liturgia das Horas)

05:15 às 6:15 – Oração mental

- Intervalo para realização de algumas tarefas caseiras

07: 00 – Recitação da primeira Hora Média (Liturgia das Horas)

07:15 – Santa Missa conventual, aberta também à participação dos fiéis

- Após alguns momentos de oração pessoal, café da manhã.

- Realização dos trabalhos do mosteiro

10: 55 – Recitação da segunda Hora Média (Liturgia das Horas)

11: 15 – Almoço

12: 00 – Recreação em comum

13: 00 – Silêncio rigoroso e descanso

14: 00 – Recitação da Terceira Hora Média (Liturgia das Horas)

14:20 – Leitura espiritual na cela – Lectio Divina

15: 00 – Retorno aos trabalhos do Mosteiro

16: 40 – Recitação de Vésperas (Liturgia das Horas)

17: 00 às 18: 00 – Oração mental

- Em seguida Jantar

18: 40 – Recreação em comum

19: 40 – Recitação das Completas (Liturgia das Horas)

20:10 – Momento de silêncio rigoroso

21: 00 – Recitação do Ofício das Leituras (Liturgia das Horas)

22: 00 – Repouso

**Anexo 6: AS RELIGIOSAS DA O.C.D.**

<b>Carmelo</b>	<b>Cidade</b>	<b>Irmãs PS</b>	<b>Postulantes</b>	<b>Noviças</b>
1	Rio de Janeiro - RJ	...	...	...
2	Porto Alegre - RS	...	...	...
3	Rio Grande - RS	13	0	0
4	São Leopoldo - RS	...	...	...
5	Petrópolis - RJ	19	1	1
6	São Paulo - SP	14	1	3
7	Camaragipe - PE	21	0	2
8	Campinas - SP	15	1	1
9	Rio de Janeiro - RJ (Jacarepaguá)	16	2	0
10	Fortaleza - CE	13	2	2
11	Tanguá - RJ	13	0	1
12	Aparecida - SP	13	0	4
13	Santa Maria - RS	13	1	2
14	Belo Horizonte - MG	15	0	0
15	Pouso Alegre - MG	18	0	2
16	Jundiaí - SP	20	0	1
17	Teresópolis - RJ	15	1	0
18	Cotia - SP	21	1	2
19	Santos - SP	18	1	1
20	Uberaba - MG	14	0	0
21	Pelotas - RS	9	0	0
22	Caxias do Sul - RS	14	0	1
23	Passos - MG	19	2	1
24	Piracicaba - SP	14	1	1
25	Céu Azul - PR	14	1	0
26	Tremembé - SP	16	3	1
27	Cruz Alta - RS	14	0	2
28	Bananeiras - PB	11	0	2
29	Salvador - BA	9	1	1
30	São João da Boa Vista - SP	18	1	0
31	Curitiba - PR	11	2	2
32	Três Pontas - MG	21	2	0
33	Divinópolis - MG	15	2	0
34	Santo Ângelo - RS	12	0	0
35	São Luís - MA	13	3	1
36	Montes Claros - MG	15	1	2
37	Giruá - RS	10	0	0
38	Cariacica - ES	13	0	0
39	Benevides - PA	15	0	0
40	Campo Mourão - PR	10	2	1
41	Itajaí - SC	16	1	0
42	Sete Lagoas - MG	17	3	1
43	Campos dos Goytacazes - RJ	10	1	4
44	Franca - SP	11	4	2
45	São José - SC	6	1	1
46	Teresina - PI	19	0	3

<b>Carmelo</b>	<b>Cidade</b>	<b>Irmãs PS</b>	<b>Postulantes</b>	<b>Noviças</b>
47	Senhor do Bonfim - BA	5	0	2
48	Brasília - DF	20	1	0
49	Propriá - SE	12	1	1
50	Cachoeiro de Itapemirim - ES	5	2	2
51	João Pessoa - PB	6	1	4
52	Coronel Fabriciano - MG	6	0	1
53	Patos de Minas - MG	6	0	9
54	Londrina - PR	11	0	0
<b>TOTAL</b>		<b>694</b>	<b>47</b>	<b>67</b>

PS: Professa Solene

...: Dados não informados

Fonte: Anuário Católico do Brasil (Volume 2) do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS  
Ano 2005

**Anexo 7: A POPULAÇÃO DO MOSTEIRO**

## **Anexo 8: GLOSSÁRIO**

**Associação dos Carmelos:** Instituição que tem por objetivo a troca de experiências entre os mosteiros e incremento na proposta da VRC. Cada Carmelo Feminino da Congregação das Carmelitas Descalças pode escolher participar ou não da Associação dos Carmelos de sua região.

**Bispo:** Autoridade representativa da Igreja, tem a plenitude do sacerdócio, com poderes de conferir os sacramentos da confirmação e da ordem, e que é posto na direção espiritual de uma diocese. Hierarquicamente subordinado ao Papa ou, eventualmente, a um arcebispo.

**Cânone:** são as regras estabelecidas pela Igreja, apresentadas numericamente no Código de Direito Canônico. O Cânone corresponde ao “artigo” dos demais Códigos Jurídicos.

**Capítulo:** conselho formado pelas irmãs que já professaram os votos solenes, para as definições sobre as questões da vida comunitária.

**Cardeais:** são ligados ao Clero de Roma que elegem o Papa e assistem ao governo da Igreja.

**Carmelitas Descalças:** Ordem Religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana formada por mosteiros masculinos e femininos. A reforma dos mosteiros femininos foi realizada por Santa Teresa de Ávila, no século XVI.

**Carmelo:** Geograficamente é uma cadeia de colinas próxima à atual cidade de Haifa (antiga Porfíria), em Israel. É o nome da ordem religiosa que se formou a partir de um grupo de fiéis que se refugiaram no monte Carmelo. Hoje também são assim chamados os mosteiros da Ordem.

**Cela:** quarto de dormir da monja.

\*<sup>196</sup>**Clausura:** Espaço interno do mosteiro, por onde somente as religiosas e pessoas vinculadas ao universo religioso transitam. Sobre a clausura, o Código do Direito Canônico afirma: “...*Cân.667: A clausura tem a finalidade não só de marcar uma certa separação do mundo, mas também de preservar a privacidade dos religiosos*”.

**Clero:** O corpo dos clérigos ou dos eclesiásticos, em sua totalidade ou limitado a uma igreja, região, país etc. “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, op. cit.; acesso em: 09.05.06.

**Concílio:** Reunião realizada regularmente por bispos e outros dignitários eclesiásticos para tratar e legislar em matérias de interesse para as igrejas de determinada região. Disp. em: <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>; acesso em 09.02.06.

**Conselho:** Órgão formado por três ou quatro irmãs, escolhidas por votação, para período de três anos, com a função de auxiliar a priora na gerência do mosteiro.

\***Constituição:** É um conjunto de leis, inspirado na constituição primitiva escrita por Santa Teresa de Ávila no século XVI, que versa sobre os mais diversos procedimentos da vida consagrada comunitária.

**Coroa:** denominação dada ao terço de tamanho grande, com seis dezenas, confeccionado geralmente de madeira pelas próprias religiosas, e fica preso ao cinto.

**Correia:** assim chamado um cinto de couro utilizado pelas religiosas.

**Descalça:** A expressão “descalço” significava “vida rude e pobre” nos termos da Igreja primitiva. Assim, Santa Teresa, ao desejar que a ordem voltasse ao rigor primitivo - a uma vida de mais oração, de pobreza, desapego e simplicidade - estava

---

<sup>196</sup> As palavras precedidas de “\*” foram extraídas do Glossário de DINIZ, Débora, 1995.

querendo a “descalçadura” para sua nova família religiosa. As monjas e frades que aderiam aos movimentos reformistas ditos “descalços” o faziam para demonstrar seu desejo por uma vida de maior pobreza, sobriedade e sacrifício. Disp. em: <http://www.rainhadocarmelo.org.br/html/oed.htm>; acesso em: 30.01.06.

**Diocese:** Definida pelo Código Canônico como *“uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica.”* (“Código Canônico”, Cân. 369, pg. 175, 1998).

**Frade:** assim chamados os religiosos masculinos da Congregação Carmelita. No entanto todos estudam e/ou têm formação de sacerdote.

**Fundo de herança:** Ao ingressarem no mosteiro, as religiosas precisam dispor de todos os seus bens através de testamento reconhecido em cartório. Muitas irmãs fazem doação de seus bens e dos bens de herança para o próprio mosteiro. Os imóveis, que são locados, geram recursos financeiros para o mosteiro.

**Hábito:** Vestimenta tipo uniforme utilizado pelas religiosas no mosteiro.

**Irmã clavária:** designação dada antigamente à irmã que possuía as três chaves de uma “arca” em que eram guardados os documentos importantes do mosteiro. Hoje em desuso. Os documentos são guardados em arquivo e a irmã que exerce esse ofício é chamada de irmã ecônoma.

**\*Irmã conversa:** Categoria de irmã que existiu até antes do Concílio Vaticano II, e que se destinava aos trabalhos pesados do mosteiro, como a cozinha ou limpeza.

**Irmã cronista:** irmã que tem a responsabilidade de escrever o diário com o relato dos principais acontecimentos de cada dia no mosteiro (Crônicas da Fundação até os dias atuais)

**Irmã depositária:** é sempre uma irmã conselheira – é a responsável pela organização da casa, que inclui consertos e compras - a limpeza dos salões de depósito são também de sua responsabilidade

**Irmã ecônoma:** irmã responsável pela parte financeira e contábil, realiza também o controle dos gastos da casa – é de sua responsabilidade anotar débitos e créditos da casa no livro de contas e realizar pagamentos, por exemplo do INSS, luz, água, etc. Normalmente ocupado por uma irmã conselheira ou pela própria priora. Antiga irmã “clavária”.

**Irmã noviça:** Irmã que participa do noviciado, isto é, período inicial de formação da vida religiosa, em que são ensinados os mistérios da Ordem.

**Irmã provisora:** irmã encarregada de determinar o cardápio e controlar o estoque de alimentos, exerce ofício durante um ano.

**Irmã secular:** Aquela que vive no século, no mundo, que não fez votos religiosos, que não está sujeita às ordens monásticas (diz-se de eclesiástico ou freira que participa do século, da vida civil); “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, op. cit.; acesso em 09.02.06.

**Irmã veleira:** Irmã responsável por “velar” o mosteiro. Vivem na parte externa da casa. São responsáveis por fechar os portões, receber os visitantes, realizar compras, pagar contas e cumprir as demais atividades externas do mosteiro.

**Livro de saídas:** Livro obrigatório em todo mosteiro feminino carmelita, no qual são registradas todas as saídas realizadas pelas religiosas, o motivo, bem como a respectiva data e horário. Esse livro é vistoriado pelo bispo da diocese. Caso esse julgue alguma saída desnecessária poderá advertir a religiosa.

**Locutório:** Recinto separado por grades no qual é permitido às pessoas recolhidas em conventos ou mantidas em prisões conversar com as de fora que as visitam. “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, op. cit.; acesso em 09.02.06.



**Noviciado:** O período de formação que normalmente compreende quatro anos, onde são professados os votos temporários por, no mínimo, três vezes. As irmãs que encontram-se nesse período de formação são chamadas irmãs “noviças”.

**Oratório:** espécie de “mini-capela” com imagens de santas/os em distintos locais no mosteiro onde as monjas podem permanecer para suas orações

**Ordens religiosas:** São assim chamados os institutos religiosos, em que os membros emitem votos públicos e têm vida comum. Podem também ser chamadas de Congregações religiosas.

**Pároco:** Padre responsável por uma paróquia; vigário. “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, op. cit.; acesso em 09.02.06.

**Paróquia:** Delimitação territorial de uma diocese sobre a qual prevalece a jurisdição espiritual de um pároco; paroquiato; a população subordinada eclesiasticamente a um pároco. “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, op. cit.; acesso em 09.02.06.

**Postulantado:** período de formação da religiosa, normalmente de doze meses, em que são aprofundados os conhecimentos com aulas aplicadas pela mestre de noviças. Nesse período a candidata recebe a designação de “irmã postulante”.

**\*Piora:** Segundo a organização hierárquica da Igreja Católica, a priora é a representante maior da autoridade eclesial dentro de um mosteiro de vida religiosa. É ela quem substitui a Virgem Imaculada no comando da comunidade.

**Provincial:** padre da O.C.D., com superioridade regular nos mosteiros de determinada região.

**\*Professa Solene:** São as irmãs de véu negro do mosteiro. Após os seis anos de noviciado, com a profissão dos votos perpétuos, a noviça o véu negro torna-se uma monja capitular.

**Santa Sé:** assim entende-se a Cúria Romana, estabelecida no Vaticano sob a autoridade do Papa - chefe da Igreja Católica.

**Santa Tereza de Ávila:** Também chamada Teresa de Jesus. Criou um mosteiro inteiramente voltado à oração e contemplação e foi responsável pela reforma a ordem das Carmelitas. É considerada uma das personalidades místicas católicas. Foi canonizada em 1662 e teve conferido o título de Doutora da Igreja pelo papa Paulo VI em 1970. Informação disponível em <http://geocities.yahoo.com.br/monjascarmelitas/teresa.html>; acesso em 09.02.06.

**São João da Cruz:** Responsável pela reforma da Ordem Carmelitana junto aos mosteiros masculinos, juntamente com Santa Teresa. Desejava voltar à mística religiosidade do deserto, fiel à antiga tradição; foi beatificado em 1675 por Clemente X. Canonizado em dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 pelo papa Pio XI. Inf. disp em: (<http://geocities.yahoo.com.br/monjascarmelitas/joao.html>); acesso em 09.02.06.

**Subpriora:** primeira substituta da irmã superiora – a priora - do mosteiro, quando de sua ausência ou impedimento. No mosteiro CICMST essa função é exercida pela irmã primeira conselheira.

**Verbi Sponsa:** Documento da Igreja que trata da Instrução sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas. Elaborado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, aprovado pelo Papa João Paulo II em 1º maio de 1999.

**\*Vestição:** A cerimônia de entrada para o noviciado era uma das festas mais bonitas do mosteiro, até meados da década de sessenta. Chama-se, e ainda hoje conserva o nome, apesar das diferenças. É na cerimônia da vestição que a candidata recebe, pela primeira vez, um dos Hábitos da Ordem.

**Vocacionada:** denominação dada a quem se apresenta com interesse ao ingresso na vida contemplativa.

## BIBLIOGRAFIA

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da Colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ARON, Raymond. *As Etapas do pensamento sociológico*. 6ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ÁVILA, Teresa de. *Obras completas*. Texto estabelecido por Fr. Tomas Alvarez, O.C.D. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

AZZI, Riolando. *Vida religiosa feminina no Brasil Colonial*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 27ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Luciano de Souza Fernandes. 24ª ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Trad. Waldemar Boff, Jaime Clasen. 2ª ed. ampl. com nova introdução pelo autor. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BOTOMORE, Tom. *A Marxist Consideration of Durkheim*, in *Social Forces*, 59, n.4, 1981.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil*. Trad. Renato Luiz Dodsworth Machado. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos*. BIB: revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, n.56, 2º semestre 2003, pp. 55-69.

Catecismo da Igreja Católica, Edição Revisada de Acordo com o Texto Oficial em Latim, ISBN: 85-15-02152-8. Reimpressão julho de 2002, Edições Loyola, São Paulo.

Código de Direito Canônico. Português. *Constituição Apostólica de Promulgação do Código de Direito Canônico*. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 11ª ed. rev. e ampl. com a legislação complementar da CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CRESPI, Franco. *A experiência Religiosa na pós-modernidade*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DINIZ, Débora. *O Reino da solidão: uma etnografia da vida em clausura das Monjas Carmelitas Descalças*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB. 1995.

DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das Ciências Humanas*. Tomo 1: Positivismo e Hermenêutica Durkheim e Weber. São Paulo: Loyola, 2004.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estud. av.* [online]. Sept./Dec. 2003, vol.17, no.49 [cited 19 June 2006], p.151-172. Available from World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0103-4014.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala, feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *“Ser padre para ser santo”; “Ser freira para servir”: A construção social da vocação religiosa - uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. UERJ. Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. *“Vinho novo em odres velhos?” Uma análise da Vida Religiosa feminina na modernidade contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *A redação pelo parágrafo*. Brasília: Editora Universidade e Brasília, 1999.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 31ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GIDDENS, Antony. *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Transformação da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. 7ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 12ª ed., Petrópolis: RJ, Vozes, 2004.

GONÇALVES, Margareth de Almeida: *Império da fé: andarilhas da alma na época barroca*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

GROM, Bernhard. *Psicología de la Religión*. Madrid: Herder, 1994.

GROSSI, Miriam Pillar. *Casar-se com Cristo: Autonomia ou Submissão?* Relatório Final de Pesquisa; Projeto N 065 do IV Concurso de Dotações para Pesquisa sobre Mulher da Fundação Carlos Chagas – Religiosas: Vocação e Identidade. Novembro, 1987.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber em seu próprio poço: no itinerário espiritual de um povo*. Trad. Ivone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa. Um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. 1ª. reimpr. Da 4ª. ed. de 1987. São Paulo: Brasiliense, 1999

LÉGER, Daniele Hervieu – Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da Religião – Religião e Sociedade, vol. 18, n. 01 – ano 1997 – RJ – ISER.

LUDUEÑA, Gustavo Andrés. El género de las monjas reconstrucción de la feminidad en comunidades monásticas de Argentina. XIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina - de 27 a 30 de setembro de 2005 junto a PUC-RS.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados; ANPOCS, 1996.

MAGALHÃES, Acélí de Assis. História de mulheres: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres. São Paulo: Editora Altana, 2001.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos de & SOIHET, Rachel (org.) O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MAUSS, Marcel e Hubert, Henry. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual da História Oral*. 5ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2005.

MERTON, Thomas. Homem algum é uma ilha. Trad. Timóteo Amoroso Anastácio. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

MOREIRA, A. e Zicman, R. (org.). *Misticismo e novas religiões*. São Paulo: USF/IFAN 1994.

MURARO, Rose Marie. *Por que nada satisfaz as mulheres e os homens não as entendem*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. Globalização e religião. Trad. Andréa D.L. Cardarelo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ORTIZ, Renato. *Introdução. As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

PIAULT, Marc Henri. *A questão do sentido: por um caminho incerto entre crer e saber*. In: Religião e espaço público. Patrícia Birman (org.). São Paulo: Attar Editorial, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "O Sexo como salvação neste mundo: a erótica weberiana nos Ensaios Reunidos de Sociologia da Religião". Trabalho apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Mesa Redonda "Reacessando Max Weber: desencantamento ou reencantamento?" Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.

\_\_\_\_\_. O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito de Max Weber. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia. Ed. 34, 2003.

PRANDI, Reginaldo. Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. – 2ª ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

QUIVY, Raymond & Campenhoudt, Luc van. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1992.

REGRA e Constituições das Monjas Descalças da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, adaptadas segundo as diretrizes do Concílio Vaticano II e as normas canônicas vigentes, aprovadas pela Santa Sé no ano de 1991.

REZENDE, Maria Valéria Vasconcelos. *A vida rompendo muros: carisma e instituição: as pequenas comunidades religiosas femininas inseridas no meio popular no nordeste*. Dissertação de Mestrado. Paraíba, João Pessoa: UFPb, 1999.

ROSADO-NUNES, Maria José F. *Vida Religiosa nos Meios Populares*. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Freiras no Brasil*. In: História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priori (org). 7ª ed., São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Editorial do Dossiê Gênero e Religião para Revista REF Volume 13, n. 2, ano 2005. Também disponível nos sites : [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-026X20050002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-026X20050002&lng=en&nrm=iso) e <http://portalfeminista.org.br>

SANCHIS, Pierre. *Ainda Durkheim, Ainda a Religião*, in: ROLIM, Francisco C. (org). *A Religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. 31 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª ed. rev. e ampl. de acordo com ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHOTT, Robin May. *Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

SOUZA, Beatriz M. & MARTINO, Luiz Mauro Sá (org). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

STARK, Rodney. *A theory of religion*. Primeira publicação. Ed. 1996, By Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey. EUA.

STEIN, Edith. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 3ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TRINDADE, José Damião de Lima. *História social dos direitos humanos*. São Paulo: Peirópolis, 2002

VALLE, Edênio. *Conversão e pertença religiosas*, CRE/PUC-SP, 2005.

VERGOTE, Antonie e outros. *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

WACQUANT, Loic J.D. Durkheim e Bourdieu: *A Base Comum e suas Fissuras*. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 48, julho 1997, p. 29-38.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Textos Selecionados*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores)

WOHLRAB-SAHR, Mônica. *Simbolizando a Distância: Conversão ao Islã na Alemanha e nos Estados Unidos*. Revista Eletrônica REVER, 2002, No. 2, p.1-17, [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2002/index.html](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2002/index.html); Acesso em 22.02.06.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (org). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre a psicanálise e a religião*. Oskar Pfister e autores contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

## **BOLETINS e\_\_\_\_\_**

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL, Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. Vol.2. Rio de Janeiro: CERIS, 2005.

BOLETIM Nº 3 Boletim eletrônico trimestral sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho, a partir dos dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE. Elaboração: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Apoio: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Divulgação: Junho/06. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) <http://www.presidencia.gov.br/spmulheres/> Nova edição do Boletim Mulher e Trabalho com análise da pesquisa mensal de emprego de janeiro, fevereiro e março de 2006 [http://200.130.7.5/spmu/docs/Boletim\\_3\\_PME.pdf](http://200.130.7.5/spmu/docs/Boletim_3_PME.pdf); Acesso em 26.06.06.

Pesquisa da Fundação Perseu Abramo: “A mulher brasileira nos espaços público e privado – outubro 2001. Disp. em <http://www.planalto.gov.br/spmulheres/estudos/index.htm>; Acesso em 18.07. 06.

## **INTERNET**

A Reforma Teresiana - <http://www.carmelo.com.br/default.asp?pag=p000089>; Acesso em: 08.05.06.



CARMELITAS DO CONVENTO DE SANTA TERESA RIO DE JANEIRO. <http://www.carmelo.com.br/casas/riojaneiro.asp>; Acesso em: 20.06.05.

FERNANDES, Maria Helena. “Mulher Elástico”: Assim como a personagem do desenho animado, a mulher contemporânea tem de ser elástica para dar conta das demandas do cotidiano.” *Revista Viver, mente e cérebro*, disponível no site [http://www2.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia\\_49.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia_49.html); Acesso em 20.06.06.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Vida Religiosa feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea. Disponível em <http://chip.cchla.ufpb.br/caos/01-fernandes.html>; Acesso em 20.06. 05.

SCIADINI, Frei Patrício, O.C.D. *A proposta do Carmelo Descalço para o III Milênio*. Disponível no site <http://www.carmelo.com.br/default.asp?pag=p999902>; Acesso em 08.05.06.

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), vinculada à Presidência da República. Inf. e public. disp. em <http://www.planalto.gov.br/spmulheres/>; Acesso em 26.06.06.

Trajetória da mulher na educação brasileira: 1996-2003 INEP, disp. em [http://www.inep.gov.br/estatisticas/trajetoria\\_mulher/default.htm](http://www.inep.gov.br/estatisticas/trajetoria_mulher/default.htm); Acesso em 19.06.06.

VERBI SPONSA, Instrução sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas. Disponível no site [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife/documents/rc\\_con\\_ccsclife\\_e\\_doc\\_13051999\\_verbi-sponsa\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_e_doc_13051999_verbi-sponsa_po.html); Acesso em: 09.05.06.

## REVISTAS E JORNAIS

“*A opção de vida delas: rezar pelo mundo*”. Matéria publicada no Jornal O ESTADO DE S. PAULO (“Geral”, p. A8), São Paulo, 10.05.04.

BOCATO, Raquel, “Representação aumenta à sombra do machismo”, in Folha de São Paulo (“Especial”), São Paulo, 08.03.05. Os dados também encontram-se disp. em <http://www.planalto.gov.br/spmulheres/estudos/index.htm>; acesso em 18.07.06.

“*Clausura – eles vivem atrás das grades por vontade própria, dormem em celas e só saem para rua em caso de doença. O cotidiano de freiras e monges nos oito mosteiros da cidade.*” Matéria publicada VEJA São Paulo, São Paulo, n. 31, ano 36, 06.08.03.

DUNDER, Karla, “Pioneiras que mudaram o rumo da História”, in O Estado de São Paulo (“Caderno 2”, p. D7), São Paulo, 08.03.05.

“*Elas querem ter uma vida de monja: Igreja assiste ao fenômeno do crescimento do interesse das mulheres pela rotina de contemplação e orações nos mosteiros*”;

Matéria publicada no Jornal O ESTADO DE S. PAULO (“VIDA&”, p. A22), São Paulo, 31.07.05.

Existem 30% mais mulheres do que homens estudando nas universidades. VALDEJÃO, Renata, “Elas estudam mais, mas ganham muito menos”, in Folha de São Paulo (Especial, p. 8), São Paulo, 08.03.05.

KHEL, Maria Rita, “Novos cenários na família”, in Folha de São Paulo (“Especial”, p.18), São Paulo, 08.03.05

KON, Anita, “Mulher espera 35% a mais por promoção”, in Folha de São Paulo (Folha Dinheiro), p. B1, São Paulo, 26.03.06.

*“Monjas vivem atrás de grades em busca de espiritualidade”*; Matéria publicada no Jornal Folha de São Paulo (“Cotidiano”, p. C19), São Paulo, 21.05.06.

PIOVESAN, Flávia, “Participação política das mulheres”, in Folha de São Paulo (“Opinião”, A3), São Paulo, 06.02.06.

VEJA, São Paulo, Edição Especial n. 65, ano 39, junho de 2006.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)